



PERSONAGENS DO

# IME

INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA

ANA LÉRIDA PACHECO GUTIERREZ  
ELISABETE ZARDO BÚRIGO

PERSONAGENS DO

IME

INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA



PERSONAGENS DO

IME

INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA

ANA LÉRIDA PACHECO GUTIERREZ  
ELISABETE ZARDO BÚRIGO

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Patrícia Helena Lucas Pranke

***Instituto de Matemática e Estatística***

Diretor: Elismar da Rosa Oliveira

Gerência Administrativa: Fátima Daniela dos Santos Pereira

Organizadoras: Ana Lérica Pacheco Gutierrez, Elisabete Zardo Búrigo

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Incentivo Educacional da UFRGS.

***Núcleo de Produção Editorial – NUPE/Gráfica da UFRGS***

Acompanhamento Editorial: Michele Bandeira

Capa e Projeto Gráfico: Gabriela Peçanha

Diagramação: Gabriela Peçanha e Cássio Ayres Bodnar

Revisão: Felipe Raskin Cardon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P467 Personagens do IME Instituto de Matemática e Estatística / organizadores :  
Ana Lérica Pacheco Gutierrez, Elisabete Zardo Búrigo. – Porto Alegre :  
UFRGS, 2022.

211 p. : il. [e-book]

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-5973-098-8

1. Instituto de Matemática e Estatística (UFRGS) : História. 2.  
Educação Matemática. I. Gutierrez, Ana Lérica Pacheco. II. Búrigo,  
Elisabete Zardo.

CDD: 510.7

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	7
<i>Elismar da Rosa Oliveira</i>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<i>Ana Lérica Pacheco Gutierrez</i> <i>Elisabete Zardo Búrigo</i>	
<b>ORIGENS E PRIMEIROS TEMPOS</b>	20
Três personagens que contribuíram para o desenvolvimento da Matemática Pura no IME	22
<i>Artur Oscar Lopes</i>	
Professor Antônio Rodrigues: construindo pontes, conectando pessoas	28
<i>Marcus Vinicius de Azevedo Basso</i> <i>José Francisco Porto da Silveira</i>	
Joana Bender, educadora matemática	50
<i>Elisabete Zardo Búrigo</i>	
Professor Manoel Luiz da Silva Neto	76
<i>José Francisco Porto da Silveira</i>	

As bibliotecárias pioneiras do IME <i>José Francisco Porto da Silveira</i>	82
José Carlos Grijó, o pioneiro <i>Dinara Westphalen Xavier Fernandez Liane Werner</i>	88
<b>FASE DE EXPANSÃO</b>	<b>108</b>
Jandyra Maria Guimarães Fachel: A visionária <i>Dinara Westphalen Xavier Fernandez Liane Werner</i>	110
João Riboldi: O mentor <i>Dinara Westphalen. Xavier Fernandez Liane Werner</i>	136
Rosane Reginatto: competência, generosidade e tartarugas <i>Álvaro Krüger Ramos Miriam Telichevesky Patrícia Kruse Klaser</i>	158
Carta ao IME: uma solicitação de reconhecimento da evasão de alunos da Licenciatura em Matemática como personagem de sua história <i>Daniella Thiemy Sada da Silva Maria Cecília Bueno Fischer</i>	172
<b>NOTAS</b>	<b>198</b>
<b>LISTA DE SIGLAS</b>	<b>203</b>
<b>ORGANIZADORAS E AUTORES</b>	<b>208</b>

# APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

O livro *Personagens do Instituto de Matemática e Estatística* é uma obra que se autodefine como integradora e reveladora por trazer fragmentos da nossa história, através de seus personagens, buscando nos aproximar como comunidade e constituir um perfil, uma identidade para o nosso Instituto. O olhar adotado aqui é o humano – pessoas e suas vidas como atores de uma peça que se desenvolve ato após ato, no contínuo do tempo. Cada linha aqui escrita é um pequeno acréscimo nessa linha temporal, visando ao compartilhamento destes preciosos personagens que se confundem com suas carreiras como servidores e com o Instituto que ajudaram a construir.

A provocação que faço é a de que nós possamos pensar o próprio IME como um personagem, um ator de sua própria história. Como todo bom personagem, ele é complexo, não é inteiramente livre de vícios, em sua essência, mas ele é perfeito em seu propósito e em suas aspirações, características típicas de uma *Instituição*, que transcendem as limitações do humano. Ao ver o IME como personagem, podemos entender melhor como ele acabou se tornando parte essencial da vida de todos nós, membros presentes e passados de sua comunidade. Já ao ver o IME como instituição, ganharemos a compreensão de como os diferentes personagens aqui

descritos construíram o IME e a si mesmos ao longo de suas atuações como profissionais ou como alunos, em diferentes períodos e conjunturas ao longo da história que contaremos.

A junção dos valores concretos e dos valores afetivos é a raiz da inspiração, do orgulho e do sentimento de pertencimento. Daí surgiram a motivação e o desejo de prestar esta homenagem ao nosso querido IME. Por ocasião dos sessenta anos do IME, sentimos aflorar todo esse conjunto de sentimentos, e este foi o grande combustível das iniciativas que se seguiram no ano de 2019. De modo inédito, percebemos a oportunidade de integrar diferentes grupos de nossa comunidade numa proposta comum: presentear o IME e sua comunidade com um conjunto de atividades que inspirassem as pessoas a se reconhecerem como professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, servidores técnico-administrativos ou docentes, discentes, colaboradores aposentados, todos sentindo-se parte de algo maior. Neste espírito, presenciamos o surgimento de iniciativas como o *60 com café*, que nos brindou com diversos encontros em todas as áreas de atuação existentes no IME, a *Jornada de Matemática e Estatística: 60 anos IME*, proporcionando interação de pesquisadores num amplo espectro de tópicos, a proposição deste livro e outros eventos que mostraram a capacidade de realização atingida quando nos unimos em prol de um objetivo comum.

Como um espectador da história, tive o privilégio de testemunhar uma comissão inicialmente instituída para o planejamento, expandindo-se em grupos e subgrupos que agregaram, com muita competência, contribuições de muitos outros membros da nossa comunidade, incluindo técnicos, docentes e discentes numa sinergia jamais vista. Durante todo o ano de 2019, acompanhamos estes eventos que delimitaram o encerramento de uma etapa e a inauguração de um novo ciclo, trazem-

do esperança, aspirações e promessas, cristalizadas no evento de encerramento e, posteriormente, no campo da socialização, do churrasco de confraternização realizado ao final daquele ano, em 26 de novembro de 2019.

Nenhum de nós é capaz de ponderar o imponderável, daí sua definição. Não sabíamos que do outro lado do mundo, na China, uma pandemia de escala global nascia, nem sabíamos que logo nos primeiros meses de 2020 a COVID-19 chegaria ao Brasil, espalhando-se durante a festa do Carnaval e mudando nossas vidas de modo imprevisível. Em dezesseis de março de 2020, a Reitoria da UFRGS suspendeu todas as atividades presenciais, deixando os primeiros dias daquele futuro que planejamos para nosso Instituto num limbo de existência virtual de mensagens de celular, de e-mails, de videoconferências, até os dias atuais. Mais de um ano depois, e até agora sem previsão de fim, seguimos nesta rotina. Durante a confecção deste texto até sua publicação, mais de quinhentos mil brasileiros já terão perdido suas vidas em razão da pandemia de COVID-19. Nossos estudantes e docentes estarão por mais de dois semestres praticando um Ensino Remoto Emergencial, sem perspectivas de retorno à normalidade, palavra esta que adquiriu novo sentido nestes tempos estranhos, o *novo normal*. Foi nesse contexto que esta obra, a última peça das atividades propostas para os sessenta anos do IME, foi concluída, graças ao esforço das organizadoras, a técnica-administrativa Ana Lérida Pacheco Gutierrez e a professora Elisabete Zardo Búrigo, e dos diversos colaboradores, dando vida e cores às contribuições de diversos personagens de nossa comunidade. Esta obra representa um registro histórico de pessoas e fatos, mas também representa uma oportunidade para aprender lições e exercitar nossa capacidade de empatia e de nos encantarmos com personagens que foram e continuam sendo a porção humana do que hoje em dia é o IME.

Convido-os à reflexão sobre o papel exercido pelo IME como instituição ao durante sua existência. Algumas questões foram e continuam sendo constantes ao longo de todo este período como a ausência de estrutura adequada ao seu desenvolvimento. Desde a inexistência de sede própria, passando pela transferência para espaços temporários até a presente localização no Campus do Vale, as potencialidades de desenvolvimento sempre estiveram atreladas a um fator condicionante, o espaço físico. É impensável que um Instituto, com mais de cem docentes, que atende cerca de dez mil matrículas semestralmente, entre os seus dois departamentos, o de Estatística e o de Matemática Pura e Aplicada, disponha de menos de dez salas de aula, e uma área útil que não atinge sequer um terço dos institutos vizinhos com demanda semelhante. Esta preocupação com a limitação de espaço, junto com a demanda crescente de ofertas de vagas na graduação exigindo uma carga de trabalho docente sempre crescente, especialmente após a expansão universitária do REUNI, foram dois fatores determinantes no modo como a maioria das decisões administrativas e de planejamento foram orientadas ao longo destas últimas décadas. Outra faceta de nossa instituição sempre foi o forte apelo à pesquisa como elemento norteador do Ensino de Matemática, da Estatística e da Matemática Pura ou Aplicada. Este viés teve reflexos profundos na constituição de nossos quadros docentes e na ênfase que foi dada ao desenvolvimento do binário pesquisa-pós-graduação em nosso Instituto. Os concursos docentes realizados nas últimas décadas foram predominantemente pensados para o reforço desse perfil. Hoje em dia, o IME conta com programas de pós-graduação em Ensino de Matemática, em Estatística e em Matemática Pura e Aplicada, apresentando sucesso na formação de centenas de Mestres e Doutores, muitos dos quais vieram a integrar nosso atual

corpo docente. Outro ponto forte de nosso Instituto tem sido a extensão universitária, realizada tanto no âmbito da Unidade quanto em outras unidades acadêmicas, com a participação de nossos docentes, notadamente nossos profissionais da área de Estatística que, pela sua natureza, têm extremo potencial para estudos interdisciplinares, contribuindo ativamente em áreas como economia, medicina, engenharias, epidemiologia, genética e muitas outras. A consolidação da extensão como uma das principais atividades em nosso Instituto se deu pelos incentivos à prática da extensão universitária na carreira docente, tais como a reestruturação da legislação própria e das normas de progressão na carreira, a modernização dos sistemas de extensão, o engajamento de docentes e técnicos e a consciência da importância das atividades de extensão como atividades transformadoras, aproximando o Instituto e a sociedade. Outra característica do IME, como instituição, é a consciência da importância dos profissionais aqui formados. Nossos bacharéis em Estatística, cada vez mais capacitados e desejados nos mais diferentes mercados, nossos licenciados em Matemática, qualificados e tão necessários, com uma missão muito nobre – de levar o amor pela Matemática às escolas, mesmo com todas as mazelas a que os educadores estão expostos – e, por fim, nossos bacharéis em Matemática, uma formação complexa e específica, mas essencial para proporcionar o precioso material humano para abastecer nossas universidades pelas carreiras do magistério superior e da pesquisa.

Voltando nosso olhar sobre o IME como personagem, precisamos retornar à sua origem, sua *história de fundo*, seu DNA originário! É preciso usar uma *lente* apropriada para enxergar o dia nove de março de 1959, dia em que a portaria de fundação foi assinada, convertendo um departamento em um Instituto. Era outro mundo, outra universidade, outra ciência e outro Brasil.

Estatística e Matemática não eram ainda patrimônios nacionais. Livros ou profissionais necessitavam ser trazidos ou formados no exterior. Herdávamos um corpo docente voltado ao ensino pioneiro dessas duas ciências em carreiras afins como engenharia, mas ainda engatinhando no caminho da excelência acadêmica. Carente de espaço próprio, de livros, de material humano e de uma ciência legitimamente brasileira, surge, então, uma sinalização: está nascendo um instituto que quer fazer ciência em patamares internacionais, que quer ter seu espaço para crescer, que quer qualificar seu corpo docente em áreas estratégicas, para desenvolver programas de pós-graduação, que quer ter excelência no ensino, que pensa grande e tem muito caminho a trilhar. Este é o seu ponto de partida. Um reflexo de suas origens sempre foi o dilema entre a vocação para o ensino, como um serviço à UFRGS em diversas carreiras que têm a Estatística e a Matemática como fundamentos, e as aspirações de ser muito mais do que isso: um formador por méritos próprios nas carreiras de Estatística e de Matemática. Naturalmente, esse dilema esteve amalgamado no cerne do seu corpo docente desde as primeiras décadas gerando, por um lado, conflitos entre os que tinham diferentes visões do seu papel e, por outro lado, sendo o motor de transformações como a implantação do primeiro programa de pós-graduação quase vinte anos depois da sua fundação, um movimento que levaria à criação de vários outros programas até os dias atuais. Eu considero esse o início da fase adulta de nosso personagem, descobrindo-se capaz, identificando caminhos a seguir e experimentando. Muitos dos eventos dessa fase estão descritos nos capítulos deste livro através de diversos personagens. Por fim, constato que, aos sessenta anos, nosso amado personagem, o IME, atinge sua senioridade, com um corpo docente extremamente renovado e competente, com muita sabedoria acumulada,

conquistassem diversas frentes e muito desejo de se reinventar e ascender a uma posição de destaque neste nosso palco que é a Universidade.

Ao fim, podemos nos perguntar, afinal, que Instituto é este? Depende de quem pergunta e depende de quem responde. Cada um de nós que integramos esta comunidade temos uma ligação afetiva e um ponto de vista distinto do que o IME significa para nós e do modo como nos inserimos nesta visão. Em uma visão mais analítica e menos afetiva, dividindo e analisando potencialidades e pontos fracos do IME, cabe indagar e decidir como atuar em cada fator que o define em todo seu espectro de atuação. Por ocasião do encerramento dos sessenta anos do IME, foi apresentado à comunidade um panorama de cinco eixos estruturantes para pensar o nosso futuro: Estrutura do IME; Perspectivas de desenvolvimento dos programas de pós-graduação; Questões de gênero, raça e acessibilidade no IME; Vocações do IME e estabelecimento de diretrizes de desenvolvimento e a Estruturação e o desenvolvimento da atividade fim: ensino, em todas as suas dimensões.

Cabe, ainda, em retrospectiva, refletir que as estruturas intrauniversidade e extrauniversidade nunca estiveram mais desfavoráveis do que nos tempos em que vivemos. A ciência encontra-se desvalorizada além de qualquer mínimo aceitável, o financiamento público para ensino e a pesquisa atinge patamares pífios, diante de políticas públicas desastrosas e inconsequentes e, mesmo as percepções dos jovens estão depositadas em outras carreiras percebidas como mais bem sucedidas, reduzindo muito os ingressantes em nossos cursos. A despeito deste cenário, sessenta anos de história nos mostraram como seguir adiante sempre empreendendo, nos superando e buscando novos territórios. Espelhando-nos nas lições deixadas por cada personagem da história do IME, podemos vislumbrar a possibilidade

de um futuro brilhante, para além dos problemas desta época, pois, por mais que fatores pontuais possam exercer influência negativa, é possível identificar, na essência que nos define, uma trajetória de contínuo crescimento e aperfeiçoamento. Não imagino outro futuro para nosso Instituto que não seja um futuro cheio de realizações, honrando e fazendo justiça às histórias dos Personagens do Instituto de Matemática e Estatística. Espero que a leitura deste livro traga-lhe a mesma convicção.

*Elismar da Rosa Oliveira*

# INTRODUÇÃO

**E**m 2019, o Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) comemorou sessenta anos de atividades. As várias iniciativas postas em movimento naquele período representaram um esforço para rememorar o passado, refletir sobre o presente e delinear um futuro. A participação da comunidade demonstrou que havia uma disposição de lembrar e compartilhar registros sobre essa unidade acadêmica.

Acreditamos que uma instituição é construída na interação cotidiana, que se torna fonte de histórias e de sua trajetória no tempo. Nesse sentido, no início de 2020, convidamos a comunidade do IME a participar, por meio da submissão de um texto tendo como tema personagens que representassem esta construção coletiva.

A esse convite, propositadamente amplo, responderam onze autores, rememorando personagens que participaram de diferentes momentos da trajetória do IME, e que deixaram contribuições e lembranças muito diversas. Os autores puderam dispor de acesso a fontes primárias sob guarda do Núcleo de Gestão Documental do Instituto, que vem sendo constituído desde 2015 sob a coordenação de Ana Lérica Pacheco Gutierrez, com o apoio da Gerência Administrativa e das direções do Instituto.

O Instituto de Matemática foi criado como unidade de pesquisa em 1959. Essa iniciativa foi precedida da

instalação do curso de Matemática da nossa Universidade, em 1942; foi formado, naquele momento, um Departamento de Matemática, no âmbito da, então, Faculdade de Filosofia. Dois personagens responsáveis pela constituição do curso e do Departamento foram Ary Nunes Tietböhl e Antônio Rodrigues.

O texto de Artur Lopes narra a participação desses dois personagens e, também, de Ernesto Bruno Cossi, na constituição do Instituto de Matemática e nos esforços de desenvolvimento da pesquisa que frutificariam com o estabelecimento do Programa de Pós-Graduação em Matemática, em 1977.

A trajetória de Antônio Rodrigues é narrada com mais detalhes por Marcus Vinicius de Azevedo Basso e José Francisco Porto da Silveira, destacando seu papel decisivo na constituição do curso de Matemática e seus múltiplos papéis de professor, orientador, educador matemático e diretor do Instituto nos primeiros tempos do IME.

Joana Bender marca a presença das mulheres, desde os primórdios do curso de Matemática. Normalista e professora primária, foi a primeira licenciada. Trazida à lembrança por Elisabete Zardo Búrigo, Joana Bender deixou poucos escritos, mas marcas importantes nas memórias de seus alunos e colegas. Pela sua atuação na formação de professores, pode ser considerada uma precursora da área de Educação Matemática e das pesquisas que resultaram na criação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, em 2004.

José Francisco Porto da Silveira apresenta Manoel Luiz da Silva Neto, diretor do Instituto de Matemática de 1964 a 1966, e responsável pela introdução do estudo do Cálculo Numérico e da Matemática Computacional em nossa Universidade, áreas atualmente abrigadas pelo Programa de Pós-Graduação em Matemática

Aplicada, criado em 1995. Silva Neto também foi um importante personagem da transição entre duas etapas: em 1970, com a reforma universitária que extinguiu a Faculdade de Filosofia, o Instituto de Matemática foi constituído em unidade de ensino. Silva Neto chefiou o novo Departamento de Matemática Pura e Aplicada, reunindo professores de formações diversas e atendendo uma ampla variedade de cursos.

Ainda percorrendo a transição entre o antigo e o novo Instituto de Matemática, José Francisco Porto da Silveira revela o importante papel das primeiras bibliotecárias, Miriam Modelevski Almaleh e Erika Lori Menella, que se somaram aos esforços do professor Rodrigues na constituição da Biblioteca do Instituto e da sua base de dados, em tempos em que impressos eram o único meio de acesso a resultados de pesquisa.

Dinara Westphalen Xavier Fernandez e Liane Werner destacam três personagens cujas trajetórias, em períodos distintos, confundem-se com o desenvolvimento da área de Estatística no IME e na UFRGS. Caminhos estes que se entrecruzam: José Carlos Grijó, e os contemporâneos e ainda atuantes Jandyra Maria Guimarães Fachel e João Riboldi. Percursos de orientadores e orientandos se entrelaçam, assim como as colaborações do Departamento em Estatística com muitas outras áreas da nossa universidade. Acompanhamos uma história que tem como marcos a criação do curso de Estatística, em 1978, e do Núcleo de Assessoria Estatística, em 1981.

Em 2015, reconhecendo a importância da área, o Instituto ganhou sua denominação atual de Instituto de Matemática e Estatística. Mais recente é a criação do Programa de Pós-Graduação em Estatística.

A memória é mediada e se fixa pelos afetos. É o que o texto dos autores Álvaro Krüger Ramos, Miriam Teli-chevesky e Patrícia Kruse Klaser evidencia ao apresentar

como personagem inesquecível Rosane Reginatto e suas tartarugas. Entre psicóloga e professora, essa competente técnica administrativa que exerceu suas atividades como secretária do Programa de Pós-Graduação em Matemática comprova que a educação é um processo que extrapola a sala de aula e pode permear os espaços administrativos também. Rosane construiu, com competência, amizade e afeto, um lugar de acolhida e integração no espaço em que atuou, deixando um legado de lembranças e saudades.

Personificar a evasão foi a proposta das autoras Daniella Thiemy Sada da Silva e Maria Cecília Bueno Fischer, que buscam recuperar, sob uma perspectiva crítica, o tratamento dado ao tema e suas mudanças ao longo do tempo. As diversas vozes que permeiam essa narrativa peculiar apontam para a complexidade que envolve a compreensão do fenômeno da evasão, e indicam a necessidade de atenção permanente ao tema, a partir da constante coleta e avaliação dos dados. Pela carta enviada à comunidade, também conhecemos um pouco da história do curso de Licenciatura em Matemática, que foi desmembrado do Bacharelado em 1990 e ganhou uma nova dimensão desde a criação do curso noturno, em 1995.

Acompanhando os personagens, sabemos também dos espaços que sediaram nosso Instituto: um pequeno apartamento; depois uma casa; mais tarde, o prédio histórico do antigo Instituto Parobé; e, finalmente, o atual conjunto de prédios no Campus do Vale da nossa Universidade.

Outros personagens passaram pelo Instituto e deixaram lembranças. O professor Aron Taitelbaum, um desses personagens tão marcantes, dizia sempre que para cada episódio haverá muitas versões. Pois cada um de nós o rememora ordenando os eventos de um determinado modo, acrescentando tonalidades e

entonações, ignorando ou esquecendo detalhes que serão muito relevantes para outros. Assim, lembramos que as histórias aqui trazidas são aquelas que os autores escolheram ou puderam narrar, com o apoio de variados registros de memória, documentos e fotografias. Não se trata de apresentar uma história oficial do Instituto, nem mesmo sobre as trajetórias de seus personagens. Algumas narrativas evocam as dificuldades vividas em outros tempos, outras trazem eventos cômicos e até, quem sabe, polêmicos. Todos falam de histórias relevantes, porque foram lembradas e compartilhadas.

Com este livro, um dos muitos frutos das comemorações dos sessenta anos do IME, queremos provocar a comunidade a prosseguir no esforço de registrar o que foi vivido e, principalmente, convidar à leitura e partilha das histórias aqui contadas.

Agradecemos fortemente aos autores pelas suas contribuições e à direção do Instituto pelo apoio à realização deste livro.

*Ana Lérica Pacheco Gutierrez*

*Elisabete Zardo Búrigo*



ORIGENS E



# PRIMEIROS TEMPOS

*Fotografia de Cláudio R. Macedo (2015)*



# TRÊS PERSONAGENS

QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO  
DA MATEMÁTICA PURA NO IME

*Artur Oscar Lopes*

**E**m 1958, o Reitor da nossa universidade nomeou uma comissão que foi constituída pelos professores Ernesto Bruno Cossi, Ary Nunes Tietböhl e Antônio Rodrigues, com a incumbência de realizar estudos para a criação do Instituto de Matemática. Esses professores eram naquela época os que tinham a melhor formação matemática no Estado. Os professores Ary Nunes Tietböhl e Antônio Rodrigues haviam estudado com matemáticos italianos na USP<sup>1</sup>. Desde seu começo, o nosso Instituto ambicionava o desenvolvimento de pesquisa em Matemática. Pesquisa no sentido de publicação em periódicos de circulação internacional com *referee*. Ou seja, eles vislumbravam um Instituto de Matemática em que os seus professores, além da docência, também publicavam pesquisa de alta qualidade. A criação do Bacharelado em Matemática, e posteriormente da Pós-Graduação em Matemática, foram de fundamental importância para atingir este fim.

Ao que me consta, o primeiro trabalho de pesquisa em matemática publicado numa revista de pesquisa de circulação internacional, por um docente da nossa universidade, foi do professor Pedro Nowosad, em *Journal of Mathematical Analysis and Applications*, em 1966. Esse trabalho resultou da sua tese de doutorado defendida na *New York University*, em 1965. Por razões diversas, Pedro Nowosad não conseguiu se fixar como docente permanente na UFRGS.

O professor Antônio Rodrigues deu uma importante contribuição à pesquisa em Matemática na UFRGS ao conseguir munir a biblioteca do nosso Instituto de um acervo de textos matemáticos de ótima qualidade. Isto ocorreu durante sua gestão como Diretor da nossa unidade.

O IME da UFRGS conta hoje em dia com um bom número de pesquisadores ativos na área da Matemática Pura (que é o objeto do presente texto). Este feito se deve em boa parte a um grande número de pessoas que atuaram com este objetivo ao longo de várias décadas. Não vou conseguir nomear todas elas. Vou mencionar aqui apenas um certo elenco de nomes que entendo que devam ser destacados.

Em 1977, foi criado o Curso de Pós-Graduação em Matemática e este foi credenciado pela Comissão Nacional de Pós-Graduação em 1980. Este programa foi responsável pela formação do material humano que atuou nos primórdios do desenvolvimento da pesquisa em Matemática Pura em nossa unidade.

O desenvolvimento do nosso programa de pós-graduação, nos moldes semelhantes aos dos centros de pesquisa nos países desenvolvidos, deve-se de forma fundamental ao professor Gerhard Jacob. Ele foi Pró-Reitor de Pós-Graduação da UFRGS no período da formação do primeiro grupo de professores do mencionado programa. O professor Gerhard utilizou recursos da sua Pró-Reitoria para contratar doutores em Matemática, na posição de professores visitantes, para atuarem na nossa unidade. O primeiro a ser contratado foi o professor Miguel Ferrero. Depois, vários outros professores, que concluíram o doutorado no IMPA<sup>2</sup>, foram contratados na mesma modalidade. Estes formaram o núcleo inicial da pesquisa em Matemática Pura em nosso Instituto. Ninguém deveria jamais diminuir a importância de as coisas começarem certo.

O período do início da nossa pós-graduação coincidiu com uma época em que houve grande investimento governamental na pesquisa e na pós-graduação. Havia uma satisfatória disponibilidade de bolsas de doutorado no Brasil e exterior, e também bolsas de pós-doutorado.

O grupo de professores que fundou o programa de pós-graduação era constituído pelos professores Miguel Ferrero, Marcos Sebastiani, Luiz Severo Panta e Artur Lopes.

O segundo nome que cabe destacar aqui é o do professor Ernesto Bruno Cossi. A reforma das universidades brasileiras ocorreu por volta de 1968. Essa reforma tinha como objetivo primordial a modernização e expansão das universidades federais. A estrutura organizacional anterior era baseada nos diversos cursos como Engenharia, Economia, Direito, Filosofia, dentre outros. A Escola de Engenharia tinha seus professores de Matemática, a da Economia tinha os seus também, e assim por diante. A nova estrutura, ao estilo americano, baseava-se em uma organização cujas células eram os diversos departamentos da Universidade. Assim, os professores de um Departamento de Matemática ofereciam várias disciplinas de serviço aos distintos cursos da sua universidade. Este método, que se mostrou mais racional e operacional, acabou com a antiga estrutura das cátedras. Os professores catedráticos, com a reforma, viraram professores titulares.

Na nova estrutura organizacional, logo após o ano de 1968, havia um grande peso, nas deliberações tomadas no âmbito dos Institutos e Departamentos, dos votos dos novos professores titulares. Ernesto Bruno Cossi, que era Professor Titular no Departamento de Matemática Pura e Aplicada, através da sua inestimável atuação apoiou em momentos críticos as demandas de cunho acadêmico defendidas pelo grupo de jovens pesquisadores que aqui se instalou. Ele exercia uma liderança extremamente positiva entre os professores

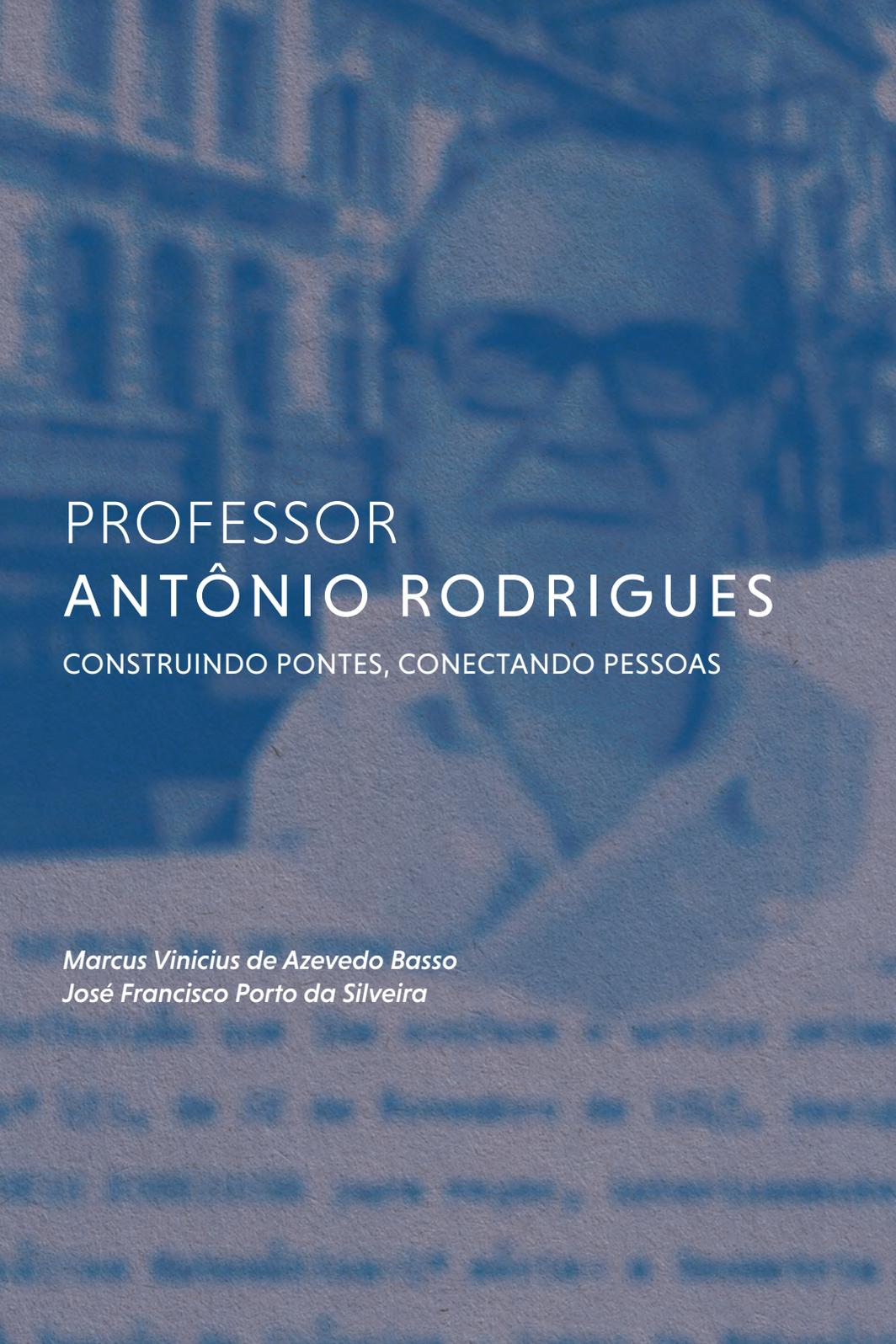
titulares da época e isso se traduziu em boas políticas acadêmicas. Por exemplo, a redução de carga docente em atividade de ensino por atividade de pesquisa (estabelecida naquela época) foi uma conquista de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa em Matemática.

Quero destacar aqui também, como terceiro nome, o professor Luiz Severo Panta, que foi diretor do nosso Instituto em 1985. As instalações do Instituto de Matemática no Campus do Centro em 1985 eram insuficientes para abrigar os escritórios de trabalho dos diversos professores da nossa unidade. Isto não era problema para um grande número dos nossos professores que – naquela época – vinham dar sua aula e depois iam embora para casa. Mas, para aqueles que necessitavam de um espaço de trabalho adequado, para pesquisar e preparar suas aulas, isso não era conveniente. Em 1985, os trabalhos para conclusão do espaço destinado ao nosso Instituto no Campus do Vale foram concluídos. Foi bastante polêmica, para dizer o mínimo, a decisão de se mudar, em 1985, para o Campus do Vale. Naquela ocasião, a posição firme do nosso diretor foi de fundamental importância para que esta transferência fosse efetivada. As novas instalações permitiram que a nossa unidade pudesse apresentar uma estrutura física bem mais atraente, o que sem dúvida permitiu captar ao longo dos anos, por meio de diversos concursos, jovens pesquisadores para atuarem no nosso Instituto.

O Programa de Pós-Graduação em Matemática já formou, até esta data, mais de duzentos mestres e mais de 75 doutores. Em 1995, a Matemática Aplicada criou seu próprio programa de pós-graduação, em separado do Programa de Pós-Graduação em Matemática. No ano de 1995, foi criado, dentro do Programa de Pós-Graduação em Matemática, a opção do Programa de Probabilidade e

Estatística Matemática, que, por sua vez, já formou mais de sete doutores e mais de vinte mestres.

Nos dias de hoje, a pesquisa em Matemática Pura em nosso Instituto é de ótima qualidade e contempla um elenco bastante diverso de áreas da Matemática. É legítimo dizer que aquilo que os professores Ernesto Bruno Cossi, Ary Nunes Tietböhl e Antônio Rodrigues vislumbraram em 1958 pôde ser alcançado.



PROFESSOR  
ANTÔNIO RODRIGUES

CONSTRUINDO PONTES, CONECTANDO PESSOAS

*Marcus Vinicius de Azevedo Basso*  
*José Francisco Porto da Silveira*

**A**presenta-se a trajetória de Antônio Rodrigues como professor pioneiro e protagonista na implantação de novas práticas e construção das bases fundamentais de novas disciplinas e áreas no Instituto de Matemática e Estatística de nossa Universidade. Antônio Rodrigues foi um dos criadores do Instituto de Matemática. Faz parte do seu legado a criação do Curso de Matemática, destacando seus estudos e sua cátedra na disciplina Didática Especial da Matemática, bem como seu papel no sentido de dotar nosso Instituto com uma biblioteca de qualidade, de formar uma equipe básica de pesquisadores e de contribuir para a formação de gerações de professores de matemática no Estado do Rio Grande do Sul.

Em 26 de setembro de 2019, por ocasião do Seminário *Grandes Mestres dos Mestres da UFRGS, Expoentes da Matemática e da Estatística*, promovido pelo Instituto de Matemática e Estatística, em parceria com o Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um dos homenageados foi o professor Antônio Rodrigues.

Naquele momento, o Instituto de Matemática e Estatística teve a oportunidade de homenagear e dar visibilidade à trajetória de Antônio Rodrigues, professor pioneiro e visionário ao implantar práticas pioneiras e forjar as bases fundamentais de novas disciplinas na Universidade.

Podemos situar esta homenagem ao professor Antônio Rodrigues em um conjunto amplo e relativamente recente de estudos em nosso Instituto de Matemática e Estatística que, nas palavras das pesquisadoras Elisabete Zardo Búrigo, Maria Cecília Bueno Fischer e Andréia Dalcin, de nossa Universidade, contribui para construirmos

[...] aos poucos, uma nova relação com o passado e com o futuro, afastando as idealizações e as simplificações, formulando novas interrogações acerca da constituição dos currículos, dos materiais didáticos, dos modos de ensinar e aprender, das identidades profissionais dos professores que ensinam matemática (BÚRIGO; DALCIN; FISCHER, 2017, p. 621).



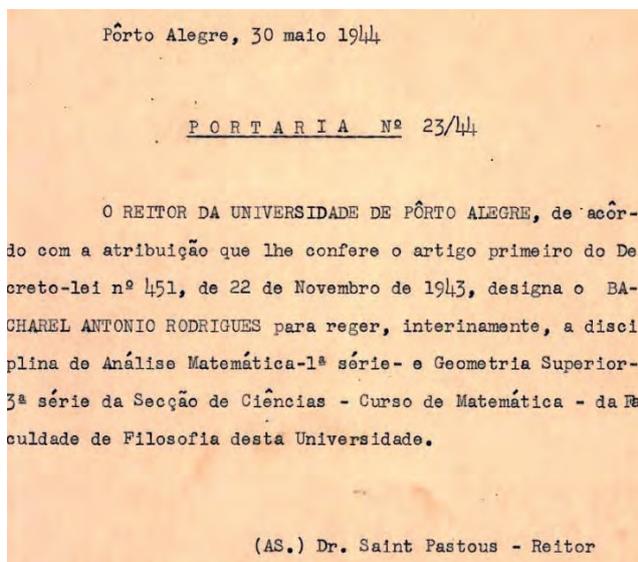
**Figura 1:** Professor Antônio Rodrigues  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O presente texto, um dos resultados da homenagem prestada ao professor Antônio Rodrigues, também se constitui em uma oportunidade para valorizarmos e reafirmarmos a importância do trabalho desenvolvido nas instituições públicas de ensino, patrimônio dos brasileiros, que deve estar a serviço de um projeto de país soberano.

## Resumo biográfico

Antônio Rodrigues nasceu em quatro de julho de 1918, na cidade de São Paulo. Filho de Mário Rodrigues e Odília de Carvalho, casado com Maria Aparecida Rodrigues, vivia na cidade do Rio de Janeiro desde a sua aposentadoria, em dezesseis de maio de 1980 (SILVEIRA, 2003; NGDoc/IME, 2019).

Com graduação em Bacharel em Matemática, em 1942, e Licenciado em Matemática, em 1943, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, pós-graduação em inúmeros cursos no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) e na Universidade de Paris, foi professor de Ensino Médio no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Professor Catedrático de Geometria na Faculdade de Filosofia da UFRGS, de 1944 a 1970, e Professor Titular do DMPA da UFRGS, de 1970 a 1980 (SILVEIRA, 2003; NGDoc/IME, 2019).



**Figura 2:** Portaria de designação de regência de disciplinas  
Fonte: NGDoc/IME/UFRGS.

O professor Rodrigues também exerceu atividades administrativas como Chefe do Departamento de Matemática da Faculdade de Filosofia da UFRGS e Diretor do Instituto de Matemática da UFRGS, de 1960 a 1963. Acrescenta-se que o professor Rodrigues foi Coordenador do curso de Matemática da UFSC, Florianópolis, Santa Catarina (SILVEIRA, 2003; NGDoc/IME, 2019).

## Criação do Instituto de Matemática

Em três de setembro de 1953, foi

[...] criado o Centro de Pesquisas Físicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciando-se uma fase caracterizada pela existência de instituição governamental dotada de espaço em que se desenvolviam a pesquisa e o ensino da Matemática, através de duas Divisões constituintes daquele entron: a Divisão de Matemática, criada em 1953, e a Divisão de Ensino, em 1954, tratando de assuntos relativos aos conteúdos programáticos de ensino na Universidade (TIETBÖHL, 1989, p. 3).

Finalmente, a nove de março de 1959, o Reitor Elyseu Paglioli assina a Portaria nº 116, posteriormente homologada pelo Conselho Universitário, mediante a Decisão nº 15/59, de dois de abril de 1959, pela qual ficava criado o Instituto de Matemática, órgão de natureza científica, autônomo, diretamente subordinado à Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pelo Regimento, baixado pela Portaria nº 116, o Instituto de Matemática era constituído de três Divisões, assim denominadas: Divisão de Matemática Pura, Divisão de Matemática Aplicada e Divisão de Ensino. Antes, porém, já haviam sido tomadas providências para a implantação do Instituto de

Matemática. Pela Portaria nº 735A, de 14 de junho de 1958, do Sr. Reitor da Universidade, foi constituída uma comissão integrada pelos professores Luís Liseigneur de Faria, presidente, Ernesto Bruno Cossi, Ary Nunes Tietböhl, e Antônio Rodrigues, incumbida de realizar estudos tendentes à criação do Instituto de Matemática, localização do edifício-sede, programa de trabalho, e anteprojeto do respectivo regimento interno (TIETBÖHL, 1989, p. 5).

Nomeados o Diretor e os três Chefes de Divisão do novo Instituto, uma providência inicial a ser tomada foi a obtenção de um local para sede do Instituto de Matemática e, frente à impossibilidade de se obter um espaço no atual Campus Central, procurou-se realizar a instalação fora dele.

Pela urgência do início das suas atividades, a primeira sede do Instituto localizou-se em um apartamento do Edifício Jequitibá, na Avenida André da Rocha, nº 20, na esquina com a Avenida João Pessoa, instalando-se logo após a sua criação (TIETBÖHL, 1989, p. 5-6).

O Instituto de Matemática (IM) permaneceu nesse local até o dia 27 de abril de 1959, quando foi transferido para uma casa na Avenida Venâncio Aires, n.º 127, que possuía um pavimento térreo e um pavimento superior, constituindo assim um espaço mais adequado para o desenvolvimento de suas atividades.

Finalmente, ainda como entidade predominantemente científica, o Instituto de Matemática da UFRGS foi transferido para o Campus Central em março de 1966, localizando-se no último pavimento do prédio situado à rua Sarmento Leite nº 425, antiga sede da escola Técnica Parobé (TIETBÖHL, 1989, p. 3).



**Figura 3:** Instituto Parobé  
Fonte: Ricardo André Frantz, (2007).<sup>3</sup>

## Sobre a formação matemática de Antônio Rodrigues <sup>4</sup>

Antônio Rodrigues, na qualidade de um dos primeiros egressos do Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da USP, foi um dos primeiros brasileiros a receber uma formação moderna em matemática, conforme descrito adiante (SILVEIRA, 2003).

Mas há mais do que isso. Na época da fundação da USP, dado o domínio da escola militar-positivista no Brasil, a direção daquela universidade, teve que buscar professores de matemática em universidades europeias, principalmente em universidades italianas. Esses professores lecionaram na USP durante alguns anos e formaram professores brasileiros que tomaram seu lugar quando retornaram à Europa. O professor Antônio Rodrigues ainda pôde usufruir da orientação desses eminentes italianos, seja no convívio acadêmico diário, seja na realização de cursos. Assim, por exemplo, fez um curso

de dois anos de Geometria Projetiva com o Professor Giacomo Albanese, um dos mais importantes e famosos geômetras do início do século XX (SILVEIRA, 2003).

O professor Rodrigues também valorizava muito os estudos que realizou no IMPA. Nessa instituição, teve a oportunidade e o prazer de fazer cursos com os maiores nomes da matemática brasileira do século XX: Leopoldo Nachbin, Maurício Peixoto e Paulo Ribenboim. Foi no IMPA que ele pôde ir além da formação clássica dada pelos italianos e iniciar uma caminhada de muitos anos estudando Álgebra Abstrata, Topologia e seus assuntos prediletos: Geometria Diferencial e Variedades Riemannianas, sendo que nesses dois últimos campos foi orientado por Elon Lages Lima, Jacob Pallis e Manfredo Perdigão do Carmo. Seus contatos com o IMPA ocorreram por muitos anos e duraram até sua aposentadoria, ressaltando-se que costumava passar suas férias de verão no Rio de Janeiro para poder acompanhar os cursos e seminários desenvolvidos naquela instituição (SILVEIRA, 2003).

## Sobre a atuação profissional de Antônio Rodrigues: professor modernizador

Antônio Rodrigues chegou a Porto Alegre em 1944, tornando-se o primeiro catedrático de Geometria da incipiente Faculdade de Filosofia da UFRGS. Naquela época, a matemática conhecida e ensinada aqui no Rio Grande do Sul ainda era a oriunda das antigas escolas de engenharia, o que vale dizer que era a matemática positivista cultuada nas escolas militares do século XIX. Tendo constatado essa realidade, Antônio Rodrigues, demonstrando vocação de verdadeiro professor, tomou em seus ombros a tarefa de introduzir em nosso meio

disciplinas básicas da matemática atual, várias das quais nunca nem mesmo havíamos ouvido falar: Álgebra Abstrata, Topologia, Álgebra Linear, Geometria Projetiva, e muitas outras. Ele também muito modernizou os conteúdos de Análise Matemática e Geometria Diferencial. Essa enorme tarefa foi feita por meio de cursos que ele ministrou e por meio de seminários de estudos de livros, hoje clássicos, como Birkhoff-MacLane (Álgebra Moderna), Jacobson (Álgebra Moderna), Bourbaki (Topologia), e outros (SILVEIRA, 2003).

## A construção do Instituto de Matemática da UFRGS

O professor Rodrigues foi um dos criadores do Instituto de Matemática da UFRGS e um de seus primeiros diretores. Nessa oportunidade, o professor Rodrigues deu os passos iniciais no sentido de dotar essa instituição com uma biblioteca de qualidade e uma equipe básica de pesquisadores. Esse trabalho de pioneiro não foi nada fácil: a falta de recursos materiais e humanos eram gigantescos obstáculos. Em relato ao Professor José Francisco Porto da Silveira, o professor Rodrigues confidenciou que uma vez chegou a cogitar sobre pedir o fechamento do IM, mas acabou concluindo que “[...] se a terra é árida e inculca, deve ser protegida e adubada para que mais tarde possa vir a produzir”. Nas palavras do Professor Porto, “O tempo mostrou que ele tomara a decisão correta” (SILVEIRA, 2003, p. 1).

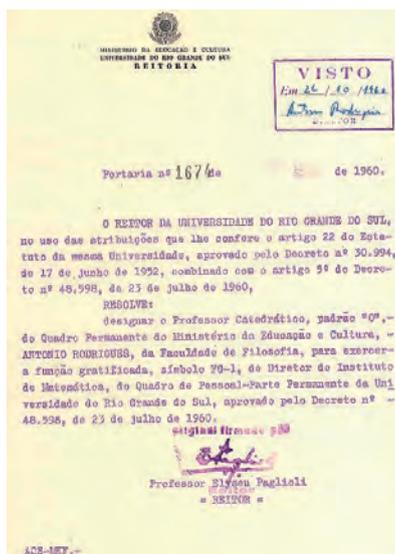


Figura 4: Portaria de designação para a Direção do IM  
Fonte: Acervo NGDoc-IME.

Em texto do próprio professor Rodrigues:

Nesta altura compreendi que, além das atividades usuais de direção, me competia fazer três coisas fundamentais: a) Continuar a série de publicações do Instituto. Já haviam sido editados, até 1960, cerca de doze trabalhos de diversos professores, a maioria do Instituto. Em meu tempo vieram a lume os livros de Antonio Kumpera – “Módulos do Tipo Finito sobre um Anel Principal”. (1961), a já mencionada obra de Mitio Nagumo – “Introduction to the Theory of Banach Spaces” (1961), um curso meu de Geometria Analítica, 1º volume (1963) e possivelmente outro de Geometria Diferencial, baseado nas notas do Primeiro Colóquio Brasileiro de Poços de Caldas; não tenho certeza se a “Introdução às Variedades Diferenciáveis” de Elton L. Lima é anterior a esse período; b) Ampliar o plano de envio de professores e alunos para aperfeiçoamento e

mestrado em outras instituições de ensino e pesquisa, com o propósito de, a longo prazo, formar, no retorno deles, uma boa equipe de alto nível, e finalmente: c) Ampliar de modo intensivo e urgente a Biblioteca do Instituto, pela aquisição de livros e revistas estrangeiras, mediante o processo de consulta de preços já que o chamado de concorrência pública não funcionou, por desinteresse das grandes firmas de livreiros (RODRIGUES, 1991, p. 10).

Para a ampliação da Biblioteca do Instituto de Matemática vali-me dos préstimos do Professor Sílvio Machado, que estagiava no IMPA, forçando-o a copiar o fichário do acervo bibliográfico desta instituição, o que ele fez com certa relutância, em várias etapas. Também solicitei a diversos consulados estrangeiros a doação de livros e fui atendido pelos governos francês e italiano. Assim que começaram a chegar as primeiras listas do Sílvio Machado passei à aquisição, em massa, de livros e revistas, pelo processo de consulta de preços. Neste afã intensivo foram constatados alguns senões de pouca importância, como a inexplicável compra de um *Accounting-index* que dava o endereço de contabilistas americanos em atividade nos Estados Unidos e que doe à biblioteca da Faculdade de Economia, um tratado sobre curtumes que certamente foi encaminhado à Escola de Agronomia, um livro de poesias que não sei que fim levou, a repetição, em alguns casos, da compra de um mesmo livro feito por diversos autores, não sei se foi falha na listagem das compras ou esperteza de algum livreiro. Seja como for, esses senões não invalidaram a aquisição em massa porque se conseguiu, em pouco tempo, talvez um ano, tornar a biblioteca do Instituto de Matemática uma das melhores do País, possivelmente comparável na época à do IMPA (RODRIGUES, 1991, p. 11-12).



**Figura 5:** Placa de homenagem na entrada da Biblioteca do IME  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

## Construção do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina

No período de 1964 a 1968, Antônio Rodrigues colaborou decisivamente para a construção do Instituto de Matemática e do Curso de Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina. Durante esses anos, ele ia semanalmente até Florianópolis, para lá lecionar cursos de Álgebra Moderna, Geometria Diferencial, Fundamentos da Matemática e Geometria Analítica.

## Escritor de livros didáticos

Com o objetivo de viabilizar seu trabalho de professor catedrático do Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da UFRGS, dentro da linha modernizadora

a que se propusera, o professor Rodrigues escreveu inúmeros livros e notas de cursos. Esse material serviu para introduzir e divulgar as várias disciplinas matemáticas já citadas. Alguns de seus livros foram por muitos anos adotados como livros-texto em vários cursos de nossa universidade, tendo sido objeto de estudo por milhares de alunos. Entre seus mais conhecidos e usados livros, elencamos *Curso de Geometria Diferencial*, em dois volumes, publicados pelo IME da UFRGS, em 1959 e 1961, e *Curso de Geometria Analítica*, em três volumes, pela editora Meridional, entre 1963 e 1965.

The screenshot shows the SABi UFRGS online catalog interface. At the top, there is a search bar and navigation links like 'Nova pesquisa', 'Última pesquisa', etc. Below the search bar, there are buttons for 'Selecionar Todos', 'Desfazer seleção', 'Esclarecer selecionados', 'Salvar / E-mail', 'Imprimir pág.', and 'Emitir relatório PDF'. The main content is a table with columns for 'N.', 'Autor', 'Título', 'Ano', 'Biblioteca (Itens/Emp.)', and 'Nota'. The table lists several books by Antonio Rodrigues, including 'Modelos silábicos de geometria euclidiana' (1978), 'Análise de integridade' (1975), 'Curso moderno de geometria analítica' (1969), 'Curso moderno de geometria analítica' (1967), 'Introdução à teoria dos espaços vetoriais' (1967), 'Curso de geometria analítica' (1964), 'Curso de geometria analítica - transformações do espaço, curvas e superfícies' (1963), 'Geometria diferencial' (1959), and 'Noções elementares de teoria das funções' (1960).

N.	Autor	Título	Ano	Biblioteca (Itens/Emp.)	Nota
1	Rodrigues, Antonio	Modelos silábicos de geometria euclidiana	1978	MAT1 21(0)	A Rodrigues
2	Rodrigues, Antonio	Análise de integridade	1975	MAT1 11(0)	A Rodrigues
3	Rodrigues, Antonio	Curso moderno de geometria analítica	1969	AGB1 11(0) ABD1 11(0) FIS1 11(0) MAT1 10(0)	A Rodrigues
4	Rodrigues, Antonio	Curso moderno de geometria analítica	1967	FIS1 21(0)	A Rodrigues
5	Rodrigues, Antonio	Introdução à teoria dos espaços vetoriais	1967	MAT1 21(0)	A Rodrigues
6	Rodrigues, Antonio	Curso de geometria analítica	1964	AGB1 11(0)	A Rodrigues
7	Rodrigues, Antonio	Curso de geometria analítica - transformações do espaço, curvas e superfícies	1963	FIS1 11(0) FIS1 21(0) MAT1 41(0)	A Rodrigues
8	Rodrigues, Antonio	Geometria diferencial	1959	FIS1 21(0) FIS1 11(0) MAT1 10(0)	A Rodrigues
9	Rodrigues, Antonio	Noções elementares de teoria das funções	1960	MAT1 11(0)	A Rodrigues

**Figura 6:** Registros da produção intelectual de Antônio Rodrigues no acervo SABi-UFRGS

Fonte: Catálogo on-line SABi-UFRGS.

## Professor orientador

Outra importante atuação do professor Rodrigues foi a orientação e o encaminhamento dos alunos talentosos que se formavam no Curso de Matemática ou no Curso de Engenharia. Naquela época os estudos de pós-graduação em matemática no Brasil eram muito pouco divulgados entre os alunos da UFRGS. O professor Rodrigues costumava encaminhar esses alunos

para cursos de nivelamento no IMPA, seguidos de um doutorado no exterior. Isso foi o que ocorreu com Pedro Nowosad, Silvio Machado e João Bosco Prolla.

## Professor pioneiro na área de Ensino de Matemática

Antônio Rodrigues atuou durante muitos anos, simultaneamente, no ensino superior e no ensino secundário.

Segundo Búrigo, Dalcin e Fischer (2017, p. 624):

Nos anos 1950, portanto, pesquisa e ensino de Matemática são atividades realizadas pelos mesmos professores. As interações da professora Martha, da professora Joana e do professor Rodrigues com as escolas primárias, secundárias e normais são indicativas do reconhecimento de serem eles portadores de um saber especializado, que articula a formação didática e a matemática, e que interessa aos professores, aos seus formadores e aos planejadores. Esse saber não se constitui em uma prática distante, apartada dos outros níveis de ensino; Martha e Rodrigues eram, inclusive, professores de prestigiadas instituições de ensino secundário, como o Colégio Júlio de Castilhos e o Colégio de Aplicação da UFRGS. Os professores da Faculdade de Filosofia da UFRGS – como os das demais universidades brasileiras – vêm a ser, desse modo, participantes e protagonistas de um processo que antecede e prepara a constituição do campo que viria a ser nomeado, nos anos 1970, como Educação Matemática. Esse engajamento está articulado à constituição de uma nova profissionalidade, que seria mais tarde descrita como a dos formadores de professores que ensinam Matemática.

Antes dos anos 1950, os professores de matemática, inclusive do Colégio Júlio de Castilhos, eram engenheiros, em geral militares, ou seminaristas, no caso dos colégios particulares, que aprendiam a ensinar ensinando. A criação do Curso de Matemática possibilitou a profissionalização da figura do matemático, mas também do professor de matemática, e isso foi feito com estudos aprofundados de Matemática, mas também com a Didática Especial da Matemática, que era uma disciplina nova. Destaca-se que, com a criação do Curso de Licenciatura, em 1942, e a nomeação do professor Rodrigues, em 1943, ele foi responsável pela disciplina Didática Especial da Matemática, certamente até 1952 (BÚRIGO, 2019)<sup>5</sup>.

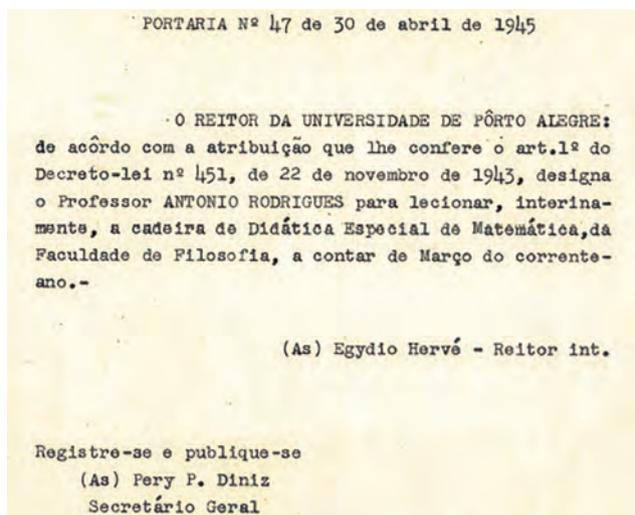


Figura 7: Portaria de designação de Antônio Rodrigues para ministrar Didática Especial de Matemática

Fonte: NGDoc-IME.

Isso situa o professor Rodrigues como participante da formação da primeira geração de professores e professoras de Matemática no Rio Grande do Sul, como Martha Blauth Menezes, Joana de Oliveira Bender, e outras. Portanto, a criação da Licenciatura possibilitou a

profissionalização do curso de licenciatura, incluindo a participação das mulheres, muitas oriundas do curso Normal e já com alguma formação pedagógica (BÚRIGO, 2010).

Búrigo (2010) também destaca a participação do Professor Rodrigues em cursos e eventos de divulgação da matemática moderna nos anos 1960, comprovando que ele também estava engajado no que hoje em dia chamamos de formação continuada de professores.

Em trabalho apresentado no XII Encontro Gaúcho de Educação Matemática, Búrigo (2015) apresenta o depoimento do Professor Rodrigues em artigo exposto no II Congresso Nacional de Ensino de Matemática, realizado em 1957, em Porto Alegre, numa clara demonstração sobre a valorização dos debates sobre o ensino:

[...] a geometria tem sido frequentemente apontada aos alunos como o mais belo exemplo de um edifício logicamente construído pelo espírito humano, por processos elementares. De outro lado, poucas vezes têm os alunos sentido essa tão decantada beleza da geometria. Tanto isso é verdadeiro, que é comum encontrar-se anualmente, nas aulas, os alunos das célebres perguntas referentes aos fins do estudo da Geometria e das suas aplicações na vida prática. É fato sabido que a beleza de uma ciência não se restringe tão somente à aquisição de conhecimentos, ela reside no prazer que sente o investigador ao descobrir e concatenar esses conhecimentos. Entretanto, no caminho seguido até agora, tem sido dada a primazia ao professor em detrimento da iniciativa do aluno, salvo na execução de exercícios padronizados. Vamos ver que o critério tradicional adotado para a execução dos programas não se presta bem a um planejamento no qual a participação dos alunos seja relevante. De fato, no estudo das figuras mais simples, pontos, retas, ângulos e triângulos, os teoremas iniciais se apoiam quase que diretamente na noção

de movimento e estão pouco relacionados entre si, o que não permite ao aluno compreender o encadeamento lógico dos referidos teoremas. Como o aluno ainda não viu uma demonstração, como ainda não é capaz de fazer demonstrações, cabe ao professor realizar as provas desses teoremas, com oportunidades mínimas para qualquer iniciativa por parte do aluno. A falta de concatenação lógica inicial dos teoremas e o caráter intuitivo de boa parte deles produz a nociva impressão, na mente do aluno, de que as demonstrações constituem malabarismos do professor. Tiradas do nada são deixadas soltas no ar, sem um fim determinado. [...] Com o acúmulo do material de estudo, perde o aluno a visão de conjunto. Neste momento ele não percebe as relações mútuas que existem entre os vários teoremas; quando muito sabe que esta demonstração está apoiada no teorema precedente examinado pelo professor. Não forma, também, uma ideia clara do que é uma teoria ou não possui teoria alguma. Só lhe resta, agora, servir-se da memorização, para guardar os teoremas e suas provas, durante o curto prazo de duração dos exames [...] (RODRIGUES, 1959, p. 339-340).



**Figura 8:** Capa dos Anais do II Congresso Nacional de Ensino da Matemática

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A atenção às questões de ensino, em particular ao ensino de Geometria, prossegue, como podemos atestar pelo seu *Relatório sobre o projeto de pesquisas Métodos de Ensino da Geometria Euclidiana de um ponto de vista atualizado*, referente ao trabalho desenvolvido no primeiro semestre de 1976, no qual escreve:

Nas notas mimeografadas anexas que durante o semestre fomos escrevendo procuramos desenvolver os resultados de nossa pesquisa pondo-a em forma organizada, de modo a poder apresentá-los às pessoas interessadas, se for autorizada sua publicação. Acreditamos que nossas ideias serão úteis ao professor de ensino médio.

Faltou-nos tempo para concluir esta parte, isto é, faltou ocasião para desenvolver o 6º modelo que tratar de Geometria Projetiva e de Topologia de interesse para o ensino de 1º e 2º graus. Disto trataremos no 2º semestre do corrente ano, ao mesmo tempo em que entraremos na última parte do projeto, aquela em que procuraremos elaborar um planejamento de ensino, em colaboração com o Colégio de Aplicação da Universidade, tendo em vista tentar a viabilidade de sua aplicação no ensino de 1º e 2º grau (RODRIGUES, 1976, s.p.,).

Nas notas mimeografadas anexas que durante o semestre fomos escrevendo procuramos desenvolver os resultados de nossa pesquisa pondo em forma organizada, de modo a poder apresentá-los às pessoas interessadas, se for autorizada sua publicação. Acreditamos que nossas idéias são úteis ao professor de ensino médio.

Faltou-nos tempo para concluir esta parte, isto é, faltou ocasião para desenvolver o 6º modelo que deverá tratar de questões da Geometria Projetiva e de Topologia de interesse para o ensino de 1º e 2º. Disto trataremos no 2º semestre do corrente ano, ao mesmo tempo em que entraremos na última parte do projeto, aquela em que procuraremos elaborar um planejamento de ensino, em colaboração com o Colégio de Aplicação da Universidade, tendo em vista tentar a viabilidade de sua aplicação ensino de 1º e 2º grau.

Figura 9: Relatório sobre o projeto de pesquisas *Métodos de Ensino da Geometria Euclidiana de um ponto de vista atualizado*, 1976

Fonte: NGDoc-IME.

A dedicação ao Instituto de Matemática e Estatística prosseguiu, mesmo após sua aposentadoria, como confirmado pelo relato do professor José Francisco Porto da Silveira<sup>6</sup>:

O Rodrigues lecionou por alguns anos a disciplina de História da Matemática que se chamava Evolução do Pensamento Matemático. Depois da aposentadoria dele, passei a lecionar essa disciplina. Ainda quando ele estava lecionando, escreveu uma apostila sobre a História da Matemática, sobre a qual conversamos muito e ele a encaminhou ao IM para ser publicado pela UFRGS. [...] Bem, depois de aposentado e morando no Rio de Janeiro, continuamos conversando sobre esse texto e ele deu uma GRANDE MELHORADA nele. Depois de falecido, o Paulo (o filho dele) me entregou a última versão desse texto e pediu para que fosse publicada (SILVEIRA, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

O professor Rodrigues é exemplo de uma geração que pesquisava Matemática e, ao mesmo tempo, preo-

cupava-se com ensino de matemática, inclusive no secundário. Para ele, essas não eram atividades separadas e tampouco hierarquizadas (BÚRIGO; DALCIN; FISCHER, 2017).

Finalizando, apresentar esses registros históricos como homenagem ao professor Antônio Rodrigues permite estabelecermos pontes, conexões com nossos mestres e, igualmente importante, com nossos colegas no presente.

## Agradecimentos

Aos colegas do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, Ana Lérica Pacheco Gutierrez, Eduardo Henrique de Mattos Brietzke, Elisabete Zardo Búrigo, Elismar da Rosa Oliveira e José Francisco Porto da Silveira pelos dados, documentos, pelas fotografias, pela permissão de reprodução e adaptação de textos sobre a trajetória acadêmica do professor Antônio Rodrigues e, sobretudo, pelas trocas de ideias e sugestões.

## Referências

BÚRIGO, Elisabete Zardo. A matemática moderna na UFRGS: o protagonismo dos professores da universidade. In: FLORES, Cláudia; ARRUDA, Joseane Pinto de (org.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: contribuição para a história da educação matemática*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 89-116.

BÚRIGO, Elisabete Zardo. Mesa-Redonda: Desafios da Educação Matemática em História, Cultura e Filosofia Professores de Matemática deveriam estudar História? In: ENCONTRO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – EGEM, XII, Porto Alegre, 2015. *Anais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/anais/anais-do-egem/assets/2015/36642371020M.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.

BÚRIGO, Elisabete Zardo; DALCIN, Andreia; FISCHER, Maria Cecília Bueno. História da Educação Matemática: a institucionalização do campo em um curso de licenciatura. *Cadernos de História da Educação*. Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 619-639, set./dez. 2017.

IME-UFRGS. *Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto\\_de\\_Matemática\\_e\\_Estatística\\_da\\_Universidade\\_Federal\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_de_Matemática_e_Estatística_da_Universidade_Federal_do_Rio_Grande_do_Sul). Acesso em: 15 set. 2019.

NÚCLEO DE GESTÃO DOCUMENTAL (NGDoc). Instituto de Matemática e Estatística. *Dossiê Antônio Rodrigues*. Porto Alegre: Núcleo de Gestão Documental do Instituto de Matemática e Estatística, ago./set. 2019.

RODRIGUES, Antônio. *Relatório sobre o projeto de pesquisas Métodos de Ensino da Geometria Euclidiana de um ponto de vista atualizado, 1976* [Mimeografado, Fonte: NGDoc-IME].

RODRIGUES, Antônio. Reminiscências de um ex-diretor: um depoimento de memória. *Cadernos de Matemática e Estatística*. Série C, Colóquio de Matemática SBM/UFRGS. Porto Alegre, IM/UFRGS, 15 abr. 1991.

RODRIGUES, Antônio. Sugestões para o ensino da Geometria Dedutiva. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA, II, 1957, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1959. p. 339-347. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190262>. Acesso em: 20 set. 2019.

SILVEIRA, José Francisco Porto da. *Antônio Rodrigues*. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.mat.ufrgs.br/~porto-sil/rodrig.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

TAITELBAUM, Aron; BRIETZKE, Eduardo Henrique de Mattos. *Um pouco da História do Instituto de Matemática da UFRGS*. Porto Alegre. 2004. Disponível em: [http://www3.mat.ufrgs.br/mediawiki/index.php/Dago:prof.aposentados\\_do\\_im](http://www3.mat.ufrgs.br/mediawiki/index.php/Dago:prof.aposentados_do_im). Acesso em: 15 set. 2019.

TIETBÖHL, Ary Nunes. Criação do Instituto de Matemática da UFRGS. In: *Cadernos de Matemática e Estatística*. Série C, Colóquio de matemática SBM/UFRGS. Porto Alegre: 1989. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204959>. Acesso em: 15 set. 2019.

# JOANA BENDER

EDUCADORA MATEMÁTICA

*Elisabete Zardo Búrigo*

Joana de Oliveira Bender foi estudante, nos anos 1940, e professora do curso de Matemática desde 1950 até sua aposentadoria, em 1982. Em investigações sobre a história da educação matemática no Rio Grande do Sul, li e ouvi seu nome em uma variedade de registros. Aprendi, a partir deles, que foi uma das protagonistas do movimento de renovação do ensino de matemática no Rio Grande do Sul, entre os anos 1950 e 1970. Em meio à circulação difusa de muitas ideias modernizadoras, engajou-se na divulgação de uma proposta educativa orientada para a construção do pensamento matemático, desde o início da escolarização.

Joana Bender deixou poucas publicações e não ocupou cargos de destaque no Instituto de Matemática. Seus alunos recordam, sobretudo, daquilo que com ela aprenderam. Não convivi com a professora Joana, ou Dona Joana, como ainda é lembrada. Mas percebo que saber dela é importante para entender como se constituiu, entre nós, a área da Educação Matemática.

Bourdieu (2006) nos adverte dos riscos da narrativa biográfica. O encadeamento de episódios vividos pelo biografado, em um mesmo texto, pressupõe e sugere a existência de um fio condutor, uma continuidade e coerência, negligenciando acasos, contradições, inflexões, rupturas e reconfigurações. Mas como falar de

uma professora sem considerar sua experiência de formação e de docência? Como falar de uma militante do movimento modernizador sem evocar as viagens, os contatos, os eventos, os estágios de que participou? E, como não me – e talvez nos – encantar seguindo as pistas de uma professora que, transitando entre mundos diferentes, seguiu caminhos tão peculiares e inesperados para as mulheres de sua geração?

No texto que segue, menciono alguns momentos dessa trajetória, em ordem cronológica, sugerindo possíveis nexos entre eles. Para essa narrativa, recorro a impressos da época, documentos de sua pasta funcional, resultados de outras pesquisas e trechos de depoimentos de Antonio de Pádua Ferreira da Silva, Gelsa Knijnik, Helena Noronha Cury e do colega já falecido Telmo Mota, a quem agradeço pelas memórias comigo compartilhadas.

## Joana Bender, cruzando fronteiras

Até os anos 1930, com raras exceções, professores de matemática, no Brasil, eram homens – engenheiros, militares ou ex-seminaristas (ESPERANÇA, 2012; TAMBARA, 1998; VALENTE, 2005). A criação dos cursos de licenciatura possibilitou que mulheres adentrassem no sisudo universo do ensino secundário. Mais ainda, possibilitou que adentrassem nesse universo mulheres que atuavam no ensino primário, e que haviam frequentado o curso complementar ou o curso normal: mulheres que haviam aprendido a ensinar.

O curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da então Universidade de Porto Alegre foi instalado em 1942. Até 1950, em seis turmas, diplomaram-se dez homens e oito mulheres (HESSEL; MOREIRA, 1967). Essas licenciadas – pouco menos de metade dos egressos – subvertiam os caminhos e os destinos então

reservados às mulheres. Pois, enquanto no ensino complementar, dedicado à formação de professores primários, já predominavam as moças, o ensino secundário, oferecido em paralelo e como preparação aos cursos universitários, seguia sendo um reduto masculino.

Joana de Oliveira Bender foi uma das desbravadoras dos primeiros tempos do curso. Ingressou na terceira turma, em 1944. Era, então, professora primária; concluíra o curso complementar em 1932, aos dezoito anos de idade. Em uma inflexão de percurso, seguindo um rumo diferente daquele esperado das professoras primárias, frequentara o curso ginásial, primeira etapa da vertente propedêutica do ensino pós-primário, enquanto lecionava em várias escolas. De 1939 a 1942, fora diretora de Grupo Escolar na cidade de Pelotas – uma posição de estatuto elevado, quando ainda predominavam no Rio Grande do Sul as pequenas escolas isoladas. Nesse mesmo período, obteve o diploma do curso colegial, condição para o ingresso nos cursos superiores.

O currículo do curso de Matemática, que replicava o da Faculdade Nacional de Filosofia, era orientado para a formação de pesquisadores. Após três anos de estudos de Análise, Topologia, Geometria, Física Matemática e Mecânica, o estudante obtinha o diploma de bacharel; com um ano suplementar de disciplinas de Didática, obtinha o título de licenciado (HESSEL; MOREIRA, 1967). Antonio de Pádua Ferreira da Silva, colega de turma, lembra de Joana como uma aluna destacada, em um curso exigente e seletivo:

Eu passei para a segunda turma [do curso de Matemática], embora tenha feito o vestibular para a primeira, acabei me diplomando com a segunda turma. Nós iniciamos com 50 [alunos] e no fim do primeiro ano tinham 28 e colaram grau dois, eu e a Joana Bender<sup>7</sup>. Estudávamos juntos,

lá eu e a Joana Bender<sup>1</sup>[...] Eu e ela, nós dois é que tínhamos sempre a disputa dos graus. Ou eu ou ela (FERREIRA DA SILVA, 2008, p. 1).

O diploma de licenciado autorizava a seus portadores ensinar nas prestigiadas e escassas escolas secundárias. Licenciada em 1947, nesse mesmo ano, Joana Bender começou a lecionar na Escola Técnica Senador Ernesto Dorneles. Não por acaso, tratava-se de uma escola pública para meninas e moças, profissionalizante, instalada no ano anterior, no centro da cidade de Porto Alegre. O acesso das mulheres ao ensino pós-primário ampliava-se muito lentamente; os cursos oferecidos correspondiam a atividades consideradas femininas, como Corte e Costura, Chapéus, Flores e Ornatos. O estatuto dessa formação técnica, até os anos 1960, era inferior ao do ensino secundário propedêutico; mas o Curso Técnico em Artes Aplicadas trazia a novidade importante de oferecer às mulheres uma formação alternativa à do Curso Normal, incluindo várias disciplinas de cultura geral, entre elas as de Matemática e de Física, lecionadas por Joana Bender (SCHOLL, 2012).

Em 1950, Joana Bender passou a atuar também como professora colaboradora na Faculdade de Filosofia da então Universidade do Rio Grande do Sul. Foi a primeira egressa a lecionar no curso. Em 1952, foi contratada pela Universidade como professora assistente de Análise Matemática e Análise Superior. Conciliava, então, a docência no ensino secundário e no universitário.



**Figura 1:** Joana de Oliveira Bender em 1952. Ficha individual de registro de professores da Faculdade de Filosofia  
Fonte: Acervo do NGDoc/IME/UFRGS.

Ao mesmo tempo, Joana mantinha laços com o mundo do ensino primário e com os organismos de gestão da rede pública estadual. De 1945 a 1947, foi colaboradora da Superintendência do Ensino Primário do Departamento de Educação Primária e Normal da Secretaria da Educação. Desde 1952, já ministrava cursos sobre Teoria dos Conjuntos para professoras do Curso Normal do Instituto de Educação General Flores da Cunha e de outras instituições (RIBEIRO; OLIVEIRA; BENDER, 1968). Odila Barros Xavier, fundadora e coordenadora do Laboratório de Matemática do Instituto de Educação, comentava a colaboração decisiva de Joana de Oliveira Bender para a formação de professores primários e do Curso Normal: “[...] a primeira professora de matemática que valorizou, em Porto Alegre,

nossos ingentes, penosos e quase dramáticos esforços de melhorar o ensino de matemática na escola primária” (XAVIER, 1963, p. 9). Joana Bender compartilhava, assim, com as formadoras de professores primários, um ponto de vista mais avançado sobre a matemática, que estudara e, agora, também ensinava na Universidade. Antecipava, desse modo, movimentações que se espalhariam pelo país nos anos 1960.

Joana Bender não figura entre os pesquisadores que constituíram os primeiros tempos do Instituto de Matemática, fundado em 1959. Nos vinte anos em que foi professora da Faculdade de Filosofia, entretanto, há vários registros de sua participação em cursos, estágios e congressos nacionais e internacionais de Matemática. Em 1951, Joana Bender estudou Topologia e Crítica dos Princípios Matemáticos, na Universidade de São Paulo. Em 1958, com bolsa da UNESCO, frequentou curso sobre Topologia e Análise Funcional na *Universidad de La Plata*, Argentina. Em 1963, realizou estágio de seis meses em “Matemática para aplicação à Física” no renomado *Institut Henri Poincaré*, em Paris, com bolsa do governo francês. Em 1969, frequentou curso de especialização no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Em 1970, participou do Congresso Internacional de Matemática, em Nice, França, representando a Faculdade de Filosofia.

Em uma época em que as idas ao exterior, especialmente para as mulheres, eram raras, difíceis e dispendiosas, Telmo Mota e Gelsa Knijnik lembram que Joana ia regularmente a Europa, falava francês com fluência e circulava em eventos acadêmicos e culturais.

## Joana Bender, professora moderna

No final dos anos 1950, propostas e iniciativas de reforma do ensino de matemática, que vinham sendo debatidas em diferentes partes do mundo, ganharam a forma de uma grande vaga de renovação curricular, conhecida como movimento da Matemática Moderna. Comportando inúmeras vertentes, essas movimentações partilhavam as preocupações de aproximar o ensino secundário do ensino universitário, articular os diferentes ramos da matemática e embasar o conhecimento matemático em conceitos unificadores, como os de conjunto e estrutura.

Ideias modernizadoras circulavam no Brasil por meio de livros de autores europeus e norte-americanos. Essa dinâmica foi acelerada e impulsionada pela criação, em 1961, do Grupo de Estudos em Ensino de Matemática de São Paulo (GEEM). No IV Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática, realizado em 1962, em Belém do Pará, as ideias da Matemática Moderna e as propostas de mudança dos programas do ensino secundário ocuparam o centro dos debates.

A partir de 1964, Osvaldo Sangiorgi, presidente do GEEM, viajou pelo país divulgando sua nova coleção de livros didáticos para o curso ginasial; em Porto Alegre, nesse ano, orientou uma semana de estudos sobre a Matemática Moderna, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. A partir daí, multiplicaram-se cursos, reuniões de estudo e palestras sobre o tema, em Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Caxias do Sul; alguns deles por iniciativa da Associação dos Professores e Pesquisadores de Matemática do Rio Grande do Sul, outros por iniciativa dos professores da Universidade ou do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE) da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (RIBEIRO; OLIVEIRA; BENDER, 1968).

As conexões entre a Faculdade de Filosofia, o CPOE e os Institutos de Educação favoreceram que o debate sobre a modernização, no Rio Grande do Sul, logo se estendesse ao Curso Normal e à escola primária. No mesmo ano de 1965, Lucienne Félix, professora secundária, autora e militante do movimento modernizador na França, proferiu uma série de palestras sobre o tema em Porto Alegre, a convite da Faculdade de Filosofia e do Instituto de Matemática (ORGANON, 1965; HESSEL; MOREIRA, 1967).

Joana Bender esteve à frente de várias atividades de formação para professores realizadas nesse período no Rio Grande do Sul (RIBEIRO; OLIVEIRA; BENDER, 1968; BONFADA, 2018). Registros encontrados em diários de classe por Heidt (2019) indicam que ela realizou palestra para professores do ensino normal em Pelotas, em 1965. Na segunda metade dos anos 1960, esse engajamento no movimento modernizador se intensificou a partir de contato com o matemático belga Georges Papy, dirigente do *Centre Belge de Pédagogie de la Mathématique* e autor da coleção didática *Mathématique moderne*.

Em 1966, Joana participou do V Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática, em São José dos Campos, organizado pelo GEEM e inteiramente dedicado à Matemática Moderna. Apresentou dois trabalhos no evento. Georges Papy, que propunha uma reforma radical dos programas de ensino de matemática da escola secundária, foi convidado e proferiu duas conferências. É provável que Papy, em sua vinda ao Brasil, tivesse a intenção de recrutar estagiários: a partir de 1967, o *Centre* recebeu brasileiros de diferentes partes do país, como Arago Backx, de Niterói, e professoras ligadas à Universidade Federal da Bahia.

Joana Bender participou de curso no *Centre Belge* de janeiro a maio de 1967. O programa moderno proposto pelo *Centre*, em consonância com a perspectiva do grupo de matemáticos franceses Bourbaki, pretendia reconstruir e reorganizar os tópicos da matemática elementar, a partir de noções topológicas, de operações com conjuntos e de funções. O encadeamento entre os tópicos procurava combinar o rigor da matemática superior com o recurso à intuição pela resolução de problemas, por meio de variados exemplos e pelo uso de esquemas coloridos para representar figuras geométricas, conjuntos e relações. Nessa perspectiva, novos tópicos eram integrados ao programa da escola, e outros ganhavam uma nova abordagem: a noção de número real era construída a partir do problema da representação das coordenadas de pontos na reta, por uma sucessiva bipartição de segmentos e sequências de intervalos encaixantes; resultados da análise combinatória eram obtidos a partir de produtos cartesianos e seus subconjuntos; a geometria era construída a partir de vetores e das transformações.

O certificado emitido pelo *Centre* atesta que, durante seu estágio, Joana estudou o quinto e o sexto volume da coleção *Mathématique moderne*, seguiu um curso de Análise e um curso de reciclagem para professores das classes *sixième e cinquième* (correspondentes à primeira e à segunda série do então curso ginásial ou aos atuais sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental). O certificado relata ainda que Joana acompanhou várias “lições de demonstração” – uma expressão também corrente no Brasil, para designar modelos de aulas inovadoras a serem replicadas com estudantes – e acompanhou o desenvolvimento de classes experimentais nas classes *sixième, cinquième, quatrième, troisième e première* (correspondentes aos atuais anos finais do Ensino Fundamental e terceiro ano do Ensino Médio). Todas essas

atividades compunham uma formação orientada para compreender e aplicar o chamado Método Papy.

A partir desse ano, Joana Bender participou de vários eventos internacionais de debate sobre a Educação Matemática, expressão que se difundiu na época, em alusão a uma preocupação ampliada com o desenvolvimento e a autonomia intelectual dos estudantes. Ainda em 1967, frequentou jornadas de estudos no *Centre international d'études pédagogiques*, nos arredores de Paris, e curso sobre Pedagogia da Matemática, com José Sebastião e Silva, um expoente do movimento modernizador em Portugal, no Instituto da Alta Cultura, em Lisboa. Em 1969, Joana representou o Departamento de Matemática da UFRGS no I Congresso Internacional de Educação Matemática, em Lyon; em 1970, assistiu ao XXII encontro anual promovido pela *Commission Internationale pour l'Etude et l'Amélioration de l'Enseignement des Mathématiques* (CIEAEM), em Nice, França, e o Congresso Internacional de Montessori, em Roma (BOLETIM DO PREMEN-UFRGS, 1971). Em 1971, foi ao I Congresso do *Groupe International de Recherche en Pédagogie de la Mathématique*, em Luxemburgo, e ao XXIII encontro anual da CIEAEM realizado em Cracóvia, na Polônia. Nesse mesmo ano, participou, em São Paulo, das atividades comemorativas dos dez anos do GEEM, em que foi conferencista o matemático e psicólogo Zoltan Dienes. Cópias dos anais do II e do III Congresso Internacional de Educação Matemática – realizados em Exeter, Inglaterra, 1972, e em Karlsruhe, Alemanha, 1976 –, com a rubrica de Joana Bender, são indicativos de que ela participou ou, pelo menos, acompanhou os dois eventos.

Joana Bender estava a par e em contato com diferentes vertentes do movimento modernizador. Sua adesão à proposta de Papy, expressa em uma variedade de situações, resultava, portanto, de uma escolha refletida.

Gelsa Knijnik recorda que ambas participaram de ciclo de palestras em Niterói, em junho de 1971, quando Georges Papy veio pela segunda vez ao Brasil. Também lembra de que Joana era muito amiga e mantinha assíduo contato profissional com Martha Dantas, educadora matemática da Bahia que coordenava uma experiência em escolas secundárias de Salvador inspirada nos trabalhos do *Centre Belge*.

Em meados dos anos 1970, Joana colaborou com a Secretaria de Educação e Cultura (SEC) do estado do Rio Grande do Sul, assessorando a produção das *Diretrizes Curriculares para o Ensino de Segundo Grau* na disciplina de Matemática. O ensino de segundo grau – correspondente ao atual Ensino Médio – fora instituído pela Lei n. 5.692/71, em substituição ao antigo colegial; com orientação profissionalizante, previa poucas disciplinas de formação geral, incluindo a Matemática. As *Diretrizes Curriculares* elaboradas e divulgadas pela SEC em 1976 tinham o caráter de sugestão ou orientação: o ensino de Matemática no segundo grau deveria iniciar com o estudo da lógica das proposições, dos números reais, das funções trigonométricas, polinomiais, exponenciais e logarítmicas. A Geometria deveria ser abordada a partir do estudo das coordenadas cartesianas, valorizando o estudo das transformações – projeções, afinidades, simetrias, isometrias. O currículo deveria contemplar o estudo das estruturas topológicas e algébricas: “[...] à medida que forem surgindo modelos de estrutura topológica, de ordem, de grupo, de anel, de álgebra de Boole, de corpo, o professor deverá dar-lhes um enfoque especial, deixando para um ponto culminante do trabalho, se possível, seu tratamento de maneira abstrata” (RIO GRANDE DO SUL, 1976, p. 241). Não se tratava de uma proposta curricular abrangente e encadeada, como a da reforma belga; mas a preocupação em articular conceitos a partir da teoria dos conjuntos,

a ênfase nas transformações geométricas e nas estruturas algébricas indicam traços de influência da proposta de Papy, mesclados com orientações mais conservadoras.

## Joana Bender, formadora de professores

No início dos anos 1960, os currículos dos cursos de Matemática, no Brasil, foram reformados pelos Pareceres nº. 292 e nº. 295/1962 do Conselho Federal de Educação. A Licenciatura em Matemática foi constituída em modalidade, configurando um dos percursos possíveis para os estudantes, e não mais um complemento ao Bacharelado. A formação matemática seguia prevalecendo largamente sobre a pedagógica (SCHEIBE, 1983), com uma tentativa muito tímida de articulação entre ambas: a disciplina Fundamentos de Matemática Elementar, instituída pelo Parecer nº. 295, tinha o objetivo explícito de tratar das conexões entre a matemática superior e a matemática do ensino secundário (BÚRIGO, 2013).

Ao longo daquela década, Joana Bender ministrou disciplinas de Cálculo e a disciplina de Fundamentos. Gelsa Knijnik, aluna da disciplina de Cálculo em 1967, lembra de Bender como “[...] boa professora, boa professora. [...] Ela tinha aquela sensibilidade pedagógica.” (KNIJNIK, 2020, p. 1).

Oferecida aos concluintes, a disciplina de Fundamentos de Matemática propiciava um ponto de vista mais avançado sobre os temas abordados ao longo do curso:

Em 1970 no último ano [do curso de Licenciatura] ela foi minha professora de Fundamentos de Matemática, que era no currículo a última disciplina [...] era como uma reflexão sobre os fundamentos de matemática. A concepção era assim: bom,

depois que tu já aprendeste tudo possível sobre a matemática, ‘vamos agora fazer uma reflexão’, não era uma reflexão filosófica, mas era sobre os fundamentos da matemática mesmo (KNIJNIK, 2020).

No curso eu via tudo muito separado, o cálculo, a álgebra, a mecânica quântica, [...] os cálculos na sua sequência, as álgebras na sua sequência, mas eu não via nada que juntasse, então eu só fui enxergar isso com a Dona Joana [em 1969]. [...] A Dona Joana reforçava, vamos dizer, que a teoria dos conjuntos era algo que permeava toda a matemática, tu poderias fazer tudo a partir dessa ideia, que era o que estava proposto pelo grupo Bourbaki, e então tudo era levado para funções, relações (CURY, 2007).

Gelsa observa que a disciplina de Fundamentos não tratava do ensino escolar; no curso de Licenciatura, essa discussão ficava restrita às disciplinas de Didática e de Prática de Ensino. Helena Cury, licenciada em 1969, sublinha, por outro lado, que a cadeira apresentava aos professores noções que eles não haviam estudado no seu tempo de escola e que seriam demandados a ensinar – conjuntos, relações, funções – naqueles tempos de reformulação dos programas e dos livros didáticos. Embora não fosse orientada para a prática, a abordagem desses temas na disciplina de Fundamentos era bastante mais próxima da escola do que aquela das disciplinas de Álgebra, em que as demonstrações eram feitas com formalismo e sem nenhum recurso a representações intuitivas. Telmo Mota lembra, ainda, que a disciplina se ocupava de estudar “[...] o que justifica os algoritmos que vão ser ensinados [...]” (MOTA, 2008, p. 1), e de refletir sobre a fundamentação axiomática das geometrias, a partir da geometria afim.

Além de abordar noções que seriam valorizadas nos novos programas de ensino e nos livros didáticos dos

anos 1970, Joana falava, em sala de aula, dos debates sobre Educação Matemática emergentes na época: “Ela estava sempre indo nos congressos de educação matemática, e trazia aquelas ideias novas, e a gente estudava esses autores, o Papy, ela falava muito na Madame Krigowska [Anna Zofia], [...] que ela achava uma pessoa muito importante” (CURY, 2007, p. 1). As viagens e os Congressos adentravam a sala de aula e conectavam os estudantes aos debates internacionais em curso. Pode-se pensar que Joana Bender encontrou, nessa disciplina, a oportunidade de compartilhar com os licenciandos interesses, descobertas, aprendizagens.

Uma possibilidade de incidir mais fortemente na formação de professores constituiu-se com a implementação, em 1970, do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM), no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A escolaridade obrigatória no Brasil era, então, ainda restrita aos quatro ou cinco anos da escola primária. O PREMEM, criado no final dos anos 1960 com apoio de agências financiadoras norte-americanas, tinha como objetivo anunciado a constituição de ginásios polivalentes. Projetava-se, então, a expansão da escolaridade obrigatória por uma via distinta do curso ginásial existente, com forte presença das humanidades e focado na preparação para os cursos superiores. Os ginásios polivalentes, de viés profissionalizante, ofertariam um “[...] ginásio orientado para o trabalho” (CUNHA, 1971, p. 19). Para esse novo tipo de escolas, era preciso formar novos professores. Os cursos de licenciatura existentes eram poucos, orientados para uma formação matemática semelhante à dos bacharéis, e diplomavam um pequeno número de egressos, ao final de quatro ou cinco anos (BÚRIGO, 2013). O PREMEM (depois renomeado PREMEN) prometia atender à demanda de novos professores em caráter de urgência.

Na UFRGS, a oferta do PREMEM foi coordenada pela nova Faculdade de Educação, em parceria com a SEC. Em acordo com a lógica profissionalizante, foram oferecidos, em 1970, cursos de Licenciatura de Curta Direção em Artes Industriais, Técnicas Comerciais, Técnicas Agrícolas, Educação para o Lar; visando à então denominada “formação geral”, foram oferecidos cursos de Ciências e de Matemática. A primeira edição do curso de Matemática teve início em setembro de 1970, com final previsto para junho de 1971. O curso era realizado em regime intensivo de quarenta horas semanais, sendo exigida dos alunos dedicação exclusiva e desempenho “muito bom” ou “bom” (BOLETIM DO PREMEM-UFRGS, 1971). Os alunos-mestres recebiam bolsas e registravam presença em cartão-ponto (MOTA, 2008).

Além de condensada no tempo, a formação oferecida pelo PREMEM distinguia-se das licenciaturas existentes pelos programas e pela orientação pedagógica. Na Guanabara e no Espírito Santo, os cursos de Matemática eram coordenados por Arago Backx, colaborador do *Centre Belge* (MARINS, 2019). Essa liderança foi, certamente, decisiva para a adoção da coleção *Mathématique Moderne* como referência principal para a formação de professores no PREMEM, em âmbito nacional. Telmo Mota (2008) lembra que alguns professores do Departamento de Matemática da UFRGS manifestaram estranheza em relação a essa orientação; prevalecia, então, a preocupação com uma formação matemática rigorosa que preparasse os egressos para a pós-graduação no Instituto de Matemática Pura e Aplicada. A coordenação da primeira edição do curso foi atribuída a Joana Bender, que conhecia e defendia a proposta curricular de Papy. Gelsa Knijnik (2020) refere-se a Joana como “mentora intelectual” do PREMEM.

Telmo Mota, recém-licenciado, integrava a equipe dos professores de Matemática do curso:

O conteúdo era os livros do Papy. Todo. [...] Os conteúdos naquela época eram aquilo que estava dentro do Papy que era lógica e teoria dos conjuntos, as primeiras translações, construção dos reais, a geometria afim. [...] Era quase que rigidamente aquilo ali (MOTA, 2008, p. 1).

Embora os temas fossem conhecidos dos professores, era preciso estudar a coleção, porque eram abordados de um modo diferente do usual, e segundo um novo encadeamento:

Então eram feitos seminários semanais com todos os professores da área de matemática mais a Gelsa, nos esalfávamos nos livros do Papy, seminários discussão e tal. [...] para saber aonde ele [Papy] vai chegar, porque era uma outra linha, um outro roteiro de ensino (MOTA, 2008, p. 1).

Os professores de Matemática estudavam a coleção ao mesmo tempo em que preparavam as aulas: “Nós fazíamos seminários, estudos no Papy, para eles poderem dar aula de matemática do Papy. Então assim, ‘vamos estudar o capítulo 5, dali a três semanas eles davam aula do capítulo 5, ou na semana seguinte” (KNIJNIK, 2020, p. 1).

Nessas aulas de Matemática, coordenadas pela professora Joana, eram usadas dinâmicas variadas, além das aulas expositivas:

Aí foi comprada a coleção completa, praticamente uma para cada aluno, que ficavam na biblioteca, os alunos retiravam [...]. Eles tinham oito horas de aula por dia e então aí variavam as técnicas, eles trabalhavam muito em grupo, com hidrocór, porque o

Papy, ele é muito visual, então eles iam resolvendo os problemas em grupo, porque não tem como uma pessoa ficar só ouvindo... faziam trabalho em grupo, individualizado (MOTA, 2008, p. 1).

Gelsa Knijnik, assim como Telmo Mota, foi convidada por Joana Bender a integrar a equipe de professores do curso: “[...] eu adorava ser professora ali, porque tinha um espírito assim de coletivo” (KNIJNIK, 2020, p. 1). Argumentou que isso era favorecido pela própria organização do curso, com aulas e convívio de oito horas diárias, cinco dias por semana, e também pelo desejo dos estudantes de aprenderem, de serem aprovados, que se expressava sob diferentes modos. A bolsa de estudos que recebiam ao longo do curso funcionava, segundo Gelsa, como um forte estímulo para que esse desejo fosse concretizado.

Na primeira edição do curso, Gelsa ministrou a disciplina de Prática de Ensino, junto com Zilá Guedes Paim, coordenadora da área de Matemática da SEC. No Brasil, circulava amplamente, então, uma orientação tecnicista no âmbito da educação, inclusive na pesquisa educacional; essa orientação predominava na Faculdade de Educação da UFRGS, cujos doutores haviam sido recém-formados nos Estados Unidos. Sob a direção de Zilá Paim, a Prática de Ensino era impregnada desse viés: a disciplina consistia na elaboração, apresentação e avaliação de microaulas, modelo já utilizado pelos estadunidenses da época. Inicialmente os alunos preparavam uma aula de quinze minutos, que era ministrada para seus colegas, alunos fictícios. Após, recebiam *feedback* – uma expressão em voga – do grupo e da professora. A aula era então novamente planejada, ministrada e avaliada (KNIJNIK, 2020). Algumas dessas práticas estão registradas nas publicações do PREMEM: percebe-se que, com um verniz modernizante, isto é, mencionando

noções muito elementares da teoria dos conjuntos, replicavam aulas tradicionais, baseadas na explicação do professor e em exercícios de repetição – uma dinâmica diversa daquela proposta pelos livros de Papy e praticada nas aulas de Matemática do curso (SANTANA, 1971). A tensão entre as duas perspectivas é insinuada em registro de visita de Arago Backx a Porto Alegre:

A convite do PREMEN, Porto Alegre hospedou na última semana de setembro o Prof. Arago Backx que está experimentando em quatro estados do Brasil programa semelhante ao que o Prof. Papy vem desenvolvendo na Bélgica desde 1963. Tendo sido bolsista do Centro Belga de Pedagogia da Matemática (Bruxelas), durante dois anos, o Prof. Arago realiza a experiência papista integralmente, sem modificações, no Colégio André Maurois no Rio de Janeiro. Mas, espírito receptivo e aberto ao debate, aceitou durante sua permanência no Rio Grande do Sul uma discussão cordial com os colegas gaúchos que fazem a experiência papista com as adaptações que julgam necessárias à realidade brasileira (BOLETIM PREMEN-UFRGS, 1971, p. 54).

Gelsa recorda que Joana Bender, sendo coordenadora, e percebendo a incoerência das práticas de ensino com a orientação geral do curso, questionava sua condução, sem sucesso. Telmo lembra que a segunda edição do PREMEN foi coordenada por Zilá Paim; traços da vertente Papy ainda foram mantidos e, depois, definitivamente abandonados a partir da terceira edição, coordenada por Matilde Gus.

Frente a essa dualidade, é provável que os que mais tenham se apropriado da orientação de Papy tenham sido, precisamente, os professores do curso. Telmo Mota (2008, p. 1) lembra que ensinou análise combinatória no Colégio de Aplicação, dando o enfoque da

coleção *Mathématique Moderne*: “Eu ensinei a partir dos livros do Papy para os meus alunos do segundo científico e foi algo fantástico porque tipo 80% deles conseguiram aprender, porque era um assunto árduo”. Telmo também aplicou a orientação de Papy para a abordagem das geometrias na disciplina de Geometria Analítica, como professor do curso de Licenciatura da UFRGS:

Isso eu fazia com meus alunos de Geometria Analítica [...], exatamente, eu seguia Papy. Eu só dava produto escalar, e os problemas típicos de produto escalar que eram distância entre dois pontos, distância de uma reta a um plano, distância entre duas retas no espaço e tal, eu só ia dar isso no final, seguindo o Papy, seguindo a Joana e seguindo o Alexandre Rodrigues. [...] Tu consegues criar um sistema de coordenadas sem produto escalar, ou seja sem medida, só pela graduação da reta a partir do teorema de Tales, [...] tu projetas paralelamente uma divisão equidistante (MOTA, 2008, p. 1).

Durante e após seu envolvimento com o PREMEM, Joana seguiu ministrando disciplinas para os cursos regulares da Universidade. Em 1970, fora implementada a reforma universitária que extinguiu e desmembrou a Faculdade de Filosofia. A oferta das disciplinas e dos cursos de Matemática foi atribuída ao Instituto de Matemática; a oferta das disciplinas de Didática, de Prática de Ensino e do curso de Pedagogia foi atribuída à nova Faculdade de Educação. Joana Bender, vinculada formalmente ao Instituto, atuava nas duas unidades – mais uma vez, transitando entre continentes.

De 1971 a 1973, Joana Bender seguia ministrando a disciplina de Fundamentos de Matemática e difundindo os materiais e as ideias de Papy:

Houve poucas aulas expositivas, em geral o trabalho foi desenvolvido em grupo com discussão orientada. Foram apresentadas aulas pelos alunos, especialmente da obra Papy com vistas a uma futura aplicação no ensino de 1º e 2º graus. A avaliação foi feita usando as seguintes técnicas: prova escrita, ensino programado, apresentação oral, crítica de livros do ensino secundário, auto-avaliação, etc. (BENDER, 1972, p. 1).

Lecionou ainda, em 1972, a disciplina de Evolução da Matemática, que também tinha um caráter abrangente, reflexivo e de articulação de diferentes áreas da Matemática.

Na Faculdade de Educação, Joana ministrou a disciplina de Matemática do curso de Pedagogia e participou da Comissão de Carreira responsável pela coordenação do curso. Em 1974, participou, na Faculdade, de Encontro de Professores sobre “Integração entre as unidades que oferecem disciplinas de conteúdo e as responsáveis pela complementação didático-pedagógica nos referidos Cursos”. Frente à fragmentação resultante da reforma universitária, a Faculdade de Educação tentava afirmar seu papel articulador.

Sabemos, por um breve registro em seu Relatório de Atividades Docentes, que Joana Bender participou da elaboração de um novo currículo para a Licenciatura em Matemática (BENDER, 1972). Com a reforma curricular, foram introduzidas as disciplinas de Matemática no Primeiro e Segundo Grau I e II, orientadas para a formação de professores, articulando formação matemática e pedagógica; e foi extinta a disciplina de Fundamentos de Matemática. Pelos registros encontrados, não é possível afirmar, mas pode-se suspeitar que a mudança foi implementada contra a vontade de Joana Bender; de 1974 a 1976, ela lecionou apenas disciplinas

de Cálculo, e não encontramos registros de suas atividades nos anos seguintes. Também não encontramos registros da implementação do Laboratório de Matemática, que ela anunciara em 1972.

## Herdeiros

Joana Bender não teve filhos. Mas deixou muitos herdeiros. Doou, para o acervo da nossa Biblioteca, anais de eventos e obras de educação matemática por ela trazidos de diferentes partes do mundo. Por esses textos, podemos acompanhar os debates daqueles tempos em que a Educação Matemática estava se constituindo como campo de debate e de pesquisa. Por eles, sabemos que o novo Instituto de Matemática estava, ainda que tenuemente, conectado a esses esforços de intercâmbio entre matemáticos e educadores de diferentes níveis de ensino. Por eles, sabemos que uma professora da UFRGS participava dessas movimentações.

Joana transitou entre os continentes então distantes da escola primária, da escola normal e do curso de Matemática. Difundiu as ideias de Papy, com a convicção de que o pensamento matemático poderia ser desenvolvido na escola. Deixou poucas e tímidas publicações: mas marcou a formação de gerações de professores e pesquisadores. Em muitas conversas sobre os anos 1960 e 1970, ouvi seu nome ser mencionado, como alguém que se distinguia pelo modo e pela intenção de ensinar – pela sensibilidade pedagógica, como lembra Gelsa Knijnik. Normalista, licenciada, formadora de professores, Joana Bender conquistou um espaço para a reflexão sobre a matemática escolar no Instituto de Matemática, nas escolas normais, e em encontros de professores. A área de pesquisa em Educação

Matemática no Rio Grande do Sul é, em larga medida, herdeira e beneficiária desses esforços.

Quem foi Joana Bender, em sua passagem pelo Instituto de Matemática? Uma boa professora, uma viajante, uma educadora matemática. Creio que assim gostaria de ser lembrada, e merece ser lembrada nestas comemorações dos nossos sessenta anos.

## Referências

- BENDER, Joana de Oliveira. *Relatório*. Porto Alegre: 1972. Relatório apresentado ao Departamento de Matemática da UFRGS. Núcleo de Gestão Documental do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, s.d. [original]
- BOLETIM DO PREMEN – UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 1, 1971.
- BONFADA, Elisete Maria. *A matemática na formação das professoras normalistas: o Instituto de Educação General Flores da Cunha em tempos de matemática moderna*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- BÚRIGO, Elisabete Zardo. Professores modernos para uma nova escola: a formação de professores de matemática nos anos 1960 e 1970. *Rematec: Revista de matemática, ensino e cultura*. Natal, n. 13, p. 23-42, maio/ago. 2013.
- CUNHA, Mauro. Ginásio Polivalente. *Boletim do PREMEN-UFRGS*, 2, p. 17-22, 1971.
- CURY, Helena Noronha. *Entrevista concedida a Elisabete Búrigo*. Porto Alegre, dez. 2007. Não publicada.
- ESPERANÇA, Antonio Cesar dos Santos. *O ensino de matemática no Instituto Júlio de Castilhos: um estudo sobre as provas do Curso Complementar*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FERREIRA DA SILVA, Antônio de Pádua. *Entrevista concedida a Elisabete Zardo Búrigo*. Porto Alegre: nov. 2008. Não publicada.
- HEIDT, Makele Verônica. *Matemática Moderna no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (1964-1979)*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- HESSEL, Lothar Francisco; MOREIRA, Earle Diniz Macarthy (org.). *Faculdade de Filosofia: 25 anos de atividade*. Porto Alegre: UFRGS, 1967.

KNIJNIK, Gelsa. *Entrevista concedida a Elisabete Búrigo*. Porto Alegre, set. 2020. Não publicada.

MARINS, Pedro Nogueira de. *O ensino de matemática no Centro Educacional de Niterói (CEN): algumas experiências na década de 1970*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MOTA, Telmo Pires. *Entrevista concedida a Elisabete Búrigo*. Porto Alegre, jan. 2008. Não publicada.

ORGANON. Porto Alegre: UFRGS, n. 10, 1965.

RIBEIRO, Antônio; BENDER, Joana; PAIM, Zilá Guedes. Construção de classes experimentais e de controle. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DA MATEMÁTICA, v. 5, 1966, São José dos Campos. *Anais*. São Paulo, 1968.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação e Cultura. *Diretrizes curriculares: ensino de 2º grau*. v. 1. Porto Alegre: SEC, 1976.

SANTANA, José. Prática de Ensino no Ginásio Estadual Padre Rambo – 1ª série – Matemática – 1971. *Boletim do PREMEN – UFRGS*, v. 1, n. 3, p. 99-108, 1971.

SCHEIBE, Leda. A formação pedagógica do professor licenciado – contexto histórico. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 31-45, ago./dez. 1983.

SCHOLL, Raphael Castanheira. *Memórias (entre)laçadas: mulheres, labores e moda na Escola Técnica Sen. Ernesto Dornelles de Porto Alegre/RS (1946-1961)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegado. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE: FaE: UFPel, n. 3, p. 35-58, abr. 1998.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Do engenheiro ao licenciado: subsídios para a história da profissionalização do professor de Matemática no Brasil. *Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 5, n. 16, p. 75-94, set./dez. 2005.

XAVIER, Odila Barros. *Um problema em marcha*. Porto Alegre, 1963. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/10000001852>. Acesso em: 12 mar. 2021.





# PROFESSOR MANOEL LUIZ DA SILVA NETO

*José Francisco Porto da Silveira*

*Matriz: Cálculo Numérico, Gráficos e Mecânica*

*Prof. Espontâneo*

*Manoel Luiz da Silva Neto*

**N**este pequeno texto procuramos lembrar um pouco da contribuição didática e administrativa do professor Manoel Luiz da Silva Neto, tanto no Instituto de Matemática e Estatística (IME) como na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também procuramos dar uma ideia das diferenças entre a formação/orientação dos docentes do Departamento de Matemática Pura e Aplicada anterior e posteriormente à Reforma Universitária na UFRGS.

## Vínculos de Silva Neto como docente na UFRGS e no IME

Com a reforma universitária da UFRGS, a partir de 1970, todas as cátedras da universidade foram extintas e, assim, Manoel Luiz da Silva Neto passou a atuar como professor titular no Departamento de Matemática Pura e Aplicada do novo Instituto de Matemática. Foi nessa qualidade que se aposentou em 1985.

## Atuação não universitária de Silva Neto

Antes de mais nada, é importante destacar a enorme diferença de formação e envolvimento profissional entre os professores pioneiros de nosso Departamento de Matemática e seus professores atuais. Vários daqueles pioneiros exerciam boa parte de sua vida profissional longe dos meios universitários, dessa trazendo ensinamentos e valores para seu trabalho de professores. Citemos apenas dois deles: Oswaldo Paim (engenheiro responsável pelo projeto e cálculo de várias pontes do Rio Grande do Sul), Luís Roberto Andrade Ponte (empresário da construção civil, deputado federal por mais de dez anos, Secretário Estadual no Rio Grande do Sul, Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, entre outras funções públicas).

Voltando ao Silva Neto, nos anos de 1941 e 1942, trabalhou como engenheiro do DAER<sup>8</sup>, quando então, devido à guerra, foi convocado pelo exército, assim permanecendo até 1945. Nesse ano, assumiu o cargo de tecnologista no Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul (hoje em dia chamado de CIENTEC), onde, bem mais tarde, ocupou cargo de direção.

## Formação matemática de Silva Neto

Em 1940, concluiu o curso da nossa Escola de Engenharia, então Universidade de Porto Alegre. Os estudos matemáticos que aí fez eram bastante simples e ainda seguiam a Doutrina Positivista de Augusto Comte (um professor francês de Matemática com tendências filosóficas), adotada pela maioria dos professores pioneiros da Escola de Engenharia, já que muitos deles eram oriundos de escolas militares.

Contudo, Manoel Luiz da Silva Neto, dotado de uma mente bem aberta, passou a estudar matemática mais atual e mais avançada. Para tal, muito foi conscientizado pela enorme importância que tiveram a Tecnologia e a Ciência, e em especial a Matemática (Criptografia, Meteorologia Militar, mísseis, bombas nucleares etc.), no desfecho da Segunda Guerra. Para ele, ficou bem clara a necessidade de, em um Brasil ainda puxado por carros de bois, desenvolvermos a Matemática Computacional. Para isso, muito aproveitou a bibliografia estrangeira adquirida pelo Instituto Tecnológico do Rio Grande do Sul no início da década dos anos 1950, além de pessoalmente construir uma boa biblioteca de livros importados e nacionais.

## Atuação acadêmica de Silva Neto

Ainda em seus tempos de professor assistente da cadeira de Mecânica Racional, sob o Professor Schmidt, os estudos de Matemática Computacional que vinha fazendo o levaram a propor à Escola de Engenharia a criação de uma cadeira de Cálculo Numérico, Gráfico e Mecânico. O objetivo era ensinar aos alunos dessa escola técnicas matemáticas que os habilitassem a usar os recursos computacionais na época existentes em nosso meio: régua de cálculo e as calculadoras mecânicas. Com o aceite da proposta do professor Silva Neto, ele passou à condição de catedrático da nova cadeira, tornando-se responsável pela introdução do estudo do Cálculo Numérico e da Matemática Computacional em nossa Universidade. Não podemos deixar de enfatizar que essa foi uma iniciativa pioneira em nível nacional, na época, acompanhada apenas na USP<sup>9</sup> e na UFMG<sup>10</sup>. Bem mais tarde, em 1978, Manoel Luiz da Silva Neto também foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC).

## Produção da equipe de Silva Neto

O professor Silva Neto era bastante arredo à escrita de textos, mesmo didáticos. Contudo, o material de suas aulas e o produzido por sua equipe de professores assistentes (Pedro Nowosad, Oswaldo Paim, Genaro Celiberto, David Martins, Penido Fontoura da Silva, Paulo Azeredo, Álvaro Hoffmann e Cláudio Marques) deu origem a várias monografias e apostilas versando principalmente sobre o Cálculo Numérico.

Além disso, foi especialmente notável o seminário que conduziu semanalmente com sua equipe. Nesse seminário, que foi continuado por muitos anos após sua aposentadoria, tanto se discutiam problemas didáticos da disciplina como se promovia o estudo de novos livros, novos métodos numéricos, e se discutia também a possibilidade do uso de novos equipamentos de cálculo.

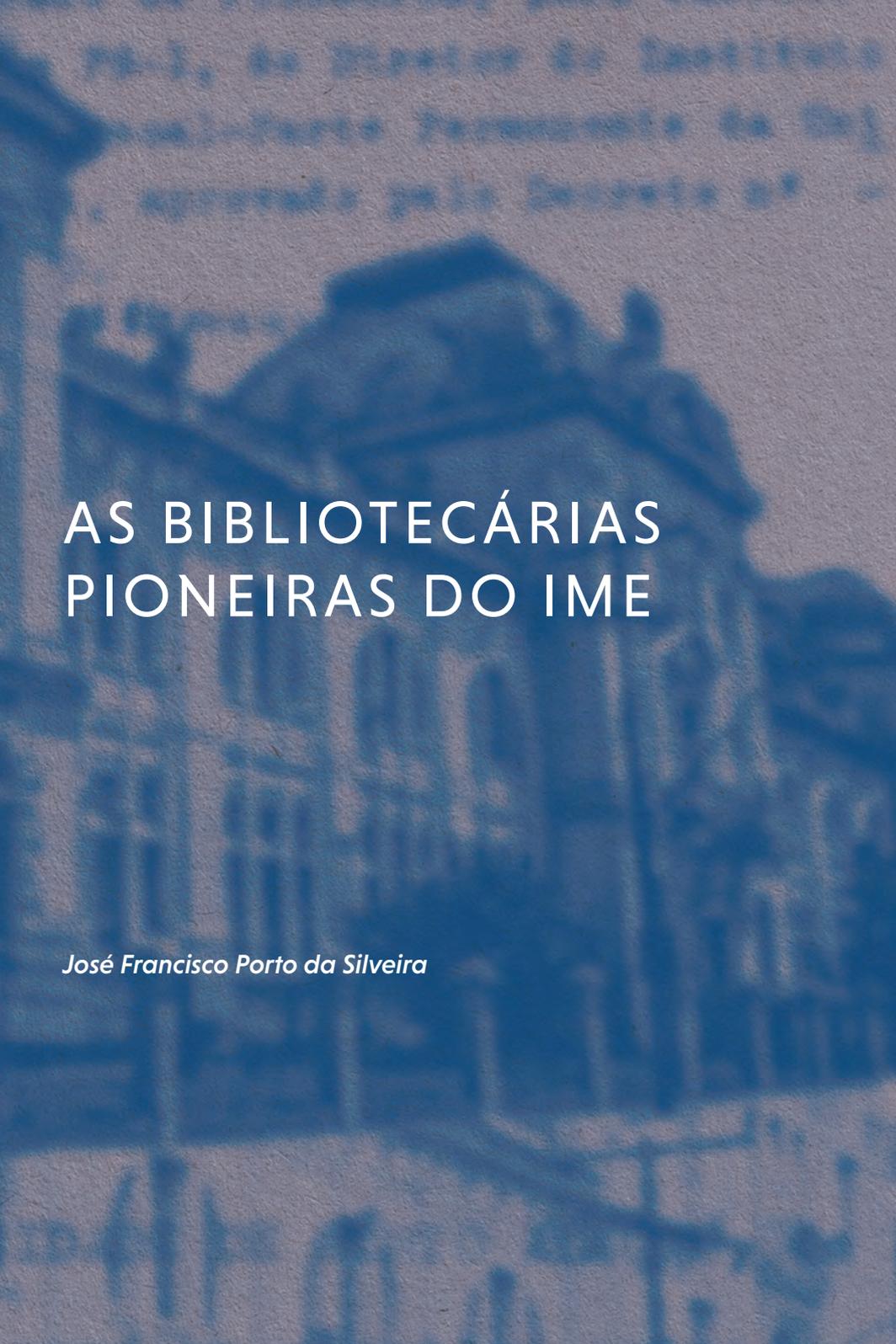
## Atuação administrativa antes da reforma universitária na UFRGS

Por vários anos, Manoel Luiz da Silva Neto foi chefe do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia. Mais tarde, entre 1964 e 1966, ele foi diretor do Instituto de Matemática da UFRGS. Durante sua gestão, o Instituto de Matemática transferiu-se de sua antiga sede, num sobrado, na rua Venâncio Aires, para o prédio do Instituto Parobé, no Campus Central, no número 425 da Rua Sarmiento Leite, onde ficamos até nossa mudança para o Campus do Vale, em 1985.

## Atuação administrativa depois da reforma universitária na UFRGS

Com a reforma universitária de 1970-1971, o então existente IM da UFRGS teve sua estrutura e seus objetivos alterados. Em particular, foi dividido em um departamento de Matemática e um de Estatística. O professor Silva Neto foi o primeiro chefe do novo Departamento de Matemática Pura e Aplicada (DMPA), de 1972 a 1973. Foi uma fase atípica, pois um novo departamento teve que ser montado, responsável por todo o ensino de Matemática na Universidade e congregando todos os professores que vinham lecionando Matemática nas várias faculdades e escolas que compunham a UFRGS.

A formação do novo DMPA foi tarefa bastante penosa, que requereu muito da experiência administrativa de Silva Neto, tanto como engenheiro no Instituto Tecnológico como de ex-catedrático da Escola de Engenharia em uma cadeira com muitos assistentes. Com efeito, foi preciso a chefia do novo DMPA ter muita diplomacia para levar em conta a formação matemática e o regime de trabalho muito diferentes do novo corpo docente. Imagine a reação de um docente, talvez ex-catedrático, que há anos tinha sua vida organizada para lecionar em sua cadeira apenas no, digamos, segundo semestre, que agora tinha de lecionar nos dois semestres, muitas vezes, em uma disciplina que nunca lecionara...



1911, do Decreto de 12 de Junho  
de 1911, do Decreto de 12 de Junho  
de 1911, do Decreto de 12 de Junho  
de 1911, do Decreto de 12 de Junho

# AS BIBLIOTECÁRIAS PIONEIRAS DO IME

*José Francisco Porto da Silveira*

**D**izia o grande matemático Henri Poincaré<sup>11</sup> (1902, p. 168, grifos nossos): “*Assim como uma casa não é apenas um monte de tijolos, a Ciência não é apenas um monte de fatos*” (grifos do autor).

Nesta linha de pensamento, diremos que uma biblioteca não é apenas um monte de livros, é essencial que seja organizada e administrada por um dedicado e competente bibliotecário. Neste pequeno texto, iremos abordar um pouco desse trabalho na criação e no desenvolvimento da biblioteca do Instituto de Matemática e Estatística (IME), principalmente por suas primeiras bibliotecárias: Míriam Modelevski Almaleh e Érika Lori Mennella<sup>12</sup>. Aproveitando a oportunidade, também trataremos do processo de obtenção de seus primeiros livros e periódicos.

## **Importância da biblioteca do IME, antes e depois da internet**

A fim de que o leitor possa bem se localizar no tempo, lembramos que a internet chegou ao Instituto de Matemática no início dos anos 1990. Inicialmente, com o suporte técnico do Instituto de Física, tínhamos o serviço de e-mail pela rede *Bitnet*, e a troca de informação com colegas de nossa e outras universidades era via grupos

de discussão e o uso de FTP<sup>13</sup> para enviar e receber textos. Tudo em modo texto e via modem/telefonía. Era uma situação bem rudimentar.

A problemática do acesso e troca de informações teve um enorme avanço com a invenção da *web*, a versão multimídia da internet, criada em 1990 por Tim Berners-Lee. No Instituto de Matemática, este grande progresso iniciou a se tornar uma realidade com a aquisição de *workstations*, pelo Programa de Pós-Graduação em Matemática, e o acesso à rede *ethernet*, ainda na década dos 1990.

Antes da chegada da *web*, as bibliotecas universitárias eram quase que a única fonte de informação que tínhamos. As livrarias locais tinham muito pequena variedade de livros universitários de Matemática, e aproveitávamos viagens a São Paulo e Rio de Janeiro para comprá-los. Importar livros era demorado, tínhamos as maiores dificuldades para comprar dólares, para pagá-los e enviá-los, os preços eram grandes etc. Também aproveitávamos idas a São Paulo para consultar e xerocar material na biblioteca do Instituto de Matemática (IM) da Universidade de São Paulo (USP), ou na biblioteca do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), no Rio de Janeiro.

Hoje em dia, nos tempos em que há um uso extremamente difundido da internet tradicional, da *web* e até da *deep web*, e que essas disponibilizam uma enorme variedade de livros e artigos científicos, diminuiu bastante o uso das bibliotecas universitárias pelos alunos e até pelos professores. Por conseguinte, atualmente, nem todos percebem o esforço e as dificuldades vencidas para se construir o acervo de livros e periódicos de uma biblioteca como a do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da UFRGS, além de talvez não valorizarem devidamente o trabalho pioneiro de nossas bibliotecárias pioneiras na organização e administração da biblioteca do IME. Neste texto, iremos tentar resgatar um pouco disso.

## Formação do acervo de livros e periódicos da biblioteca do IME

Coube a Antônio Rodrigues, ainda como professor catedrático de Geometria no Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da UFRGS e como um dos primeiros diretores do IME, a missão de dar os primeiros passos na formação do acervo de nossa biblioteca, tudo isso no final dos anos 1950 e início dos 1960.

Consultando catálogos de livrarias e vencendo enormes entraves burocráticos, o professor Rodrigues conseguiu que nossa biblioteca comprasse um primeiro lote de livros de matemática universitária. A esse lote foram acrescentadas doações feitas pelo Consulado do Japão e da Alemanha em Porto Alegre, pela Embaixada da França e da *University of California*. Mais tarde, foi feita a assinatura de periódicos de pesquisa em Matemática e Estatística, bem como os periódicos usuais de referência, o *Mathematical Reviews* e o *Zentralblatt für Mathematik*.

No início dos anos 1970, além de ser incrementada a aquisição de livros, foi feita uma avaliação de nossos periódicos. Como exemplo, foi cancelada a assinatura do *Zentralblatt*, devido a seu grande custo e baixo uso, e em seu lugar foram assinados periódicos voltados ao ensino da Matemática.

Com a criação da pós-graduação, obteve-se verba para a aquisição de livros mais voltados às áreas de pesquisa dos professores da pós-graduação.

Não podemos deixar de lembrar as dificuldades burocráticas que tiveram que ser vencidas para que pudéssemos adquirir nosso acervo. Também foi preciso explicar a diretores dos anos 1970 que, apesar do pequeno uso que tinham os periódicos da biblioteca, não tinha sentido cancelar sua assinatura, pois, no futuro, na

medida em que o IME se desenvolvesse, fariam enorme falta. Também, que não tinha sentido continuar comprando metros e metros de livros-texto (como foi o caso do Cálculo de Kaplan e Lewis<sup>14</sup>).

## **A “viagem” de nossa biblioteca até sua sede final no Campus do Vale**

A primeira sede “definitiva” do Instituto de Matemática foi inaugurada em 1959, situando-se no número 127 da Avenida Venâncio Aires, sendo que sua incipiente biblioteca ocupava o primeiro andar dessa casa e tinha Míriam Modelevski Almaleh como bibliotecária.

Em 1966, o Instituto de Matemática (IM) transferiu-se de sua sede na avenida Venâncio Aires para o prédio do Instituto Parobé, no Campus Central, no número 425 da Rua Sarmiento Leite. Sob a direção da nova bibliotecária, Érika Mennella, nossa biblioteca inicialmente ocupou o terceiro andar desse prédio e, depois de alguns anos, passou para o térreo, onde ficamos até nossa mudança para o Campus do Vale, em 1985.

## **Nossa primeira bibliotecária: Míriam Modelevski Almaleh**

Coube a ela a tarefa, inédita em nosso meio, de classificar e catalogar o acervo de livros de Matemática composto por doações recebidas e pelas obras adquiridas pelo professor Rodrigues. Na falta de melhor recurso, ela teve que usar a Classificação Decimal Universal, de 1943. Logo ficou evidente que essa classificação era obsoleta, ao menos para fins da Matemática. Contudo, com a ajuda do professor Rodrigues e eventual consulta a outros professores, fez-se o que foi possível.

Em 1962, e ainda na época em que o IM localizava-se na avenida Venâncio Aires, Míriam organizou a publicação do *Acervo Bibliográfico do Instituto de Matemática da UFRGS*, publicado pela Editora Meridional, EMMA, de Porto Alegre, com cerca de 160 páginas. Uma obra que foi de imenso valor para os estudantes da época.

## Nossa segunda bibliotecária: Érika Mennella

Assumi a chefia da Biblioteca do IM em 1966, já na nova sede do IM, no prédio do Instituto Parobé, no Campus Central. Dotada de elogiável dedicação, levou a cabo uma demorada e completa reclassificação de nosso acervo, agora mais matemática e atual. Foi, também, durante sua chefia que foi feita uma avaliação e renovação de nosso acervo de periódicos. Foi um privilégio tê-la como bibliotecária do nosso Instituto.

# JOSÉ CARLOS GRIJÓ

O PIONEIRO

*Dinara Westphalen Xavier Fernandez*  
*Liane Werner*

## Motivação

Gentileza, empatia, austeridade, senso de humor, seriedade, forte religiosidade, conhecimento técnico, elegância, persistência, rigor, generosidade, firmeza, amor ao trabalho, paixão pela Estatística, dedicação à profissão e à família, modelo de conduta ética e moral... algumas das inúmeras qualidades que caracterizam o inesquecível professor José Carlos Grijó. Ele deixou sua marca no Departamento de Estatística, no Instituto de Matemática, na UFRGS e extrapolou os muros da Universidade. Marca esta relatada em depoimentos de muitos que com ele conviveram e que foram articulados aqui com base em contatos por telefone, entrevistas ou mesmo e-mails recebidos.

## Trajetória

José Carlos Grijó nasceu em 29 de junho de 1935, em Valença, Rio de Janeiro, onde viveu com três irmãos, duas irmãs e os pais: José Grijó, funcionário dos Correios e, posteriormente, da Rede Ferroviária, e Hermínia Sobreira Grijó, costureira, ou melhor, mãos de fada. Estudou na sua cidade natal até ingressar na ENCE (Escola Nacional de Ciências Estatísticas), no Rio de Janeiro, tendo se formado na terceira turma do curso de

Bacharelado em Estatística, em 1958. O jovem recém-bacharel e seu colega Herbert Guarini Calháu foram, então, convidados a disseminar seus conhecimentos no sul do Brasil, trocando a pujante Cidade Maravilhosa, com seus mais de dois milhões de habitantes, pela pacata Porto Alegre, cuja população era seis vezes menor.



Figura 1: Formatura no Ginásio – Valença, RJ  
Fonte: Acervo da família Grijó.



Figura 2: Formatura de Bacharel em Estatística/ENCE  
Fonte: Acervo da família Grijó.

Como bem recorda Nelson Emílio Michel, atualmente professor aposentado do Departamento de Estatística da UFRGS (DEST/UFRGS), nas décadas de 1950 e 1960, a Estatística, na Universidade, era ministrada basicamente nos cursos de Engenharia e Economia, abordando apenas discussão e análise de tabelas e gráficos, sendo a parte de análise técnica restrita ao cálculo de medidas de tendência central, não indo além do cálculo do desvio-padrão.

Em 1953, na UFRGS, foi criado o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE) com o objetivo principal de realizar pesquisas e análises sobre a economia regional e nacional, o que gerou a necessidade de um conhecimento estatístico mais sofisticado do que aquele até então vigente na Universidade. Agregado à necessidade de qualificar o ensino de Estatística no curso de Economia, com a introdução de métodos mais modernos, a Direção da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) decidiu solicitar à ENCE a indicação de dois formandos. O professor de Estatística Maurício Filchtner, que havia sido secretário executivo do IBGE<sup>15</sup>, órgão ao qual a ENCE está vinculada, recebeu esta incumbência. José Carlos Grijó e Herbert Guarini Calháu foram, assim, os primeiros estatísticos com curso de graduação em Estatística em Porto Alegre, como recorda Jandyra Fachel, professora colaboradora do Departamento de Estatística (DEST) da UFRGS.

Aos 23 anos, o jovem Grijó assumiu a disciplina de Estatística Geral e seu colega e amigo Calháu, a Estatística Econômica, introduzindo conteúdos tais como cálculo de probabilidades, distribuições teóricas de variáveis discretas e contínuas, correlação e regressão, econometria. Esta quebra de paradigma gerou imenso alvoroço não somente entre os alunos, cuja taxa de aprovação caiu assustadoramente de 100% para 20%, mas também junto aos docentes, que se viram desafiados

a conhecer esses novos conteúdos para aplicar no estudo da economia. No entanto, como garante Nelson Michel, que atuava como seu assistente, junto com Gustavo Sola, professor nas disciplinas da FCE:

[...] a firmeza, persistência e conhecimento técnico de Grijó recebeu o aval e o reconhecimento da Direção e dos demais chefes de Departamento da FCE, levando à manutenção dos conteúdos ministrados. Apesar do rigor que sempre adotou nas avaliações, Grijó nunca deixou de se colocar à disposição dos seus alunos, com sugestões e orientações para que os mesmos entendessem a importância da necessidade do ensino qualificado (MICHEL, 2010, s.p.).

José Carlos Grijó atuou não apenas no ensino de graduação, mas também em pesquisas e cursos, a maioria vinculados ao IEPE, nas funções de coordenador principal, membro de equipes técnicas, orientador e assessor, resultando em publicações principalmente em Economia Rural e Sociologia Rural. Em 1960, publicou, em parceria com seu colega Herbert Calháu, o livro *Análise Estatística das Séries de Produção Agrícola no RS Trigo*, Editora Gráfica da URGs/RS.

Em onze de maio de 1963, casou-se com Vera Vogel, mais tarde, nutricionista, com quem teve dois filhos: Eduardo, economista e servidor do BRDE<sup>16</sup>, e Luiz Alberto que, inspirado pelo pai, seguiu a vida acadêmica, tornando-se historiador e professor na área de Ciências Humanas da UFRGS, desde 1993.



**Figura 3:** Casamento de Vera e José Carlos Grijó, Porto Alegre, 1963  
Da esquerda para direita: Magda e Maurício Filchfiner, os noivos,  
Gladis e Herbert Calháu.  
Fonte: Acervo da família Grijó.

Luiz Alberto Grijó destaca a relação de amor, dedicação e gratidão do professor Grijó, seu pai, com a Universidade, incluindo seus colegas e servidores. Luiz Alberto destaca a relação de amor, dedicação e gratidão do professor Grijó com a Universidade, incluindo os colegas e servidores. Cumpridor do horário de trabalho, ainda quando a família morava na Avenida Duque de Caxias, saía de casa pela manhã, trabalhava, retornava para o almoço e voltava para a Universidade no início da tarde. Lá permanecia até às dezenove horas e, frequentemente, estendia um terceiro turno, quando ministrava aulas à noite.

Grijó era torcedor de futebol, com seu jeito comedido. No Rio de Janeiro, seu time era o Flamengo, e, aqui, logo simpatizou com o Internacional, talvez atraído pela cor e também por tratar-se do time do povo.

No final da Copa de 1970, quando o Brasil ganhou da seleção italiana, Grijó reuniu toda família no Fusca e foram comemorar o tricampeonato na Avenida Borges de Medeiros.



**Figura 4:** Fusca da família, 1965  
Fonte: Acervo da família Grijó.



**Figura 5:** Grijó, Vera, Luiz Alberto e bebê Eduardo, 1966  
Fonte: Acervo da família Grijó.

Luiz Alberto recorda um episódio em torno de 1972, aos sete anos de idade, quando a Seleção Brasileira de Futebol veio jogar em Porto Alegre. O professor Grijó levou os dois filhos para assistirem ao treino no Estádio dos Eucaliptos. Na saída, o time brasileiro estava entrando no ônibus e eles, bem perto, ao lado do ônibus, pois, naquela época, não havia os atuais aparatos de segurança. O jogador Carlos Alberto Torres estava na janela do ônibus:

[...] o pai me levantou, o Carlos Alberto me pegou para falar com o Pelé e pedir um autógrafo. Meu pai ergueu também meu irmão e fomos os dois lá. Isto é interessante, porque o pai nunca foi desses rompantes emocionais assim muito, muito fortes, foi uma coisa de criança com suas crianças, futebol, Pelé (GRIJÓ, 2020, s.p.).

José Carlos Grijó era muito ligado à família, ao núcleo de Valença, então disperso pelo país: a mãe morava em Curitiba, outros familiares em Criciúma, Rio de Janeiro, Valença. Em 1975, organizou uma viagem para levar a esposa e os filhos para conhecerem suas raízes, a cidade, os amigos, parentes e o bisavô (pai da mãe) com cem anos de idade.

Luiz Alberto relembra:

Num certo período da vida, o pai gostava de pescar. O avô tinha casa em Imbé, onde veraneávamos, e lá ele costumava pescar com carretilha e depois com tarrafa, à beira do rio Tramandaí. Ele sempre levava a gente e também peguei gosto. [...] O pai gostava muito de brincar com os filhos pequenos em casa. Sábados costumava nos levar para passear na Redenção, comer amoras (GRIJÓ, 2020, s.p.).



**Figura 6:** Grijó, Vera e Luiz Alberto  
Fonte: Acervo da família Grijó.



**Figura 7:** Grijó e filhos, Praia de Ipanema, Porto Alegre, 1968  
Fonte: Acervo da família Grijó.

Quando jovem, Luiz Alberto lembra de receber bons conselhos, que o ajudaram a pensar e orientar a tomada de decisões... e dos quais sente falta até hoje. O filho diz: “Apesar de ser um cara sisudo, sério, tinha um coração muito grande, generoso com a família e todo mundo.” (GRIJÓ, 2020, s.p.).

O professor Grijó detestava andar de avião. Só viajava a trabalho. Ficava nervoso dias antes e uns tantos depois, para relaxar, quando retornava. Já a esposa, era uma entusiasta de voar. Ela ficava na janela do avião e ele, mudo, introspectivo, ao lado, todo apreensivo; talvez por ter perdido o irmão mais velho em um acidente aeronáutico.

Com a divisão da Universidade em Departamentos, em 1970, Grijó, Calháu e outros professores de Estatística da Faculdade de Economia transferiram-se para o recém-criado Departamento de Estatística, no Instituto de Matemática da UFRGS.

De 1971 a 1975, José Carlos Grijó exerceu o cargo de Vice-Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, eleito pela Congregação e nomeado pela Presidência da República, junto com o Diretor, professor Herbert Calháu.

Ao longo de sua trajetória, participou de diversas Comissões: membro da Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas, de 1959 a 1979; membro do Conselho Departamental da Faculdade de Ciências Econômicas e do Instituto de Matemática, e da Congregação do Instituto de Matemática, 1970; Comissão Julgadora da Seleção de Professor Auxiliar Departamento de Estatística; Coordenador da Comissão de Graduação em Estatística; Chefe do Departamento de Estatística; Membro da Comissão de Carreira de Matemática, da Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Economia e do Conselho Universitário; Presidente da 1ª Câmara do COCEP (Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa), de 1982 a 1985; Participação no Projeto Centro Cultural da UFRGS, 1984 a 1988.

Destaque especial à Comissão, formada pelos professores José Carlos Grijó, Jandyra Maria Guimarães Fachel e Carlos Augusto Crusius, que elaborou o projeto de criação do curso de Bacharelado em Estatística da UFRGS, aprovado em 1975, cujo currículo foi inspirado nos cursos de Estatística da ENCE e da USP e ofereceu o seu primeiro vestibular em 1978.

A professora Sídia Callegari Jacques ressalta a firmeza de Grijó, dentro e fora do Departamento, para que o curso fosse criado. Algumas pessoas argumentavam que era melhor começar com a Pós-Graduação em Estatística, mas ele se manteve firme, “fincou pé”, como se diz, e acabou conseguindo.

A professora Elsa Cristina de Mundstock, venezuelana, destaca a natureza empática de José Grijó:

Quando ingressei no Departamento, recém chegada ao Brasil, o Grijó nos convidou (ela e Cláudio, seu esposo, professor na Faculdade de Agronomia) para jantar no apartamento dele, junto com a esposa. Foi um gesto de gentileza que me marcou, me fez sentir calor humano e aceitação no momento em que estava em processo de adaptação a um novo país, nova família e novos colegas de trabalho. Ele teve uma grande delicadeza nesse momento (MUNDSTOCK, 2020, s.p.).

O professor Deuclides Gudolle recorda que frequentemente encontrava José Grijó na missa das dezenove horas, na Igreja do Rosário, e que, quando Grijó se mudou para o bairro Assunção, passou a frequentar e a trabalhar nessa Igreja, reforçando o testemunho da professora Elsa, de que era muito católico e conservador. Ela mesma relatou episódio também testemunhado pela professora Dinara Fernandez:

Numa festa do Departamento a conversa girava sobre a novela Pantanal, que estava sendo transmitida nessa época. O professor Grijó falou que gostava muito da novela, mas, como havia muitas cenas eróticas, ele gravava os capítulos para assistir mais tarde e as cenas eróticas ele passava rapidamente para não ver. Claro que todo mundo que estava por perto brincou com ele, mas não restaram dúvidas de que estava falando a verdade!(MUNDSTOCK, 2020).

Em 1979, José Carlos Grijó recebeu o grau de Doutor em Estatística e o título de Livre Docente em Estatística, por haver se habilitado nas Provas e Defesa de Tese, junto ao Departamento de Estatística, realizadas no período de sete a nove de julho de 1977, cujos resultados foram homologados pela Câmara de Ciências Exatas e Tecnologia, do Conselho de Coordenação de Ensino e Pesquisa, da UFRGS.



Figura 8: Diploma de Livre Docente em Estatística, 1979

Fonte: NGDoc/IME. UFRGS.



**Figura 9:** Diploma de Doutor em Estatística. 1979  
 Fonte: NGDoc/IME. UFRGS.

Sídia Callegari Jacques (2020, s.p.) lembra que, quando ele prestou o concurso de Livre Docente, o ponto sorteado para a aula foi Distribuição Normal: “Os colegas do departamento começaram a rir e eu não entendi. Depois me explicaram que este assunto era a especialidade dele. E realmente, deu uma aula brilhante, nunca vi uma pessoa tão à vontade em uma aula de concurso”.

Em 1981 e em 1983, respectivamente, foi escolhido Paraninfo da primeira turma e homenageado pela terceira turma de Bacharelado em Estatística da UFRGS, merecido reconhecimento por seu empenho para implementar este curso na Universidade.

Para nós, alunos – recorda Adão Hentges – embora naturalmente outros professores tivessem participado do projeto para criar nosso curso, o Grijó era considerado como o mentor e ‘gerente’ da Estatística. Sem dúvida, o grande incentivador. Essa percepção continuou por muitos anos: sempre que tínhamos um problema era a ele que iríamos recorrer. Grijó era também o nosso representante

na Reitoria, cuidando da Comissão de Carreira e pelo bom andamento de nosso curso. Entendíamos a relevância e necessidade de alguém executar aquele papel mais burocrático e zelar por tudo. Infelizmente, tivemos muito pouco tempo com ele como nosso professor (apenas Introdução à Estatística, Estatística Descritiva e as duas disciplinas de Amostragem), por não poder se dedicar somente à docência. Entretanto, quando estava frente a nós, era contagiante o prazer que ele tinha em nos ensinar e nos transmitir a paixão pelo curso. Ao nos aproximarmos da formatura, ele foi fundamental para garantir o encaminhamento de todos nós para estágios finais de conclusão de curso, em órgãos que podiam nos oferecer uma experiência relevante na profissão de estatístico. Após formado, posso testemunhar ainda sua generosidade em se colocar à disposição para ajudar com as minhas primeiras dúvidas profissionais, ao iniciar meu trabalho na RBS. Pouco depois, tive a honra de me tornar seu colega na UFRGS, desta vez, como professor do Departamento de Estatística. Sou muito grato ao Grijó por ter criado nosso curso e acho que pude ir mais longe, graças a ele e aos colegas que abraçaram o projeto (HENTGES, 2020, s.p.).

Assim como Adão, que trabalha no Canadá, também atuam no exterior Karina Pretto e Mariana Carballo, em Londres, na Inglaterra; Mathias Bressel, em Melbourne, na Austrália; e Dierê Fernandez, em Lisboa, Portugal.

O professor José Carlos Grijó lançou a semente para que egressos do curso de Estatística da UFRGS atuem com competência, tanto como autônomos quanto em universidades (UFRGS, UFSCar, USP), centros de pesquisa e empresas, no Brasil e no exterior, nas mais diversas áreas, tais como financeira, saúde, negócios, gestão, educação. Mais de 50% dos professores do Departamento de Estatística da UFRGS são bacharéis do curso, todos mestres ou doutores.



**Figura 10:** José Carlos Grijó como Parainfo na primeira turma de Bacharelado em Estatística, UFRGS, 1981  
Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.



**Figura 11:** José Carlos Grijó, como homenageado na terceira turma de Bacharelado em Estatística, UFRGS, 1983  
Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.

Em 1985, o então Instituto de Matemática foi transferido para novas instalações no Campus do Vale, bairro Agronomia, e coube ao professor Luiz Glock, em sua primeira gestão como Chefe do Departamento de Estatística, conduzir o processo. Ele ainda recorda:

Conseguir salas boas para todo o mundo foi uma negociação bem complicada, mas tivemos êxito nesta tarefa. Lembro que havia uma disputa interna muito complexa na época e consegui harmonizar a equipe toda que se tornou bem unida ao ponto de eu ser reeleito. Na segunda gestão conseguimos dotar o Departamento de computadores que eram os mais potentes disponíveis. Consegui ajeitar a carga horária de todos os que quiseram aumento de carga horária e enviamos todos os que quiseram fazer o Doutorado para fora. Obviamente que tudo isto foi graças ao apoio incondicional do saudoso Prof. Grijó que era o embaixador do Departamento na Reitoria (GLOCK, 2020, s.p.).

Desta influência na Reitoria, a professora Liane Werner, então representante discente da Comissão de Carreira do curso de Estatística, lembra de como Grijó coordenava com altivez as reuniões nas dependências do COCEP. Como era o coordenador da Comissão, ele encaminhava a pauta de forma imperativa e firme, buscando que as decisões finais fossem as mais acertadas para a melhoria do curso. Lembra, ainda, de como Grijó, educado e chique, solicitava água, e respondia: “sim, com ‘bolinhas’ ”.

Como docente da UFRGS, José Carlos Grijó ministrou disciplinas e palestras na área de Estatística nos níveis de graduação e pós-graduação para vários outros cursos, tais como Economia, Administração, Ciências Sociais, Estatística, Economia Rural, Sociologia Rural, Hidrologia. E ainda em outras instituições de ensino

e pesquisa, pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina: PUCRS, Faculdade de Economia da UFSC, Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento da CEEE<sup>17</sup>, Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, Escola de Agronomia Eliseu Maciel de Pelotas e Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH).

Sempre atuante, foi membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), nomeado pelo Governador do Estado a partir de lista tríplice; representante da UFRGS no Sistema Estadual de Informações Técnicas e Estatísticas do Estado do Rio Grande do Sul (SEITE); assessor da Agência Regional Sul do CNPq no Projeto Áreas Emergentes; fundador do Conselho Regional de Estatística (CONRE)/RS, juntamente com outros colegas.

Participava, com alegria e discrição, de atividades sociais do Departamento.



**Figura 12:** Festa de fim de ano, Departamento de Estatística. 1989  
Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.

Em setembro de 2019, a professora Dinara Xavier Fernandez apresentou homenagem a José Carlos Grijó no painel *Expoentes da Matemática e da Estatística* do Seminário Grandes Mestres dos Mestres, patrocinado pelo Museu da UFRGS, criado com o objetivo de visibi-

lizar as trajetórias de professores que forjaram as bases fundamentais de novas disciplinas na Universidade. A professora foi sua aluna em disciplinas de Amostragem, no curso de Bacharelado em Estatística, na UFRGS, e, posteriormente, colega de Departamento, tendo assumido seu lugar na coordenação da então Comissão de Carreira, na década de 1980.

Professor Titular, com intensa vivência docente e administrativa, aposentou-se em 1991.



**Figura 13:** José Carlos Grijó, 1990  
Fonte: Acervo da família Grijó.

Inspirador, pioneiro e visionário, aventureiro até. Destaque inconfundível em sua área: abriu as portas, traçou o caminho da Estatística, garantindo sua qualidade de ensino, pesquisa e extensão, não só na UFRGS, como no Rio Grande do Sul e, inclusive, na região sul do Brasil. A história do Departamento de Estatística se confunde com sua história.

Dinara Fernandez recorda, com saudade, as exposições em giz e quadro-negro e a expressão que finalizava

as demonstrações e os conteúdos mais complexos das disciplinas, esclarecendo-os com incrível simplicidade: “[...] e então, pão, pão, bolacha quebrada!”

## Agradecimentos

A todos que colaboraram disponibilizando material e memórias para a organização deste material:

Ana Lérica Pacheco Gutierrez: Dossiê preparado a partir de consulta a documentos constantes na antiga pasta funcional do docente, que está sob guarda do Núcleo de Gestão Documental do Instituto de Matemática e Estatística (NGDoc/IME), em agosto de 2019.

Professores: Adão Hentges, Elsa de Mundstock, Deuclides Gudolle, Jandyra Fachel, Luiz Glock, Luiz Alberto Grijó e família, Nelson Emílio Michel e Sídia Callegari Jacques.

## Referências

GLOCK, Luiz. *Depoimento escrito enviado por e-mail às autoras*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicado].

GRIJÓ, Luiz Alberto. *Depoimento escrito enviado por e-mail às autoras, complementado com entrevista pessoal e áudio transcrito por Dinara Fernandez*. Porto Alegre, jun./jul. 2020. [Não publicados].

GUDOLLE, Deuclides. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, julho de 2019. [Não publicado].

HENTGES, Adão. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, julho de 2019. [Não publicado].

JACQUES, Sidia Maria Callegari. *Depoimento escrito enviado por e-mail às autoras*. Porto Alegre, julho de 2020. [Não publicado].

MICHEL, Nelson Emílio. *Homenagem preparada para VIII Seminário Comemorativo ao Dia do Estatístico*. CONRE (org.), FEDERASUL. Porto Alegre, 27 de maio de 2010. [Não publicada].

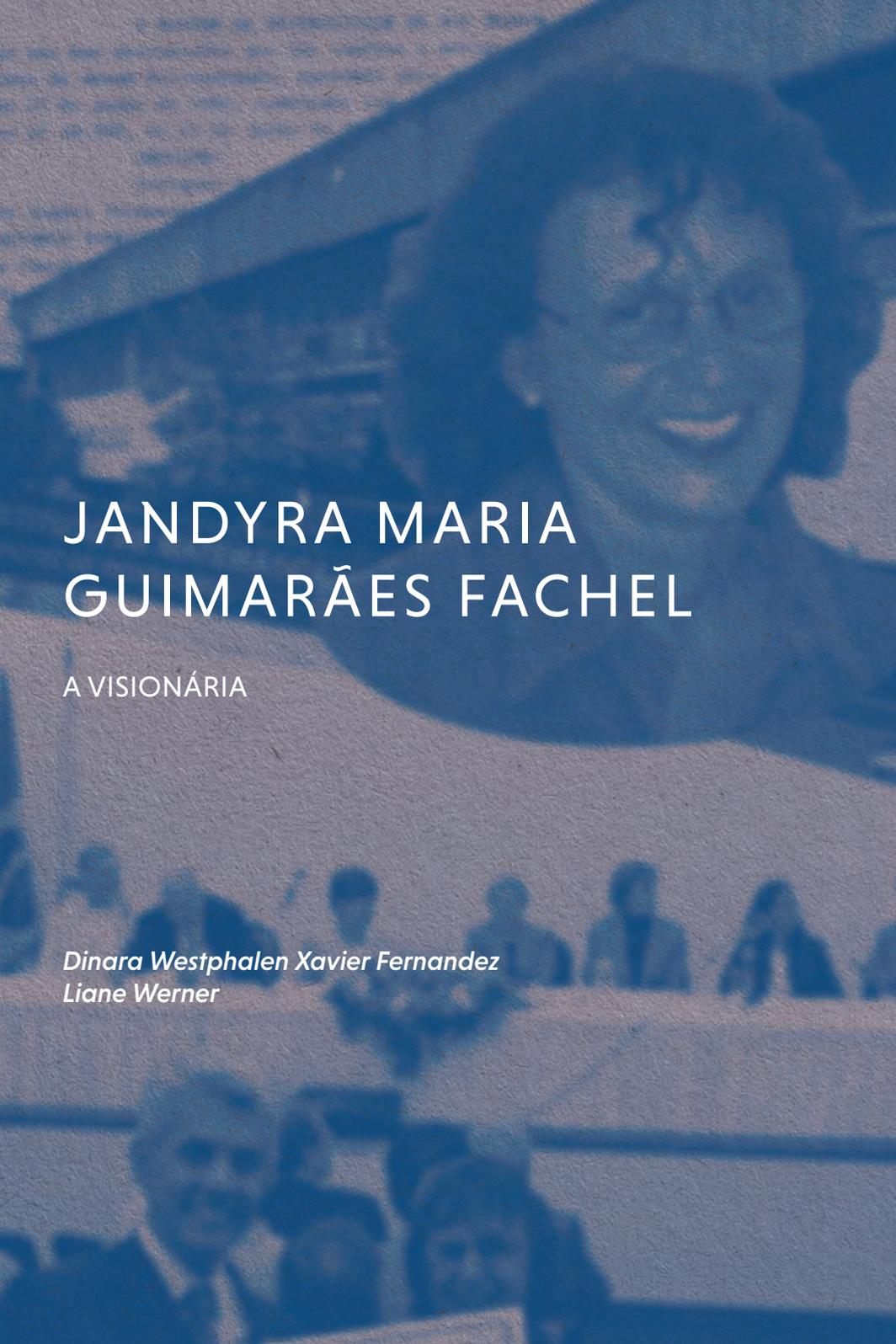
MUNDSTOCK, Elsa Cristina. *Depoimento escrito enviado a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, julho de 2020. [Não publicado].



FASE DE

# EXPANSÃO

*Imagem ao fundo: Sede atual no Campus do Vale*



# JANDYRA MARIA GUIMARÃES FACHEL

A VISIONÁRIA

*Dinara Westphalen Xavier Fernandez  
Liane Werner*

## Motivação

Inspiradora, inovadora, generosa, amiga, desafiadora, atuante, firme, contagiante, lutadora, incentivadora, competente, pioneira, corajosa, humana, empática, carismática... adjetivos que caracterizam esta professora que dedicou mais de quarenta anos à difusão do conhecimento e ao desenvolvimento da Estatística no Brasil, atuando intensivamente no Departamento de Estatística (DEST), do Instituto de Matemática e Estatística (IME), e, assim, contribuindo para a construção da excelência da UFRGS, com inclusão e relevância social.

## Trajetória

Jandyra Maria Guimarães Fachel é natural de Porto Alegre. Seu nascimento, em vinte de dezembro de 1949, pontua uma vida intensa de estudo, trabalho e dedicação à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bem jovem, durante sua graduação, começou suas atividades ao ingressar nos quadros da Universidade como técnica-administrativa. Em 1974, foi contratada como Professora Auxiliar no Departamento de Estatística (DEST) do Instituto de Matemática (IM) da UFRGS e, em 1985, foi aprovada no concurso para Professora Titular, cargo no qual se aposentou, em junho de 2012.

Licenciada em Matemática pela UFRGS, em 1972, logo percebeu a importância da Estatística, continuando sua formação na Universidade de São Paulo (USP) e tornando-se Mestre em Estatística, em 1976. Com seu espírito desbravador, foi estudar no exterior, voltando com o título de Doutora em Estatística pela *London School of Economics and Political Science, University of London*, em 1986.



**Figura 1:** Profa. Dra. Jandyra Fachel  
Fonte: Acervo pessoal de Jandyra Fachel.

Na cerimônia em que recebeu o título de Professora Emérita da UFRGS, em 2014, Jandyra Fachel fez uma reflexão sobre “velhas versões sobre mim mesma”. Tal expressão, da qual diz ter gostado, é

[...] um título muito recente de uma crônica de Carol Bensimon, cronista porto-alegrense. A crônica perguntava ‘em quanto tempo a gente esquece quem a gente foi’; perguntava também, ‘o que pensávamos sobre a vida, sobre trabalho, quando se é jovem’ (FACHEL, 2014, citação oral obtida por meio de entrevista).

## Ela conta que

[...] nas velhas versões de mim mesma, recém-formada em Matemática, surgiu a oportunidade de uma bolsa de estudos para fazer Mestrado em Estatística. Me disseram na ocasião, ‘tu vais ganhar a bolsa para estudar Estatística para depois retornar e ser professora do curso de Pós-Graduação em Sociologia.’ A bolsa tinha objetivo específico. O curso que eu fiz, de Estatística na USP, havia sido recém-criado. Naquela época, vivíamos em uma sociedade em que era muito raro as mulheres saírem para estudar fora, os namorados não entendiam isto, perdi o namorado, e no primeiro feriado voltei querendo desistir do Mestrado. Meu pai novamente me incentivou e disse: ‘Vai, minha filha. Termina o teu Mestrado, porque esse título vai ser um bem para ti para toda a tua vida’, e foi. Partii mais tarde para Doutorado em Londres. Ainda lembrando velhas versões de mim mesma, um dia caminhava sozinha pelas margens do Rio Tâmsa e comemorava-se o dia do Tâmsa, havia um belo espetáculo de fogos de artifício, nunca visto, não sei se pela beleza do espetáculo, pela solidão, pelo desafio que eu começava a enfrentar, caíram lágrimas de meus olhos. Bom, mas essas experiências no final valeram a pena, com os conhecimentos adquiridos, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, acho que fui uma das pioneiras a trazer para estes pagos novos horizontes para a estatística da UFRGS (FACHEL, 2014, citação oral obtida por meio de entrevista).

Na oportunidade, estendeu a homenagem aos antigos professores, José Carlos Grijó e Herbert, que a iniciaram em Estatística, bem como a seus orientadores de mestrado, Clóvis de Araújo Peres, da USP, e de doutorado, David Bartholomew, da *London School of Economics and Political Science*, que, com seus exemplos, foram verdadeiros educadores.



**Figura 2:** Jandyra Fachel em um curso de especialização na PUCRS, em 1971

Fonte: Acervo pessoal de Lori Viali.

Sem dúvida, a universidade europeia inspirou-lhe na criação, no fim da década de 1980, de uma de suas grandes contribuições, o Núcleo de Assessoria Estatística (NAE), órgão do Departamento de Estatística do então Instituto de Matemática da UFRGS, com a finalidade de prestar serviços de assessoria estatística tanto para a comunidade universitária quanto para a comunidade externa à Universidade, no Rio Grande do Sul. O NAE está associado a um projeto de extensão de caráter permanente, vinculado ao eixo temático Intercâmbio e Cooperação. São mais de 2.200 clientes, entre alunos de graduação e pós-graduação, professores e pesquisadores da UFRGS e externos a ela, que receberam assessoria estatística especializada, prestada pelos professores do Departamento de Estatística ligados ao NAE, com o apoio de servidores técnico-administrativos do então Instituto de Matemática (IM). Esse Núcleo tem, ainda, a importante função de contribuir para a formação profissional de seus bolsistas, estudantes de Estatística da UFRGS, que se engajam nas atividades de assessoria. Jandyra Fachel costuma dizer que “O NAE é a residência da Estatística”.

Fui aluna da Jandyra em 1974, no final de minha graduação em Matemática, na disciplina de Probabilidade, bem no início de sua carreira docente. Como já desenvolvia uma simpatia pela Estatística, aqueles encontros reforçaram minha certeza, posteriormente tornando-me Bacharel em Estatística. Recordo ainda que, no final da década de 70, ela convidou seu orientador do mestrado, Prof. Clóvis de Araujo Peres, IME/USP, para ministrar um curso de Planejamento de Experimentos. Nesta ocasião, comecei a sonhar em estudar na USP, em Piracicaba, vindo a concretizar este sonho anos mais tarde. Quando o IME foi transferido para o Campus do Vale, já como professora do DEST, tive o privilégio de compartilhar o gabinete com ela, sempre envolvida com alunos, com projetos, com situações administrativas, e com a realização de seu maior legado, o NAE. Admiro sua forma atuante, firme em suas crenças, sua facilidade de expressão, em qualquer ambiente, acadêmico ou extramuros, contagiando a todos com sua entrega. Quando minha filha Dierê ingressou para o Bacharelado na UFRGS, fomos convidados a conhecer o sítio dela e do Ducatti, onde contemplamos estrelas! (FERNANDEZ, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Recorda Dinara Fernandez que guarda, com saudade, o registro deste outro momento: a linda festa de aniversário proporcionada pela professora Jandyra Fachel, onde reuniu amigos e colegas do Departamento de Estatística.



**Figura 3:** Festa de aniversário de Jandyra Fachel, em 1999. Na fotografia, estão Elsa Mundstock, João Riboldi, Dinara Fernandez e respectivos cônjuges. Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.

### Elsa Cristina de Mundstock recorda:

Meu primeiro contato com a Jandyra foi na época em que o Grijó nos chamou para conversar sobre a ideia da criação do Curso de Estatística que estava em gestação. O Departamento funcionava no Campus Central, Rua Sarmento Leite, 425. A Jandyra já era prestigiada pelos fundadores do Departamento, principalmente Grijó e Calháu, que numa reunião do Departamento para eleger o próximo chefe, propôs o nome da Jandyra, ao que ela respondeu 'eu visto a camiseta do Departamento'. Ela sempre vestiu a camiseta do Departamento, do Instituto, do NAE e de todas as responsabilidades que tem assumido ao longo da sua carreira: veste os problemas do trabalho e não descansa enquanto não acha a solução, veste os problemas, angústias e sonhos e está sempre pronta para ajudar os colegas, alunos, amigos, família, cachorros e quem ela percebe que poderá necessitar ajuda. Compartilhamos uma sala no Instituto, já no Campus do Vale, ela como Coordenadora do NAE e eu como Coordenadora do Setor de

Recursos Computacionais. Essa convivência criou uma relação de camaradagem, amizade, cumplicidade, fraternidade. Fizemos muitos projetos a quatro mãos solicitando recursos para equipar os laboratórios, na época em que um micro custava 5.000 dólares, conseguimos vários computadores por preços menores, fizemos algumas acrobacias para conseguir disponibilizar software estatístico aos colegas e alunos do Departamento. Criou-se um vínculo muito estreito como resultado dessa convivência, além do NAE, comissões etc. Pude acompanhar de perto muitos exemplos da generosidade e da grandeza de espírito da Jandyra, bem como exemplos de firmeza irreduzível na hora de defender seus pontos de vista. Vivenciei também como a Jandyra é uma estatística com um ‘faro’ nato para visualizar e extrair a mais completa informação que os dados têm a oferecer, sempre atualizada e sempre curiosa pelas novas tecnologias, mas também, sempre disposta a compartilhar seus conhecimentos e suas habilidades (MUNDSTOCK, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Sidia Callegari Jacques também é testemunha da luta de Jandyra pelo Departamento de Estatística, pelo Curso de Estatística e pelo NAE. E relata o apoio irrestrito que dela recebeu desde que ingressou no departamento: tanto esclarecendo suas questões estatísticas quanto a incentivando para que prestasse concurso para professora titular e, assim, progredisse na carreira docente.

Com Jandyra, o ex-aluno Gilberto Müller Beuren, que atualmente é estatístico na universidade, teve as primeiras experiências práticas com a Estatística no NAE. Ele considera que a professora Jandyra foi fundamental na sua formação, inclusive ajudando-o no trabalho de conclusão do curso.

Vale destacar a importante colaboração que o NAE, coordenado na época por Jandyra Fachel, prestou na realização de pesquisa junto à Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS), cujo contrato resultou no aporte de recursos financeiros à Universidade, permitindo financiar reformas de infraestrutura no Instituto de Matemática, destinadas a atender adequadamente as atividades do NAE e do DEST, inclusive com a criação de um novo laboratório de informática.

A professora Jandyra enfatiza:

Essa parceria teve início junto ao Projeto Monitoramento Ambiental em Atividades de Perfuração Exploratória Marítima (MAPEM) em conjunto com o Instituto de Geociências e outras unidades da universidade. Foi um longo projeto. E lá, nessas novas instalações de primeiro mundo, nós recebemos diariamente pesquisadores de todas as áreas da UFRGS, desde áreas que eu nunca pensei que precisariam de estatística, como música, artes, letras. Também recebemos pesquisadores de várias universidades do país e de fora do estado, como pesquisadores que procuram o NAE para analisar seus dados em técnicas mais sofisticadas e recentes porque não encontram esse tipo de atendimento em seus estados mais longínquos. Sempre penso no ciclo que não tem começo nem fim, que deve circular, ensinando e fazendo aprendemos, e aprendemos fazendo e ensinando. E é assim que compartilhamos com alunos e pesquisadores numa forma completamente interdisciplinar. A estatística tem seus encantos, porque num dia estamos ouvindo biólogos falando de golfinhos, noutro dia um paleontologista falando de fósseis de espécies de dinossauros e assim por diante. Temos que aprender um pouco sobre todas essas coisas, nós estatísticos, para então participar junto com cada pesquisador par a par como se fos-

se uma equipe. Só assim, com o máximo possível da compreensão da outra área podemos realmente tirar dos dados a melhor instrução. Parcerias assim construídas resultaram, ao longo da minha vida profissional, em publicações, em participações como pesquisadora, em grupos de pesquisa, dentro e fora da UFRGS, como uma longa parceria de quase 20 anos com a Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (FEPAM), instituição que tem seus quadros pesquisadores de excelente nível (FACHEL, 2014, citação oral obtida por meio de entrevista).

Outra fonte inspiradora para a criação do NAE foi o exemplo transmitido por seu pai, José Fraga Fachel, professor de Sociologia, aposentado da UFRGS, de que:

[...] para motivar os alunos devemos mostrar a parte prática dos conteúdos teóricos fazendo com que desde bem cedo sempre ensinasse com o olho na prática. Ver para que serve, como funciona, como aplicar, foi a mola propulsora da minha forma de ensinar Estatística (FACHEL, 2014, citação oral obtida por meio de entrevista).

Jandyra relata:

Foi meu pai, nosso pai, que passou o amor por ensinar para seus filhos, já que meus dois irmãos também são professores universitários. Lembro-me como se fosse hoje de uma viagem para o Chile, eu com 16 anos, quando nosso pai levou uma turma de alunos para ver *in loco* a democracia cristã de Eduardo Freire. Minha irmã e eu fomos também e vimos o quanto seus alunos estavam interessados e o quanto aproveitaram na prática os ensinamentos de Sociologia de meu pai (FACHEL, 2014, citação oral obtida por meio de entrevista, grifos nossos).

Merece especial destaque a participação de Jandyra na criação e consolidação do curso de Bacharelado em Estatística. Oferecido desde 1978 pela UFRGS, por quase três décadas foi o único curso de bacharelado em Estatística no Rio Grande do Sul. Indiscutível é a importância decisiva que a Estatística tem como ciência indispensável à análise de dados e à tomada de decisões. Reveste-se, então, de caráter ainda mais importante o papel que esse curso, em que Jandyra Fachel foi uma das principais personagens durante a sua carreira, desempenhou para o desenvolvimento da Estatística em nosso país. Dos mais de 220 bacharéis formados no período de sua atuação como docente no Curso de Estatística, orientou 39 trabalhos de conclusão. Ministrou oito diferentes disciplinas no curso de Bacharelado em Estatística, além de disciplinas em outros cursos de graduação da UFRGS, especialmente os de Psicologia e Ciências Sociais. Sua afinidade com as áreas humanísticas lhe permitiu desenvolver maneiras adequadas de ensinar Estatística para os alunos daqueles cursos, alcançando resultados plenamente satisfatórios. Mais ainda, sua experiência acadêmica serviu e serve de exemplo, além do seu constante encorajamento, para que vários dentre aqueles bacharéis prosseguissem seus estudos na pós-graduação, sendo hoje em dia professores da nossa Universidade e de outras de nosso país, como as professoras Patrícia Klarmann Ziegelmann (UFRGS) e Simone Soares Echeveste (ULBRA). A sua atividade de docente difusora de conhecimento ficou como contribuição para o desenvolvimento da Estatística no Brasil, reconhecimento este feito pelos alunos, sendo paraninfa de cinco turmas e professora homenageada em outras onze turmas do curso de Bacharelado em Estatística.



**Figura 4:** Jandyra Fachel acompanhada de Patrícia Klarmann Ziegelmann e Simone Soares Echeveste

Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Klarmann Ziegelmann.

Letícia dos Santos Lopes, funcionária da EMBRAPA e única formanda de sua turma de Bacharelado em Estatística, em 2004, teve o privilégio de ter a professora Jandyra, com exclusividade, como sua paraninfa e, conforme afirma, recebeu um lindo discurso, com seu jeito meigo. Bolsista de Iniciação Científica (IC), orientada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Letícia recebeu, em 2015, mais uma “[...] ajuda desta professora super do bem, profissional, muito dedicada e disposta a ajudar os alunos e que merece todo reconhecimento” (LOPES, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista), com uma carta de recomendação para o mestrado. Conclui que ela e sua família nutrem enorme carinho e gratidão por Jandyra.



**Figura 5:** Formatura de Leticia Lopes  
Fonte: Acervo pessoal de Leticia Lopes.

Mariana Teixeira Carballo, Bacharel em Estatística em 2002, atualmente é *Model Risk Manager*, no *Close Brothers*, banco local em Londres.

A Jandyra me influenciou em grandes momentos da minha vida acadêmica. Durante a graduação, ela me indicou para algumas bolsas de IC na área de saúde: no Instituto de Cardiologia em Porto Alegre (IC-FUC) e no Departamento de Epidemiologia da UFRGS, onde aprendi muito. Devo a ela também a experiência adquirida com assessorias e análise de dados. Ao término da graduação, tive mais uma vez o apoio e incentivo para participar do processo seletivo para Professor Substituto no DEST: uma experiência inesquecível ao ministrar a disciplina de Dados Categóricos para a turma de Estatística como parte do meu estágio docente; espero ter chegado à altura dos ensinamentos dela. A Jandyra me ajudou a construir minha formação como pesquisadora, quando orientadora no mestrado da Epidemiologia da UFRGS, em 2005, onde fui a primeira estatística neste curso. Claro

que durante o mestrado nossa proximidade ficou bem maior, compartilhamos risadas, experiências com alunos e análise de dados. Lembro até hoje dos conselhos que ela me dava na hora de escrever. Tenho uma imensa gratidão por tudo que aprendi e convivi com a Jandyra (CARBALLO, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).



**Figura 6:** Formatura de Mariana Carballo  
Fonte: Acervo pessoal de Mariana Teixeira Carballo.

Sabrina Leticia Couto da Silva, em 2003, aluna do curso de Bacharelado em Estatística, tornou-se bolsista de Iniciação Científica (IC) da professora Jandyra, no NAE. E lembra:

Durante dois anos trabalhando com ela, aprendi muito além do que se via na sala de aula. Ela me apresentou ao lindo universo da pesquisa científica, me ensinou muito sobre estatística descritiva e inferencial, em especial, as técnicas multivariadas. Foram longas, mas proveitosas tardes em frente ao computador no NAE esperando rodar as longas simulações Monte Carlo (MCMC) ou utilizando

diversos comandos na função *Syntax* do SPSS para analisar dados para o projeto. Aprendi a escrever um resumo e fazer pôster para apresentar em evento; apresentei trabalho em evento científico, algo até então inexistente na minha vivência acadêmica (SILVA, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista, grifos do autor).

A experiência foi tão gratificante, complementa Sabrina, que

[...] quando me formei e resolvi fazer o mestrado, ingressei na Epidemiologia, pois trabalhava em um hospital de Porto Alegre à época e isso agregaria muito às minhas funções. Então, fiz a seleção e convidei a professora Jandyra para ser minha orientadora, pois ela estava bastante interessada na área da Estatística Espacial e este também seria meu foco no projeto de mestrado. Foram mais e mais aprendizados, superação de algumas dificuldades (tive vários problemas de saúde que atrapalharam um pouco o andamento do trabalho) mas ela sempre esteve disponível para auxiliar a superar as dificuldades e seguir os estudos (SILVA, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Sabrina ainda relata que, alguns meses após a defesa da dissertação:

[...] ela me enviou um *e-mail* para avisar de um concurso para seleção de professor no Instituto Federal do RS (IFRS), campus Porto Alegre. Seria aquele um sinal de que ela confiava em mim? Entendi que sim, e, lá fui eu. Me inscrevi, participei de todo processo seletivo e fui aprovada em 1º lugar! Sim, eu estaria ingressando na carreira docente alguns meses após a divulgação daquele resultado! Se passaram 10 anos desde a minha aprovação no

concurso e como docente na área de Estatística ministrou aulas para diversos níveis de ensino, levando a Estatística e suas aplicações para diversas áreas do conhecimento. Agradeço imensamente à professora Jandyra por ter acreditado em meu potencial para ingressar nesta carreira tão desafiadora e muito recompensadora (SILVA, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista, grifos do autor).

Com a professora Jandyra, finaliza Sabrina:

[...] aprendi muitas coisas, mas para além da parte mais teórica/técnica, como ser uma professora com um olhar mais humano, voltado à necessidade específica de cada aluno, ser mais empática. Enfim, quem me dera ser uma professora como ela foi para mim. Aprendi tanto com ela que não seria possível mensurar, apenas agradecer! (SILVA, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Sérgio Kato, bacharel em Estatística, afirma que a professora Jandyra sempre foi uma amiga e conselheira. Teve convívio semanal por mais de uma década: “Foi minha orientadora tanto na graduação em Estatística como no mestrado em Epidemiologia”.

Sou docente na Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), desde 2000 e na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) desde 2009. Uma passagem interessante foi que quando ia me inscrever para o concurso de professor em Bioestatística na UFCSPA, me dei conta que precisava de vários documentos/atestados para comprovação do currículo. Faltando poucos dias para terminar o prazo, ligo para a Jandyra para desabafar que não ia conseguir me inscrever, pois não tinha tempo para juntar alguns

documentos. Primeiro ela me deu um sermão (mais um de tantos) dizendo que eu tinha que ser mais organizado e guardar tudo numa pasta, e depois diz que passaria em seguida na minha casa para entregar esses documentos (KATO, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Quando ela recebeu o título de professora emérita em 2014 eu disse que os motivos de ser estatístico e professor foram pelo nosso convívio, atividades de pesquisa e participação no Núcleo de Assessoria Estatística da UFRGS. Só tenho a agradecer a essa grande pessoa, pois seus conselhos e ensinamentos estão sempre presentes na minha vida pessoal e profissional (KATO, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).

Em 2012, o então diretor do Instituto de Matemática, professor Rudnei Dias da Cunha, idealizou a merecida indicação da professora Jandyra para receber o título de Professora Emérita. Orador na cerimônia, lembrou que a conhecia desde 1985, quando era programador de computadores no Centro de Processamento de Dados (CPD), e acompanhava os trabalhos dos colegas que utilizavam o software SPSS<sup>18</sup>, preferido pela professora, no saudoso computador Burroughs B-6700. Dez anos após, ao ingressar como professor no Departamento de Matemática Pura e Aplicada, seus caminhos novamente se cruzaram e, ele, quando diretor, apoiou as iniciativas da entusiasta e sempre vanguardista professora, contribuindo para a consolidação das atividades de ensino, pesquisa e extensão na área da Estatística.

A partir de 1977, Jandyra Fachel atuou também na pós-graduação da UFRGS. Participou como docente e orientadora do curso de Pós-Graduação em Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Matemática

Aplicada, do qual foi a primeira coordenadora. Atuou, ainda, em outros seis cursos de pós-graduação da UFRGS: Epidemiologia, Medicina, Sociologia, Planejamento Urbano e Regional, Psicologia e Administração. Em suas atividades docentes, ministrou onze disciplinas junto a tais cursos, mostrando que é possível transmitir conhecimentos estatísticos para alunos de outras áreas do conhecimento que não as Ciências Exatas; bem como orientou ou coorientou onze teses de Doutorado e onze dissertações de Mestrado, que trazem à tona, mais uma vez, seu constante envolvimento com outras áreas do conhecimento. Como pesquisadora atuante em cinco grandes linhas de pesquisa, a professora Jandyra foi autora ou coautora de setenta artigos publicados em periódicos, dezessete capítulos em livros e mais de uma centena de publicações em anais de eventos ou periódicos. Dentre os projetos de pesquisa que coordenou ou atuou, destaca-se o *Ecorisco Saúde – Estratégias ecotoxicológicas para caracterizar áreas contaminadas como medida de risco à saúde populacional*, que conquistou o Prêmio Expressão de Ecologia em projetos que receberam financiamentos de entidades como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a FINEP<sup>19</sup> e o CNPq. Além disso, apresentou 45 conferências ou palestras e desenvolveu 51 trabalhos técnicos. Liderou o Grupo de Pesquisa em Estatística Aplicada do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática cadastrado no CNPq. Também foi membro do comitê assessor de Matemática, Estatística e Computação da FAPERGS.

Álvaro Vigo, professor do Departamento de Estatística, descreve:



**Figura 7:** Cerimônia de outorga do título de Professora Emérita a Jandyra Fachel

Fonte: Acervo pessoal de Jandyra Fachel.



**Figura 8:** Entrega do título de Professora Emérita pelo reitor Carlos Alexandre Netto

Fonte: Acervo pessoal de Jandyra Fachel.

A Professora Emérita Jandyra Fachel contribuiu para a formação de inúmeros alunos de graduação e de pós-graduação, dos quais tenho orgulho e privilégio de fazer parte, desfrutando de seus conhecimentos, companheirismo, generosidade e amizade. No plano pessoal, foi importante na orientação do Trabalho de Conclusão de Curso, foi Parainfina da Turma 1989/1, iluminou a escolha do assunto da Dissertação de Mestrado, um tema continuado no Doutorado sob sua orientação. Seus ensinamentos permanecem duradouros em minha vida acadêmica e pessoal. Profunda gratidão (VIGO, 2020, citação oral obtida por meio de entrevista).



**Figura 9:** Jandyra Fachel, parainfina da turma de 1989/1  
Fonte: Acervo pessoal de Álvaro Vigo.

Além de todas essas atividades, a admirável Jandyra Fachel ainda encontrou tempo para desempenhar

atividades administrativas, tendo sido chefe do Departamento de Estatística, de março de 1979 a fevereiro de 1981; foi coordenadora da Comissão de Pesquisa do Instituto de Matemática, diretora do Instituto de Matemática, de março de 1981 a setembro de 1982; membro do colegiado do Departamento de Estatística, do Conselho do Instituto de Matemática, da Comissão do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia e de dois conselhos superiores da Universidade: Conselho Universitário (CONSUN) e Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPE). Foi, ainda, a primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Matemática Aplicada.

Eventos promovidos pelo Instituto de Matemática ou coordenados por professores do Departamento de Estatística alusivos ao curso de Estatística, tanto em nível acadêmico quanto em momentos comemorativos, têm sido prestigiados, apoiados e ainda contam com a participação da professora Jandyra. Ela também compartilha com os colegas os bons momentos sociais promovidos tanto pelo Instituto de Matemática e Estatística quanto pelo Departamento, em especial nas atividades de fim de ano.



**Figura 10:** Solenidade de abertura em homenagem aos 45 anos do Instituto de Matemática

Fonte: Acervo pessoal de Jandyra Fachel.



**Figura 11:** Primeira Semana Acadêmica da Estatística Jandyra Fachel, João Riboldi e Elsa Mundstock  
Fonte: Acervo pessoal de Jandyra Fachel.



**Figura 12:** Festa com amigo secreto do Departamento de Estatística. Momento em que Lori Viali entrega seu presente a Jandyra, em 1995  
Fonte: Acervo pessoal de Lori Viali.

Suzi Alves Camey, diretora do Instituto de Matemática e Estatística, na ocasião da cerimônia de outorga do título de Professora Emérita a Jandyra Fachel, concedeu entrevista à Rádio Universidade, declarando que:

[...] o maior feito da professora Jandyra foi a divulgação da Estatística. Trabalhou muito pelo Curso, criou o NAE, engajada em mostrar como a Estatística é acessível e serve como ferramenta para resolver problemas de todas as áreas. Sempre teve preocupação com as questões da Universidade como um todo, com o IME, com problemas administrativos; muito envolvida com a vida universitária em geral. Pessoa muito querida por todos dentro do IME e das unidades em que trabalhou, merecendo o reconhecimento da Universidade ao receber o título de Professora Emérita (CAMEY, 2014, citação oral obtida a partir de entrevista).<sup>20</sup>

Ela recorda:

Em determinado período da minha graduação, meus pais estavam me pressionando para ir morar no Japão com eles. O principal atrativo era poder ganhar dinheiro suficiente para quando voltasse ao Brasil comprar, por exemplo, um apartamento. Fui então conversar com a Jandyra sobre o que ela achava dessa ideia: eu trancaria o curso e passaria dois anos trabalhando, na volta eu retomaria o curso. Acho que eu mal terminei de contar meu plano e ela me disse: ‘Faz o contrário, termina o curso e depois vai’. Não preciso dizer que esse conselho definiu toda a minha vida acadêmica e profissional. Isso é apenas um pequeno exemplo da influência dela na minha vida. Desde então cada título ou cargo que eu alcanço na UFRGS eu costumo agradecer a ela, pois sem aquele conselho, o resto não existiria. Costumo dizer que ela é uma das minhas mães estatísticas (CAMEY, 2020, s.p.).

## A Professora Jandyra reitera:

Foi meu lema durante estas quatro décadas em que servi à UFRGS, que o professor deve educar e não apenas ensinar, deve contemplar pontos que julgue importante para o futuro dos alunos. Na nossa frente, ano após ano passam novas gerações de jovens, chegando cheios de sonhos, de esperanças e iniciando a construção de suas próprias vidas. Os educadores, portanto, devem mostrar os conteúdos com possibilidades de utilização futura. Devem motivar os alunos, devem cativar os alunos. Não ficamos responsáveis porque os cativamos, como diz a frase famosa, mas é o inverso; os educadores, por serem responsáveis por gerações de promissoras criaturas em formação, devem cativá-los para então ensiná-los e orientá-los sobre o conteúdo e sobre futuro. Muitos ex-alunos me dizem até hoje que de certa forma eu mostrei caminhos para eles, e isto, este reconhecimento para toda a vida, é o melhor prêmio que um professor pode receber. Sou muito feliz por ter escolhido esta carreira e fui muito feliz nestes longos anos na UFRGS, aliás, ainda continuo sendo, pois atuo agora como docente convidada. É um privilégio trabalhar nesta universidade (FACHEL, 2014, s.p.).<sup>21</sup>

Nesta Universidade, que se destaca como uma das mais importantes universidades brasileiras, sendo referência na produção do conhecimento e contribuindo, cada vez mais, para o desenvolvimento humano, social e econômico do Estado e do País, Jandyra Fachel, por sua liderança, dedicação e inspiração foi e, por seu legado, ainda é, determinante para a conquista de tamanho destaque.

Seu comprometimento institucional é reconhecido e celebrado, bem como sua criatividade e capacidade de motivar, enfim, o amor por tudo o que faz. Sua trajetória acadêmica na Universidade é louvável e impecável, em

todas as dimensões: ensino, pesquisa, extensão e gestão administrativa; mais especialmente engajada no Departamento de Estatística, com a forte determinação de tornar a Estatística acessível e aplicada às mais diversas áreas do conhecimento. Sua vida está intimamente ligada à vida da Universidade.

## Agradecimentos

A todos que colaboraram disponibilizando material e memórias para organização deste capítulo:

À Professora Jandyra Fachel: Ata da 1195ª Sessão Solene do Conselho Universitário (CONSUN), de 02/08/2014, por ocasião da cerimônia de Professora Emérita; Discurso da Professora Jandyra, por ocasião da cerimônia de Professora Emérita; Gravação de Entrevista concedida à Universidade, por ocasião da cerimônia de Professora Emérita; e pelo seu Curriculum Vitae.

Depoimentos e/ou fotos: Professores Sídia Callegari Jacques, Rudnei Dias da Cunha, Álvaro Vigo, Suzi Alves Camey, Dinara W. Xavier Fernandez, Elsa Cristina de Mundstock, Lori Viali e os ex-alunos: Leticia dos Santos Lopes, Mariana Teixeira Carballo, Sabrina Leticia Couto da Silvia, Sérgio Kato, Gilberto Müller Beuren.

## Referências

BEUREN, Gilberto Müller. *Depoimento escrito enviado por e-mail às autoras*. Porto Alegre, julho de 2020. [Não publicada].

CAMEY, Suzi Alves. *Entrevista concedida à Rádio da Universidade em 2 de agosto de 2014 e transcrita por Dinara Fernandez*. Porto Alegre, agosto de 2014. [Não publicada].

CAMEY, Suzi Alves. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, julho de 2020. [Não publicada].

CARBALLO, Mariana Teixeira. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Dinara W. Xavier Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

FACHEL, Jandyra Maria Guimarães. *Discurso proferido na cerimônia de Professora Emérita*. Ata da 1195ª Sessão Solene do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 02/08/2014.

FACHEL Jandyra Maria Guimarães. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

FERNANDEZ, Dinara Westphalen Xavier. *Depoimento escrito enviado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

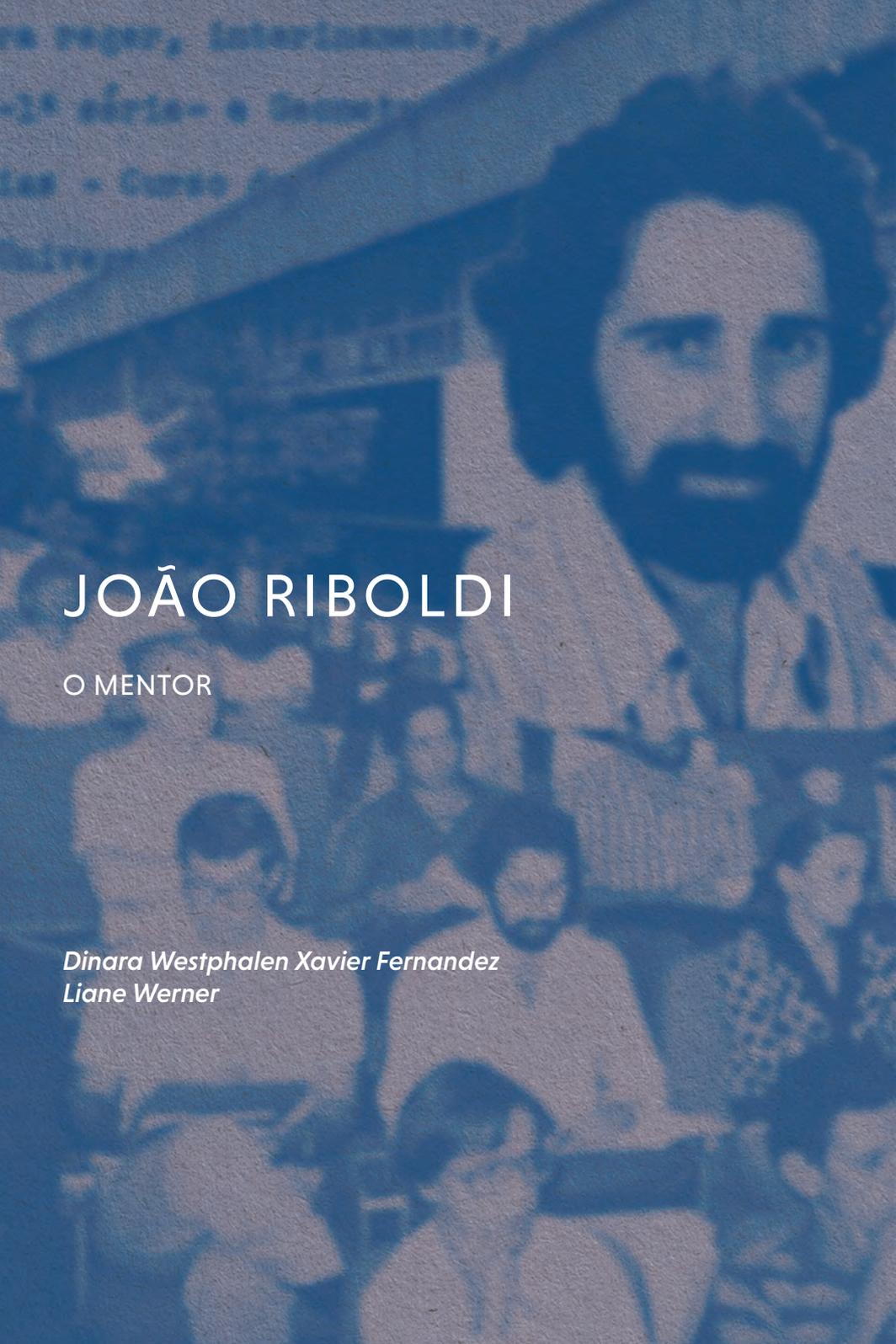
KATO, Sérgio. *Entrevista concedida a Dinara Westphalen Xavier Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

LOPES, Letícia dos Santos. *Depoimento escrito enviado às autoras por e-mail*. Porto Alegre, julho de 2020. [Não publicada].

MUNDSTOCK, Elsa Cristina de. *Entrevista concedida a Dinara Westphalen Xavier Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

SILVA, Sabrina Letícia Couto da. *Entrevista concedida a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

VIGO, Álvaro. *Entrevista concedida a Dinara Westphalen Xavier Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].



# JOÃO RIBOLDI

O MENTOR

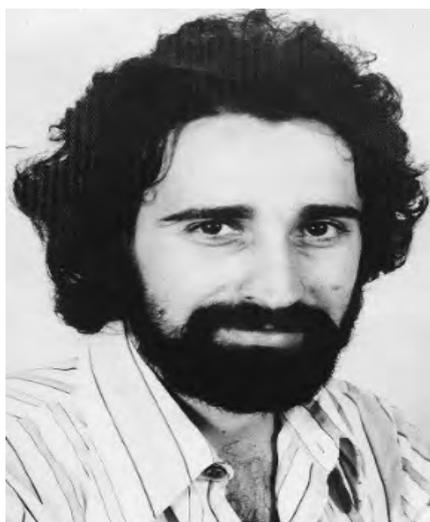
*Dinara Westphalen Xavier Fernandez*  
*Liane Werner*

## Motivação

Competente, empático, dedicado, habilidoso, gentil, inspirador, amigo, desafiador, humano, carismático, generoso, metódico, preciso, rigoroso, motivador... características inerentes deste querido mestre do Departamento de Estatística (DEST) do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da UFRGS.

## Trajetória

João Riboldi nasceu em Bento Gonçalves, em dezessete de agosto de 1952. Engenheiro Agrônomo, diplomado pela UFRGS, em 1975, seu interesse por Estatística iniciou na graduação, ao cursar as disciplinas ministradas pelo professor Rubem Markus. É Mestre em Experimentação e Estatística, pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, São Paulo, em 1978.



**Figura 1:** João Riboldi  
Fonte: Acervo da família Riboldi.

Nesse mesmo ano, em onze de fevereiro, casou-se com Doraci Pelicioli (Dora), Orientadora Educacional, construindo uma encantadora família, com quatro filhos: Bianca, arquiteta; Gustavo, farmacêutico bioquímico; Bruna, jornalista; Bárbara, nutricionista; sendo abençoado com quatro netos.



**Figura 2:** João Riboldi e família, em 2019  
Fonte: Acervo da família Riboldi.

Em 1988, defendeu sua tese de doutorado em Agronomia, com Área de Concentração em Estatística e Experimentação Agronômica, na ESALQ/USP, Piracicaba, São Paulo (SP).

Durante os dois períodos em que estudou em Piracicaba, além de adquirir sólida formação em Estatística Experimental, conquistou vários amigos. O professor Décio Barbin, da ESALQ/USP, e esposa, recordam sempre com carinho a alegre convivência com a família Riboldi, que vizinhava na casa ao lado. A professora Maria Izalina Ferreira Alves (Iza) desenvolveu imensa gratidão e profunda amizade pelo então colega de ESALQ, que lhe ofereceu apoio incondicional durante seus estudos de pós-graduação.

João Riboldi ingressou no Departamento de Estatística (DEST) em 1978, onde exerceu, com extrema competência e dedicação, atividades docentes e administrativas participando de várias comissões e comitês do Instituto de Matemática e Estatística.

Na década de 1980, o professor Luiz Glock encerrava seu tempo de serviço na Universidade. Então Chefe do Departamento de Estatística, coube a ele abraçar a tarefa de convencer João Riboldi a candidatar-se para substituí-lo. Inicialmente, um tanto renitente, acabou acatando a indicação, sendo eleito por unanimidade e exercendo com habilidade sua primeira experiência nesta função (1983-1989). E, pelo visto, gostou, pois anos mais tarde (2003-2005) foi novamente escolhido, sempre estabelecendo um clima de grande harmonia no Departamento.

Figura carismática, com poder de liderança, metódico e amigo dos colegas. Assim o caracteriza o professor Deuclides Gudolle, testemunha da história do Departamento de Estatística. A professora Sídia Maria Callegari Jacques também tece elogios à excelente

gestão de João Riboldi e ressalta como marca seu modo de lidar com os colegas, acomodando as diferenças, para o bom funcionamento do Departamento, em geral, e das aulas, em particular. Recorda de uma delicada repreensão que recebeu por ter agendado um horário com ele e não ter comparecido... e se penitencia: “[...] devia ter avisado, que falta de respeito pelo tempo dos outros!” (JACQUES, 2020, s.p.).

Atuante professor do Curso de Bacharelado em Estatística, principalmente nas disciplinas de Planejamento de Experimentos, orientou quinze Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e paraninhou três turmas.



**Figura 3:** Bolsista Simone Echeveste e Dinara Fernandez (à esquerda), as bolsistas Stela Castro, Cintia Paese (em pé) e João Riboldi na então COMCAR (maio 1996)

Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.

A professora Lisiane Priscila Roldão Selau, bolsista de Iniciação Científica (IC) de Riboldi durante quase todo o período da graduação em Estatística, recorda:

Aprendi muito com ele e adorava ouvir seus conselhos. Porém, um desses conselhos eu não quis

escutar. Ele sempre me incentivou a seguir nos estudos de mestrado depois da graduação e investir na carreira docente, mas eu queria ir para o mercado de trabalho para ficar rica! No entanto, o mundo conspira! Enquanto trabalhava no mercado de trabalho, apareceu uma oportunidade como professora substituta na UFRGS, e a minha surpresa já veio no primeiro dia de aula. Estava lá dando a minha aula de 1 hora e 40 minutos, quando percebi que os alunos começaram a se movimentar para ir embora e, ao olhar no relógio, percebi que extrapolara o horário de finalizar a aula. Aí me perguntei: como o tempo passou tão rápido, se para mim, parecia que tinha sido uma meia hora só de aula? A resposta é porque eu amei fazer aquilo... assim como o tempo corre quando estamos de férias. E ali, na minha primeira experiência de sala de aula, eu já sabia que era esse o meu futuro e que o Riboldi estava certo desde o início. Ingressei no mestrado e emendei no doutorado. Ao ser aprovada no concurso para professora na UFRGS, o mundo conspirou mais uma vez, ao compartilhar a sala de trabalho com ele. Imaginem a minha felicidade! Pude aproveitar mais momentos para aprender muitas outras lições, que continuam até hoje, porque mesmo depois de aposentado, eu continuo a consultá-lo e ele sempre me responde prontamente. Riboldi, eu te amo! (SELAU, 2020, citação oral obtida a partir de entrevista).

Dierê Xavier Fernandez, atualmente trabalhando em Lisboa, discorre sobre o professor João Riboldi, seu paraninfo e orientador no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC):

Um professor entusiasmado e dedicado, um mentor preciso e inspirador, um amigo querido e sempre presente. Tive a sorte de conviver com o professor Riboldi mesmo antes de entrar para a graduação em Estatística da UFRGS, devido à

proximidade que ele e minha mãe, a professora Dinara, tinham em seus projetos na Universidade. Veraneávamos na mesma praia – nosso ilustre Imbé –, então nos encontrávamos muitas vezes no litoral. Quando entrei para o curso, tive logo o privilégio de ser convidada para ser bolsista de IC deste grande mestre devido à minha colocação no vestibular. Meus esforços foram recompensados, pois ganhei um mentor primoroso no meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Foram quatro anos de uma convivência diária divertida e rica em aprendizados e rigor técnico. E dali consolidou-se uma amizade querida, repleta de carinho e admiração (FERNANDEZ, 2020a, s.p.).



**Figura 4:** As formandas Dierê Fernandez e Lisiane Selau com o Paraninfo, João Riboldi, na formatura do Bacharelado em Estatística, UFRGS, 2000.

Fonte: Acervo pessoal de Dierê Xavier Fernandez.

Cíntia Paese Giacomello, professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS), bolsista de Riboldi durante a graduação em Estatística e orientada por ele no seu TCC, destaca três lembranças:

A primeira é referente à sua inteligência e capacidade técnica. Ele nos ensinou e fez com que buscássemos evoluir sempre. A segunda é sobre

o ambiente agradável que tínhamos na UFRGS, com ele e com as outras bolsistas da sua equipe. Isso mostrava seu respeito aos colegas e alunos e criou vínculos entre nós que duram até hoje. E a terceira lembrança que quero destacar é sobre sua organização. Ele levantava da cadeira, dirigia-se à estante e, no meio de todo aquele material, pegava exatamente o exemplar do *Journal* que tinha o artigo que procurávamos. Três características importantes: inteligência, empatia e organização fizeram do professor Riboldi uma referência profissional na minha vida (GIACOMELLO, 2020, s.p.).



**Figura 5:** Apresentação do TCC de Cintia Paese, 1997. João Riboldi, Cintia, Dinara e Dierê Fernandez  
Fonte: Acervo pessoal de Cintia Paese Giacomello.

Karina Pretto, atualmente trabalhando em Londres, depõe que João Riboldi desempenhou um papel de mentoria muito importante em sua formação acadêmica desde o primeiro ano da faculdade.

Tive o privilégio de iniciar a carreira acadêmica como bolsista de IC logo no segundo semestre do Curso de Estatística, no então Laboratório de Métodos Avançados em Estatística (LEMAE), recém fundado pelo professor Riboldi. Sem dúvida, um momento inesquecível e uma oportunidade única que muito agregou tanto na formação acadêmica, quanto pessoal. Sempre muito atencioso, o professor Riboldi abriu portas para que pudesse colaborar em seus projetos de pesquisa, desenvolver habilidades em programação em cursos de extensão, trocar experiências com alunos de outras áreas e também apresentar trabalhos científicos nos mais renomados eventos de estatística do país. O apoio e a confiança do professor Riboldi foram determinantes para que eu optasse por complementar minha formação acadêmica com o curso de Mestrado em Estatística, no IME/USP e, posteriormente, doutorado na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Além disso, tenho sempre presente seus ensinamentos em minha carreira fora do meio acadêmico, onde posso colocar em prática tudo o que aprendi durante os quase quatro anos de graduação e IC (PRETTO, 2020, s.p.).



**Figura 6:** Karina Pretto e João Riboldi, Reunião Anual da RBRAS, 2000  
Fonte: Acervo pessoal de Karina Pretto.

A professora Vanessa Bielefeldt Leotti, do Departamento de Estatística do IME, foi bolsista de IC de Riboldi durante aproximadamente metade de sua graduação. Ela costuma dizer aos seus alunos:

Ingressei na Estatística justamente porque não me imaginava ministrando aula, mas gostava de Matemática. No primeiro semestre do curso, descobri as possibilidades do estatístico no mercado, especialmente na indústria, e pensei 'acertei na minha escolha!'. Mas, na bolsa, o mundo da pesquisa se abriu. E, num estágio na Pirelli, ficou confirmado: eu não gostava do mercado, eu gostava, sim, da carreira acadêmica. Assim, Riboldi abriu, talvez, a porta mais definidora da minha vida! Ainda aluna da graduação, incentivada por ele, participei do SEAGRO 2005, também achei o máximo viajar para o Paraná com ajuda da universidade. Agradeço imensamente ao Riboldi por ter sido esse fator tão significativo ( $p < 0,0001$ ) na minha história (LEOTTI, 2020, s.p.).



**Figura 7:** João Riboldi e Vanessa Leotti, SEAGRO, 2005  
Fonte: Acervo pessoal de Vanessa Leotti.

A dedicação à docência também foi vivenciada pela esposa, Dora, e pelos quatro filhos, Bianca, Gustavo, Bruna e Bárbara, em diferentes contextos e épocas. Bruna, que reuniu os depoimentos da família, relata que ela e os irmãos acompanharam a evolução dos materiais de trabalho, passando pelas folhas de chamada em pauta azul e branco até que aparecesse o primeiro computador em casa. Bruna descreve que Dora lembra de noites no escritório, diante do quadro de giz – ainda era assim – decifrando problemas estatísticos quilométricos, muitos anos antes de o primeiro computador aparecer em sua casa. As lembranças de Bianca também são descritas através das imagens dos cartões de memória e do computador que rodava num gravador de fita k7; tempos depois, sua memória resgata o computador que rodava programas gravados nos “disquetes” (RIBOLDI, 2020).

Protetor e carinhoso, João Riboldi esteve sempre presente de forma ativa nas vidas dos filhos. Durante a infância, os pequenos visitavam o pai no Campus do Vale, conforme relato de Bárbara, que lembra de uma vez em que carimbou a sala toda. Eles observavam João a corrigir as provas e preparar aulas à noite, ao longo dos anos letivos. “Gostava de brincar de corrigir provas a imitá-lo, recorde de pedir para passar a lista de notas a limpo, e tentar adivinhar os nomes dos alunos” (RIBOLDI, 2020, s.p.), lembra Bruna. Anos mais tarde, Bianca fez companhia ao pai nas jornadas de trabalho madrugada adentro, durante as cadeiras de projeto na faculdade de arquitetura.

Os filhos mencionam também que tiveram contato com a metodologia de João Riboldi em sala de aula. As provas, que eram sempre acompanhadas de uma folha de papel almaço pautada para o rascunho dos cálculos, recebiam um cuidado especial, com furos estratégicos para identificar que eram as mesmas distribuídas no início do teste, evitando, assim, burlas.

Conforme o relato de Bianca, teve uma professora de italiano que foi aluna de seu pai na graduação e comentava o quanto ele era exigente. Em uma das formaturas em que Riboldi foi homenageado, Bianca ouviu uma conversa sobre o pai. Ele costumava alertar os alunos que ficavam fazendo gracinhas e conversando durante as aulas: “Vocês estão rindo *a priori*, eu rierei *a posteriori*” (RIBOLDI, 2020, s.p., grifos nossos).

Os três filhos mais novos, Gustavo, Bruna e Bárbara, tiveram o mesmo professor de Biologia no ensino médio, que ao reconhecer o nome “Riboldi” na folha de chamada dizia que aplicaria o mesmo método de correção das provas que o pai, de quem havia sido aluno no mestrado. Não chegou a aplicar a técnica de correção de provas (com um pequeno desconto na nota por respostas erradas, para desestimular o “chute”), mas Bruna lembra que ele aplicava nas turmas a mesma técnica do pai: “ele permitia que levássemos uma ‘cola’ para a prova, num papel com tipo 15 x 15cm, e ficavam todos tentando fazer caber naquele pedacinho toda a matéria”. Na faculdade de Jornalismo, Bruna teve novamente uma ex-aluna do pai como professora na cadeira de Estatística para as Ciências Sociais, e foi monitora da disciplina nos semestres seguintes.

É destaque a produção intelectual de João Riboldi: aproximadamente cinquenta artigos completos publicados em periódicos, tais como Revista Brasileira de Biometria, Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Jornal Brasileiro de Pneumologia, CADERNOS de Saúde Pública (ENSP e FIOCRUZ), Revista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Revista de Saúde Pública (USP), Pesquisa Agropecuária Brasileira, Revista Brasileira de Agrometeorologia, Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira de Zootecnia. Presença frequente em eventos de Estatística no país, ele publicou

e apresentou mais de duzentos trabalhos, resumos e artigos completos em anais, reuniões, simpósios e congressos da área.



**Figura 8:** Os professores José Grijó, João Riboldi, Nelson Michel e Luiz Nejar no IV SINAPE, Rio de Janeiro, 1980  
Fonte: Acervo pessoal de João Riboldi.

A professora Elsa Cristina de Mundstock rememora que, nessas viagens, Riboldi era invejado pelos colegas de outras universidades, que reclamavam que “[...] ele estava sempre rodeado de mulheres, suas alunas, bolsistas e nós, colegas do Departamento. Óbvio que ele curtia muito” (MUNDSTOCK, 2020, citação oral obtida a partir de entrevista). Ela complementa:

O Riboldi é um colega com quem sempre foi muito agradável interagir. É um caráter cordial, geralmente de bem, que na hora necessária conseguia resolver situações complicadas com muito tato e usando o recurso de ‘massagear o ego’ das pessoas, recurso que usava ou ainda deve usar, com muita generosidade (MUNDSTOCK, 2020, s.p.).



**Figura 9:** Formatura no Bacharelado em Estatística, 1983.  
João Riboldi, Dinara e Dierê Fernandez  
Fonte: Acervo pessoal de Dinara Fernandez.

Devido à sua larga experiência, aguçada percepção e senso crítico, João Riboldi participou de incontáveis bancas de defesa de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, sempre acrescentando relevantes contribuições. Orientador, no exato sentido da palavra (FERNANDEZ, 2020b, s.p.) “[...] jamais deixou um aluno sem resposta, sempre lançando uma luz que indicasse o melhor caminho a seguir”, afirma Dinara Fernandez, sua colega no Departamento de Estatística e orientanda durante o Doutorado em Zootecnia, uma das seis teses orientadas nesta área, e outras quatro em Epidemiologia, além de cinco dissertações de mestrado. O respeito e a admiração pelo colega nasceram já na graduação, como aluna em várias disciplinas do Bacharelado em Estatística. Riboldi foi seu orientador no TCC e escolhido Paraninfo de sua Turma, em 1983, tendo

presente sua filha Dierê que, como já relatou anteriormente, seguiu trajetória similar. Ela lembra:

Marcante episódio aconteceu quando decidi realizar meu sonho, acalentado há mais de uma década, de continuar meus estudos na ESALQ. Riboldi me motivou e impulsionou a alcançar minhas metas, gerando grande mudança positiva em minha vida. Gratidão! (FERNANDEZ, 2020b, citação oral obtida a partir de entrevista).

Stela Maris de Jezus Castro atribui a Riboldi grande parte de sua formação acadêmica e profissional em estatística. No segundo semestre do Curso de Graduação, começou a trabalhar com ele, já tendo oportunidade de participar em suas pesquisas e no atendimento aos pesquisadores a ele associados. Esta experiência extremamente rica lhe deu base para interagir com pesquisadores e os assessorar em seus trabalhos. Foi orientada por ele também no mestrado e no doutorado e atesta que (CASTRO, 2020, s.p.) “O Riboldi é/foi um excelente orientador. Ele sempre esteve disponível para seus orientandos e me apresentou importantes desafios, em especial no doutorado em Epidemiologia, onde percebi um acentuado crescimento na minha formação em pesquisa”.

Recorda um episódio ao iniciar sua carreira no DEST, em 1998:

Nunca tinha trabalhado como professora e estava extremamente nervosa de como proceder no primeiro dia. Lembro que cheguei quase em pânico na sala do Riboldi antes da primeira aula e perguntei como começar. Ele disse simplesmente ‘te apresenta e começa fazendo a chamada’. Parece um conselho singelo demais, mas aquilo me acalmou imediatamente e eu nunca esqueci, pois cheguei na sala de aula, me apresentei para a turma, fiz a chamada e a

aula seguiu naturalmente depois. O Riboldi teve a sensibilidade de perceber o que eu precisava ouvir naquele momento: ele não falou sobre o conteúdo da disciplina, sobre métodos pedagógicos etc., mas, sim, uma maneira de eu vencer a estranheza inicial na minha nova profissão (CASTRO, 2020, s.p.).



**Figura 10:** Stela Castro e João Riboldi, em fevereiro de 1997  
Fonte: Acervo pessoal de Stela Castro.

As professoras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Anaelena Bragança de Moraes e Roselaine Ruviano Zanini recordam que, em 2002, tiveram um primeiro contato com Riboldi, para uma possível orientação em um doutorado ainda não bem definido.

A recepção foi muito agradável e saímos de lá animadas e cheias de expectativas com uma sugestão: realizar o Doutorado em Epidemiologia, sob sua orientação, o que posteriormente se concretizou, como um grande desafio para nós. Assim, nos anos seguintes, nos tornamos, segundo ele, ‘as loiras mais famosas de Santa Maria’. Tivemos menos encontros do que gostaríamos, porque retornávamos

semanalmente para casa, em Santa Maria. Entretanto, valorizávamos cada um deles, seja nas produtivas reuniões de orientação (onde sempre nos passava confiança no nosso trabalho) ou nas aulas (onde aprendíamos tantas coisas novas) ou nos eventos (onde divulgávamos nossas pesquisas e confraternizávamos com muitas risadas) ou ainda numa conversa (onde não podia faltar aquele café cappuccino, no bar do Campus da Agronomia, que ele fazia questão de partilhar conosco). Quanta saudade!!! Também voltam à mente aqueles momentos em que contávamos nosso cotidiano, nossas inseguranças com a tese (os dados, as análises, a temida qualificação, entre outras), nossas proezas nas viagens (acho que ele ri até hoje da nossa cerveja na lancheria Passarinho da rodoviária). Tempos bons e bem aproveitados, de muito aprendizado, no qual tivemos o privilégio de ter como orientador uma pessoa que confiou no nosso trabalho, sempre nos incentivou e nos deu todo o suporte que precisávamos para encarar o desafio que ele nos havia proposto (ZANINI, 2020, s.p.).



**Figura 11:** Defesa de Doutorado de Roselaine Zanini e de Anaelena Moraes

Fonte: Acervo pessoal de Roselaine Zanini.

## Mônica Maria Celestina de Oliveira lembra:

Quando ainda era aluna do Bacharelado em Estatística, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), já ouvia falar do professor Riboldi. A primeira vez que o encontrei foi num SINAPE, no início dos anos 2000. [...] Tive a honra de ser sua aluna no Mestrado em Epidemiologia, de onde nasceu uma relação de muita admiração e respeito. Em 2007 ele aceitou o convite para a parceria no meu trabalho de mestrado e assumiu o papel de coordenador; desde então ganhei um conselheiro, incentivador e apoiador para a vida! Depois, como meu orientador de doutorado, ele sempre foi exemplar e não me deixou perder o rumo! Em muitos momentos me sentia protegida, pois sempre que uma dificuldade se apresentava, as crises de existência, ou as dúvidas sobre a minha capacidade surgiam, lá estava ele com uma palavra certa para me acalmar, o que me deixava mais forte para superar os obstáculos. Só tenho a agradecer à vida por me permitir ter esse excelente ser humano e profissional como meu mentor acadêmico; um mentor que sempre vibra com as minhas conquistas e que me reconhece como uma colega, além de um bom dançarino... quem frequenta os jantares dos congressos e da ADUFRGS vai saber do que estou falando. Mas também tenho que pedir desculpas por ter atrasado um pouquinho a aposentadoria dele, pois quando ele decidiu que iria descansar ainda tinha essa orientanda aqui se dividindo entre a docência na graduação de duas universidades e a pesquisa do doutorado. Quando finalmente defendi a tese, ele foi direto para o departamento de pessoal da UFRGS protocolar o seu pedido. Esse professor é de fato um baita personagem do IME (OLIVEIRA, 2020, s.p.).

Gustavo e Bárbara (RIBOLDI, 2020, s.p.) tiveram o pai, Riboldi, como professor no Mestrado da Farmácia e da Epidemiologia, respectivamente. Dessa experiência, recordam da “cola” já conhecida do Ensino Médio: “[...] todos os alunos podiam levar para as provas uma folha de ‘cola’ com anotações, para não terem que decorar as coisas, mas também para não terem desculpas de ir mal nas provas [...]”, lembra Gustavo. “Ele conseguia deixar as coisas mais simples e o conteúdo mais acessível para o pessoal da área da saúde”, recorda Bárbara.

Sua aposentadoria, como Professor Titular, em 2013, não representou o encerramento de suas atividades, para o bem da ciência. Com profunda experiência em Estatística Experimental, continua atuando, principalmente, em Modelos Mistos, Componentes de Variância, Medidas Repetidas, Modelos Multiníveis e Teoria da Resposta ao Item.

Atualmente, é Docente Convidado do DEST, desempenhando atividades de extensão em consultoria estatística, mais intensamente, junto ao Núcleo de Assessoria Estatística (NAE), que pertence ao DEST. Sua marca: gentileza e habilidade em traduzir problemas complicados em soluções práticas.

## Agradecimentos

A todos que colaboraram disponibilizando memórias para organização deste material. Aos professores referenciados, às suas orientandas e à esposa Doraci e aos filhos.

## Referências

CASTRO, Stela Maris de Jezus. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

FERNANDEZ, Dierê Xavier. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, julho de 2020a. [Não publicada].

FERNANDEZ, Dinara Xavier. *Entrevista concedida a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020b. [Não publicada].

GIACOMELLO, Cintia Paese. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

GLOCK, Luiz. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

GUDOLLE, Deuclides. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Dinara Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

JACQUES, Sídia Maria Callegari. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail Dinara Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

LEOTTI, Vanessa Bielefeldt. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

MORAES, Anaelena Bragança de. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

MUNDSTOCK, Elsa Cristina de. *Entrevista concedida a Dinara Xavier Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

OLIVEIRA, Mônica Maria Celestina de. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, julho de 2020. Não publicada.

PRETTO, Karina. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail Dinara Xavier Fernandez*. Porto Alegre, maio de 2020. [Não publicada].

RIBOLDI, Bruna. *Coletânea de depoimentos da família do professor João Riboldi encaminhado às autoras*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

SELAU, Lisiane Priscila Roldão. *Entrevista concedida a Dinara Xavier Fernandez*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].

ZANINI, Roselaine Ruviano. *Depoimento escrito encaminhado por e-mail a Liane Werner*. Porto Alegre, junho de 2020. [Não publicada].



A blue-tinted portrait of Rosane Reginatto, a woman with glasses and a dark jacket, smiling slightly. The background is a blurred image of a group of people, possibly students, in a classroom or lecture hall.

# ROSANE REGINATTO

COMPETÊNCIA, GENEROSIDADE E TARTARUGAS

Álvaro Krüger Ramos  
Miriam Telichevesky  
Patrícia Kruse Klaser

gradecemos imensamente  
conduzido na secretaria do FPU/M/RS que se  
que se estende até os dias de hoje. Ele foi ao me  
então, eficiente e responsável.

para todos os estudantes, professores e fi  
sentiram cativados pelo tratamento carinhoso e res  
edicastes a todos. É uma honra contar com a tua p  
de Matemática e Estatística.

Porto Alegre, 11 de jan

**P**ara nós três, a ida até a sala A105 para visitar a Rosane depois do almoço era quase que uma atividade inconsciente, e fez parte das nossas rotinas durante muitos anos, desde os tempos em que éramos alunos. Ali ficávamos um tempo, que variava de dois minutos a duas horas, conforme a necessidade e possibilidade. Mateávamos com a Rosane, conversando sobre as andanças do Programa, ouvindo suas histórias, observando seu mural de fotos, agregando mais visitas à roda do chimarrão, e, de vez em quando, fazendo alguma bagunça nas tartarugas de sua coleção. Quando por algum motivo a secretaria estava fechada, como na época de fechamento dos relatórios para a CAPES ou nas férias da Rosane, ficávamos quase com crise de abstinência, sentindo falta daqueles momentos em que, mesmo que rápidos, podiam melhorar tudo e fazer o dia valer a pena.

Essa rotina, e especialmente a amizade que ela gerou, foi algo tão intenso em nossas vidas que, ao sabermos da oportunidade de escrever uma homenagem sobre alguém do nosso Instituto, não tivemos dúvida. Claro que não poderíamos escrever só pelo efeito que essas visitas tiveram nas vidas de nós três, foi por saber que essas boas lembranças são unanimidade entre os que tiveram o prazer de conviver com ela. Trata-se não apenas de uma funcionária muito dedicada, mas também de uma pessoa maravilhosa e muito querida por todos até os dias de hoje. Contribuíram com

depoimentos para este texto os ex-coordenadores Sílvia Regina Lopes, Miguel Ferrero, Jaime Ripoll, Leonardo Bonorino e Rafael Rigão e as ex-bolsistas Francielly Traslatti e Lauria Filter. Se inseríssemos aqui cada um de seus relatos e depoimentos, veríamos algumas redundâncias. Assim, além de agradecer por essas contribuições, pedimos desculpas por não tê-las reproduzido na íntegra.

Torcedora ferrenha do Internacional e colecionadora aficcionada de miniaturas de tartarugas, Rosane Reginatto foi secretária do Programa de Pós-Graduação em Matemática (PPGMat) entre os anos 1999 e 2018. Ela veio cedida do MEC, junto com alguns outros colegas que chegaram ao nosso Instituto, e desde sua chegada foi reconhecida por sua competência e generosidade. Porém, logo todos notaram também que ela é daquelas pessoas cuja presença no dia a dia é marcante. Não tem como passar um tempo perto dela sem ficar mais leve, mais de bem com a vida. Isso provavelmente se deve ao seu bom humor incondicional. Mesmo nas situações mais adversas, ela sempre traz uma palavra de conforto. E quando tudo vai bem e o riso corre solto, ela sabe ser discreta. E, justiça seja feita, a Rosane não deixou marcas apenas entre os que eram ligados ao Programa, mas em praticamente todos que conviviam com ela no IME.

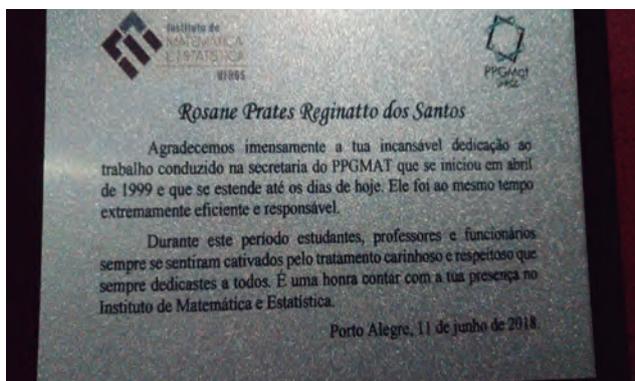
Ao se aposentar, Rosane deixou muita saudade. A vontade de que ela ficasse mais tempo no Instituto foi tanta que a sua despedida durou praticamente o ano de 2018 inteiro. A festa que marcou a sua aposentadoria contou com a presença de muitos docentes, alunos e técnicos do IME e emocionou não só a própria Rosane, como também diversos dos amigos mais próximos. Naquele ano, na festa surpresa de seu aniversário, já em ritmo de despedida, a Rosane recebeu do então coordenador do Programa, Antônio Paques, a placa com os dizeres:

*Agradecemos imensamente a tua incansável dedicação ao trabalho conduzido na secretaria do PPGMat*

*que se iniciou em abril de 1999 e que se estende até os dias de hoje. Ele foi ao mesmo tempo extremamente eficiente e responsável. Durante este período, estudantes, professores e funcionários sempre se sentiram cativados pelo tratamento carinhoso e respeitoso que sempre dedicastes a todos. É uma honra contar com a tua presença no Instituto de Matemática e Estatística.*

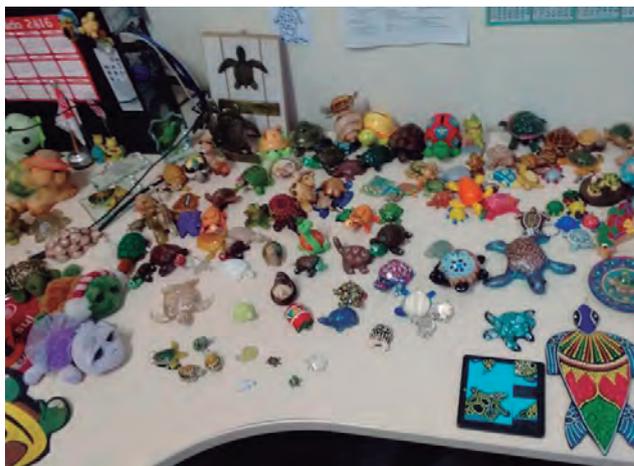


**Figura 1:** Rosane e o carinho de alguns dos amigos na sua festa de despedida  
Fonte: Acervo pessoal de Rosane Reginatto.



**Figura 2:** Placa recebida por Rosane Reginatto  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A secretária do PPGMat, na sala A105, tornou-se “a sala da Rosane”, e era um lugar muito peculiar. Havia miniaturas de tartarugas espalhadas pela sua mesa – e em outros lugares também. Apaixonada por estes animais, a sua coleção (que se dividia entre sua sala e sua casa) era motivo de orgulho. Não eram poucos os professores e alunos que, ao viajar, tentavam trazer como lembrança uma nova miniatura para que Rosane a acrescentasse à sua coleção. E eram tantas as tartarugas recebidas que nem sempre a memória permitia recordar quem tinha trazido qual, nem de onde. Assim, um catálogo chegou a ser sugerido e algumas das novas aquisições receberam pequenas etiquetas para que suas origens não fossem esquecidas. Nessa tarefa de lembrança, quem sempre a salvava eram os bolsistas, que, ou sabiam por terem visto o presente chegando, ou sabiam porque ela já tinha dado a informação (que nem sempre estava certa, mas tudo bem). O único problema, se é que se pode chamar problema, eram aquelas tartarugas que viravam brinquedo nas mãos de alguns visitantes, que se distraíam da conversa, causando boas risadas.



**Figura 3:** Uma parte da coleção de tartarugas da Rosane  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A Rosane também mantinha e organizava um grande mural de fotografias, parte dele está lá até hoje, na Secretaria do Programa, que conta histórias que apenas ela poderia manter vivas por anos a fio. Sabia quando, onde e o contexto de cada uma das fotografias que tinham a honra de estar expostas para os visitantes. O chimarrão estava sempre pronto, à espera dessas visitas – fossem de trabalho ou apenas para conversar um pouco. Todos eram bem-vindos e ela se esforçava para resolver as demandas de cada um sem descuidar do bom humor no dia a dia. Também tinha diversas dicas sobre filmes, adorava falar sobre suas bandas preferidas e contar algumas das histórias daquele primeiro Rock in Rio, em 1985, em que ela viu Queen, AC/DC e outros artistas que fizeram história.

Outro ponto muito especial na convivência com a Rosane era a rivalidade Grêmio x Inter, que sempre gerava episódios muito divertidos. A Rosane não deixava barato, e quando o Inter ganhava, a “flauta” sempre estava preparada. Mas a recíproca era verdadeira, e os gremistas não perdiam uma chance de tirar onda quando o Grêmio estava bem. Havia coordenadores que escondiam as canetas de cor vermelha, outros docentes entravam escondidos na sala e deixavam mensagens e saudações gremistas. Certa vez, o professor Jaime Ripoll, coordenador à época, virou de cabeça para baixo o pôster do Inter, campeão do mundo, do qual a Rosane tinha tanto orgulho. O que mais irritou a Rosane (e divertiu os demais, claro) foi que ela demorou mais de uma semana para perceber e desfazer a travessura.



**Figura 4:** Rosane e seu filho Fernando. Ao fundo, a torcida do Internacional

Fonte: Acervo pessoal de Rosane Reginatto.

Não tem como deixar de comentar como era boa a relação da Rosane também com os bolsistas da Secretaria, sempre com muita amizade e compreensão. Cada bolsista que deixava o cargo, o fazia com um pouco de dor por ter que se despedir daquela rotina. Quando vinham à A105 visitar a Rosane e suas tartarugas, traziam sempre duas coisas: gratidão e saudade. Hoje em dia, vários deles são profissionais graduados e relatam que nada se compara ao tempo na Secretaria do PPGMat, em que tiveram muito mais do que uma chefe: Rosane era uma professora, ensinava valores, competência e responsabilidade. Ela ensinava a amar o trabalho e tudo que o envolvia. Uma das frases marcantes da Rosane diz que se você quiser muito que alguma coisa seja feita, repasse a tarefa para aquela pessoa que te parece a mais ocupada. E nesse ponto ela era o exemplo vivo: mesmo sempre cheia de tarefas, a Rosane mantinha a Secretaria do PPGMat como ninguém.



**Figura 5:** Bolsistas e ex-bolsistas presenteando Rosane com mais um mural de fotos. De pé, da esquerda para a direita, Bruna, Rosane, Betina e Ana. Abaixadas, Lúria e Carolina.  
Fonte: Acervo pessoal de Rosane Reginatto.

À frente da sua mesa, situava-se uma cadeira muito disputada, que passou a ser conhecida por alguns como *confessionário*. Ali muitas histórias foram contadas, várias delas inclusive alinhavando a própria história do PPG com todas as suas particularidades. Pode-se dizer que a Rosane fazia um trabalho extra na secretaria: no *confessionário*, recebia qualquer aluno que estivesse passando por um período de insegurança ou dúvidas com relação aos seus estudos no Programa, agindo muitas vezes no intuito de dar um apoio psicológico para eles. O carinho destes momentos e o vínculo criado tinham o poder de tornar o estressante período da pós-graduação sempre mais leve e fácil de suportar. Ninguém discorda: a Rosane sempre foi uma pessoa extremamente zelosa e fraterna com os alunos da Pós-Graduação em Matemática, com os professores e com os bolsistas.



**Figura 6:** Rosane excepcionalmente sentada no *confessionário*, que ficava estrategicamente posicionado ao lado de sua mesa (no detalhe, à direita)

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Esse vínculo que a Rosane tinha com todos do Programa era muito positivo. Tornava o trabalho mais tranquilo e eficiente, pois a comunicação era ampla e franca, e momentos de estresse eram sempre balanceados com momentos de alegria e descontração. E mesmo quando a Rosane estava num dia mais difícil, ela recebia todos com um sorriso no rosto e com disponibilidade para ouvir, acolher, ajudar e até mesmo dar aquele puxão de orelha bem dado quando necessário.

Vários alunos viraram docentes do Programa. Havia até um simbolismo próprio nessa transição: a pasta com a documentação saía da caixa dos *Titulados*, guardada no alto de um de seus armários, e passava a ser guardada no gavetão do arquivo situado perto da porta, onde

ficava a documentação dos docentes. A título de curiosidade: durante os seus quase vinte anos no PPGMat, 22 titulados tiveram sua papelada transferida da caixa *Titulados* para a gaveta *Docentes*. E, se a gente precisa saber da trajetória de algum egresso que não virou professor da UFRGS, ela também sabe nos dizer. O PPGMat formou grande parte dos mestres e doutores em Matemática que hoje em dia são professores de diversas instituições de ensino espalhadas pelo Rio Grande do Sul, e a Rosane foi quem fez todas suas atas de conclusão de curso. Cada um desses, por onde andar, carrega, como nós carregamos, um pedaço dela.

Tão bom era o seu profissionalismo e também a sua interação pessoal, que alguns professores só concordaram em assumir a função de coordenação se a Rosane assegurasse que continuaria sendo a secretária do Programa. Afinal, todos os coordenadores, mas em especial os de primeira viagem, encontravam na Rosane uma inestimável fonte de orientação e suporte. E mesmo quando grandes mudanças surgiam, ocasiões que geravam incertezas e necessidade de readaptação e que exigiam extrema dedicação e atenção aos detalhes e protocolos, era a Rosane que servia de âncora. Ela era um porto seguro para que o Programa superasse as adversidades, chamando para si uma boa dose da responsabilidade, pegando junto com a coordenação na linha de frente. Ela sempre gostava de se certificar de que qualquer assunto relacionado à secretaria do PPGMat estivesse completamente finalizado.

Nas reuniões da Coordenação, a Rosane era sempre correta e muito organizada com a pauta e com os assuntos que seriam tratados, trazendo todas as informações que eventualmente poderiam vir a ser necessárias, ou seja, era extremamente competente. E, se a coordenação não tivesse à mão aquela informação ou aquele detalhe de que precisasse ser revisado, era a Rosane a

pessoa a ser consultada – se ela já não estivesse com o material preparado, de alguma forma, descobria prontamente. Desse modo, fazer reuniões sem a Rosane, quando necessário, era quase motivo de pânico.



**Figura 7:** Um dos encontros com ex-bolsistas. Atrás: Rhuany (secretária do PPGMap), Rosane, Leonardo (secretário do DMPA), Carolina e Ana. Na frente: Lúria, Betina, Miriam e Pati  
Fonte: Acervo pessoal de Rosane Reginatto

Em particular, ela conhecia e cuidava de todas as datas. Quantas vezes ela, na hora H, mandou aquele lembrete para um ou outro docente nos últimos dias de prazo de uma prestação de contas ou um edital para fomento à pesquisa pessoal, que de outra forma passariam despercebidos? Mas, não só sabia as datas dos editais, como também sabia os aniversários dos membros do Programa, de alguns de seus cônjuges e dos seus filhos e filhas, sempre lembrando com carinho de todos; algumas vezes, sabia também dos aniversários de alunos e ex-alunos. Não era raro também que soubesse com precisão a idade de algumas pessoas, porém, quando indagada, preferia não comentar.



**Figura 8:** Francielly, Jéssica, Miriam, Pati, Álvaro e Rosane, após almoço no Restaurante Universitário, no dia de um Grenal  
Fonte: Acervo pessoal de Rosane Reginatto.

E, foi assim, sabendo a cidade natal, data de aniversário, cardápio preferido, gosto musical, time e diversas outras particularidades de cada um dos amigos que frequentavam a sua sala que a Rosane se tornou uma das pessoas mais queridas não só da nossa vivência no IME, mas também das nossas vidas. E, nesse sentido, as palavras que mais bem descrevem o sentimento de várias outras pessoas, que definem a ausência da Rosane, hoje em dia, são de um de seus melhores amigos, o nosso outro queridíssimo colega Leonardo Aronna (ARONNA, 2018, s.p., grifos do autor):

*Boa sorte! Que não compartilhamos nosso local de trabalho juntos, não significa que não estaremos juntos, pois construímos uma amizade forte ao longo de todos esses anos que vai muito além destas paredes. Muitas felicidades!*



**Figura 9:** Os autores do texto com a nossa querida amiga Rosane em um dos momentos de descontração que vivíamos na sala A105. Da esquerda para a direita: Rosane, Miriam, Álvaro e Pati.  
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



## Rosane Prati

Agradecemos imensamente a sua condução na secretaria do PPGM, que se iniciou em 2007 e que se estende até os dias de hoje. Ele foi ao máximo eficiente e responsável!

Durante este período estudantes, professores e funcionários se sentiram cativados pelo tratamento carinhoso e dedicado que dedicastes a todos. É uma honra contar com a tua presença no Departamento de Matemática e Estatística.

Porto Alegre, 11 de maio de 2016.

# CARTA AO IME

UMA SOLICITAÇÃO DE RECONHECIMENTO DA EVASÃO  
DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA  
COMO PERSONAGEM DE SUA HISTÓRIA

*Daniella Thiemy Sada da Silva*  
*Maria Cecília Bueno Fischer*

**E**u, Evasão de Alunos do Curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS, venho por meio desta manifestar o meu interesse em integrar o livro sobre Personagens do Instituto de Matemática e Estatística. Soube que alunos, docentes e órgãos deste Instituto têm falado sobre mim e minha incidência, o que já entendo que conota alguma relevância. Adicionalmente, aproveito este espaço para tentar evidenciar a complexidade de minha ocorrência, no que diz respeito às diversas causas, condições de realização da Licenciatura em Matemática e medidas reparadoras, que já foram ou são associadas à minha existência no curso e que exaltam a importância da minha inclusão em uma publicação como esta. Como último objetivo para com esta Carta, proponho uma problematização sobre minha denominação, pois hoje penso na possibilidade de o termo “Evasão” não fazer jus à minha ocorrência, mas falarei mais sobre isso adiante. Por ora, retomo as menções à minha ocorrência, fazendo os apontamentos que julgo necessários.

O curso de Matemática da UFRGS foi autorizado a funcionar em 1942, quando o diploma referente à habilitação em Licenciatura em Matemática era conferido àqueles que realizavam um ano de formação pedagógica após terem se diplomado no curso de Bacharelado em Matemática (UFRGS, 2018). No entanto, nessa Carta,

faço referência a tempos mais recentes, que dão conta das menções a mim, a partir da década de 1990.

A publicação da docente Vera Clotilde Carneiro<sup>22</sup>, que iniciou sua atuação no Instituto de Matemática da UFRGS (IM) em 1986, tem como título *Retrato Atual do Curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS e Plano de Ações Renovadoras*. Ela traz que, além da incidência comum da evasão em cursos de licenciatura de “todas as Universidades Federais do Brasil”, no que se refere à UFRGS, encontram-se “os cursos de Matemática em primeiro lugar nos percentuais da evasão” (GARCIA, 1992, p. 2).

Dado que o ingresso nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Matemática da UFRGS passa a ocorrer separadamente a partir de 1990, estudos que se referem a anos anteriores abrangem dados dos “cursos de Matemática” de forma conjunta (GARCIA, 1992; UFRGS, 1995). Assim, em Garcia (1992), são constatados “os números” dos “problemas internos” do IM, abrangendo o período de 1982 a 1992. O cálculo da Evasão Real – denominação que aparece no Relatório da UFRGS (1995, p. 13) – é realizado para cada ano, de 1982 a 1990, e, sendo comparado com o número de diplomados anualmente, leva à constatação da autora da “tendência dos percentuais de evasão se estabilizarem entre 70% e 80% após 5 anos a partir da entrada, enquanto diplomados ficam em torno de 15%” (GARCIA, 1992, p. 4) e da “necessidade de ações renovadoras urgentes, com resultados a curto e a longo prazo, a nível de professores e administração” (GARCIA, 1992, p. 3).

Observe o fato de os percentuais calculados não se referirem exclusivamente ao curso de Licenciatura em Matemática pode influenciar na capacidade de os resultados retratarem minha incidência. Além disso, o trabalho sobre o cálculo de taxas longitudinais de evasão e retenção no Ensino Superior, de Lima Junior e

outros (2019), permite perceber que o cálculo da Evasão Real realizado para chegar aos referidos índices pode não consistir na abordagem que melhor retrata este cenário, já que alterações no número de vagas ofertadas para ingresso no curso e a retenção de alunos em suas etapas poderiam influenciar nos percentuais de Evasão Real, mesmo que o fluxo de alunos não tenha se alterado.

O *Relatório Avaliação Interna: Licenciatura em Matemática*, do Núcleo de Avaliação da Unidade (NAU/IM) (UFRGS, 1995), é publicado considerando a reforma curricular do curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS de 1993, e anuncia o início do oferecimento do curso em turno noturno, a partir do segundo semestre de 1995, com o mesmo currículo<sup>23</sup> do curso oferecido no diurno. Nisso, a avaliação se preocupa, também, em avaliar os efeitos da implantação do novo currículo da Licenciatura, tendo como base dados quantitativos sobre, por exemplo, a opção pelo curso, diplomações e desempenho (matrícula, aprovação e desistência de disciplinas) e dados construídos junto a alunos do curso, propondo-lhes perguntas objetivas e dissertativas.

O Relatório aponta uma redução significativa dos índices de Evasão Real registrados em 1995, com relação àqueles de 1992, deixando evidente que os dados considerados no cálculo realizado em 1992 referem-se aos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Matemática e que os de 1995 referem-se apenas ao de Licenciatura. Contudo, chamo atenção para a precocidade da afirmação de uma redução na evasão com dados referentes a um período tão enxuto e que mesclam dados referentes aos cursos de Matemática e dados que distinguem os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Matemática, após 1990.

Dados sobre diplomação e evasão de alunos do curso de Licenciatura, referentes ao início do século XXI e comparados com dados do final do século XX são

encontrados no Relatório do NAU/IM publicado em 2005 (UFRGS, 2005), que registra “[...] 32 alunos diplomados de 1990 a 1994; 106 diplomados de 1995 a 1999; 138 diplomados de 2000 a 2004 [...]” e que minha ocorrência é expressiva em 2004, tendo-se 27 evasões do curso diurno e trinta no noturno (UFRGS, 2005, p. 61).

No Relatório do NAU/IME (UFRGS, 2018a) minha incidência no curso é apontada como alvo de preocupação do IME<sup>24</sup>. No Relatório do ano seguinte (UFRGS, 2019), o cálculo de uma Evasão Relativa para os cursos do IME pela divisão do número de alunos evadidos em determinado período pelo número de ingressantes no mesmo período e sua comparação com a Evasão Relativa de outros cursos da UFRGS coloca em evidência uma “evasão significativa” de alunos dos cursos ofertados pelo IME. É possível perceber uma mudança na forma de apresentar como é feito o cálculo da Evasão, em comparação com a que trouxe anteriormente (GARCIA, 1992; UFRGS, 1995). Se antes a Evasão Real considerava subtrair de um certo grupo de ingressantes os grupos de diplomados e de alunos aptos a se matricularem correspondentes ao período considerado no cálculo, o cálculo da Evasão Relativa (UFRGS, 2019) já parte da quantidade de evadidos. Ou seja, já não se fala de um excedente resultante das subtrações do cálculo da Evasão Real, mas de um grupo com denominação própria. No Relatório encontrado em UFRGS (2020), constata-se minha maior ocorrência na Etapa 1 dos cursos ofertados pelo IME, com a qual se relacionam ações no nível das disciplinas dessa etapa.

Na constituição de um retrato<sup>25</sup> sobre minha incidência no curso, posso dizer que, considerando os ingressantes de cada ano, de 2009 a 2019, do curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS, um retrato da situação em que estes se encontram no curso, em 2020, revela que a quantidade de alunos que saíram sem concluir o curso

diurno manteve-se superior à quantidade de formados e ativos, entre os ingressantes de 2009 a 2015 (anos em que os ingressantes já teriam tido tempo hábil para concluir a graduação de quatro anos). O mesmo acontece no curso noturno, entre os ingressantes de 2009 a 2014 (já que tem duração prevista para cinco anos). Além disso, em ambos os casos, a soma da quantidade de ativos e formados de cada ano também não seria suficiente para ultrapassar a quantidade de alunos denominados evadidos e, mesmo entre alunos ingressantes a partir de 2018, considerando ambos os turnos, já é possível contabilizar quarenta saídas por evasão no curso.

A partir do que é observado em Lima Junior e outros (2019), verifico que, na constatação anteriormente escrita, é possível que se esteja considerando como casos de evasão casos de reingresso (retenção) de alunos no curso. Por outro lado, consideram-se os efeitos de um aumento ou redução na quantidade de vagas ofertadas para ingresso ou da quantidade de ingressantes do curso, visto que se lida com a totalidade dos ingressantes, e não com taxas, e que é possível perceber que a retenção no curso compõe este retrato nas figuras de alunos ativos cujo tempo de vínculo com o curso excede o período idealizado para sua conclusão. Sobre essa última observação, o curso diurno conta com alunos ativos ingressantes a partir de 2013 (que completam, em 2020, uma trajetória acadêmica de sete anos), já o curso noturno conta com alunos ativos ingressantes de todos os anos do período considerado, ou seja, aqueles que ingressaram em 2009 completam, em 2020, uma trajetória acadêmica de onze anos.

O total de formados pelo curso diurno, dentre seus ingressantes de 2009 a 2019, é 103 e de evadidos é 321. No caso do curso noturno, é de 54 formados e 374 evadidos. Embora o curso noturno apresente maior quantidade de evadidos, pode-se observar um comportamento

semelhante entre alunos do diurno e do noturno, no que diz respeito à maior parcela das saídas por evasão encontrar-se na Etapa 1 da grade curricular do curso (sendo esta parcela, no curso noturno, de 289 alunos evadidos, e, no curso diurno, de 243).

No caso da oferta do curso no diurno, as maiores parcelas dos alunos evadidos com vínculo com a Etapa 1 do curso foram de alunos que permaneceram um ou dois anos antes de evadir (76 alunos em cada um desses casos). Já sobre aqueles que saíram com vínculo com a Etapa 2, a maior parcela foi a dos que permaneceram por dois anos, seguida daqueles que permaneceram por três anos (quinze e treze alunos, respectivamente).

No caso do noturno, a maior parcela dos alunos permaneceu por dois anos na Etapa 1 antes de evadir (92 alunos), seguida daqueles que permaneceram por um ano (85 alunos). A maior parcela dos que evadiram com vínculo com a Etapa 2 permaneceram por quatro anos no curso (dezessete alunos), seguida dos que permaneceram por três anos (quatorze alunos).

Para além deste retrato e de dados que comparam minha incidência com a de outros cursos da Universidade, cálculos com vistas à construção de índices para serem tomadas minhas medidas e avaliações institucionais, as menções de docentes e discentes são capazes de oferecer perspectivas a partir de experiências pessoais em relação à minha ocorrência, assim como, também, da ocorrência de iniciativas, medidas ou práticas listadas como que para evitá-la.

Um artigo recente (SILVA; FISCHER, 2019) fez uma breve menção à diplomação e evasão de alunos no curso de Licenciatura em Matemática na década de 1990. Este trabalho foi escrito por esta que me dá voz junto à sua orientadora de mestrado a partir de entrevista realizada com uma professora aposentada do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME,

professora Loiva Cardoso de Zeni. Assim, expõe-se que, no período de realização da reforma curricular de 1993 da Licenciatura, do engajamento de docentes do curso decorre a formação de 27 licenciandos<sup>26</sup> em um único semestre. Também é citado no artigo que a mobilização para criação de cursos noturnos na UFRGS, especialmente licenciaturas, estaria relacionada à tentativa de reversão do processo de evasão de alunos.

A tese de Krahe (2000), por outro lado, estuda reformas na estrutura curricular de cursos de licenciatura da Universidade Metropolitana de Ciências da Educação (UMCE) e da UFRGS na década de 1990. A pesquisa traz uma perspectiva externa ao Instituto de Matemática, uma vez que foi realizada por um docente cuja atuação na UFRGS deu-se pelo vínculo com a Faculdade de Educação (FACED), que convida a questionar a generalidade com que “ações renovadoras” da época poderiam ser associadas a todos que atuam no curso de Licenciatura em Matemática. Uma das constatações deste trabalho é que, a respeito das renovações curriculares estudadas, “[...] as alterações são mais movimentos internos, autônomos, ligados a grupos determinados de docentes, do que frutos de um debate maior, integrador de todos os departamentos envolvidos na formação de professores para a educação básica” (KRAHE, 2000, p. 153). Sendo assim, entendo como declarada uma necessária investigação sobre este período, no intuito de descobrir aquilo que se coloca além dos livros e registros formais das ações, que compõem sua história e que caracterizam movimentos e mudanças, especialmente na oferta do curso de Licenciatura em Matemática.

Nas falas dos atuais docentes do curso, Elisabete Zardo Búrigo e Marcus Vinicius de Azevedo Basso<sup>27</sup>, também fica evidente a associação de minha incidência com engajamento, iniciativas e práticas docentes como participantes de reformulações (e suas implantações) do

currículo do curso de Licenciatura em Matemática, como docentes que exerceram o cargo de coordenação da Comissão de Graduação de Matemática (COMGRAD-MAT)<sup>28</sup> e na referida busca pela conquista de espaço e valorização do curso dentro do Instituto e perante políticas de distribuição de recursos à Universidade.

A professora Elisabete lembra que, em 1999, os cursos de Matemática sofreram uma avaliação externa, que incluiu a visita de uma comissão avaliadora. Os critérios de avaliação eram formatados pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) e valorizavam a titulação do corpo docente. A maioria dos professores do “grupo do Ensino” (professores cuja atuação preocupa-se com o ensino da matemática, não apenas com, propriamente, a matemática) cursava doutorado na época. Um único quesito – a titulação do coordenador – foi suficiente para impedir que o curso de Licenciatura em Matemática fosse avaliado como “bom”. No trecho abaixo, de sua entrevista, este acontecimento aparece como que oferecendo condições de existência a um discurso de depreciação do curso de Licenciatura em Matemática.

A conversa com a xxxxxx [vice pró-reitora], ela disse então que, que a Licenciatura era muito mal vista, porque formava poucos professores, mas tinha esse programa muito interessante que estava surgindo, que era o Pró-Cálculo. [...] Que era um programa muito bom, muito interessante e que a proposta dela para mim é que, como eu era pesquisadora da área do ensino, então que eu desenvolvesse uma pesquisa vinculada ao programa. E assim eu fiz. E eu trabalhei muito junto com a... xxxxx. [...] O que que isso tem a ver com evasão? Tem a ver justamente que uma das motivações iniciais era, enfim, melhorar os índices de aprendizagem no Cálculo, melhorar os índices de aprovação no Cálculo, uma das motivações era exatamente...

reduzira evasão. Então esse é só um exemplo de uma ação... que mirava... na evasão. Talvez, se tu olhares na proposta inicial do programa lá não apareça a palavra. [pausa] mas aí... na minha lembrança tem, pelo menos, essa conversa com a xxxxxx. E por que eu juntei com avaliação de antes? Porque, percebe que quando ela diz que é mal visto... ela repete um discurso que já estava circulando. Todo mundo se dava o direito de falar mal da Licenciatura, certo? Ela também... ali se permitiu. (Entrevista com a professora Elisabete Zardo Búrigo).

Ao relatar sobre o desenvolvimento do Programa Pró-Cálculo, a professora evidencia que, embora tivesse como motivação a melhora em índices de aprovação, ela o associa (destacando a necessidade de consultar formuladores do programa da época) à preocupação com evasão de alunos da graduação, embora possivelmente esta relação não estivesse formalizada entre as motivações do Programa. Isso permite questionar que outros programas poderiam ser associados a esta preocupação, mesmo sem haver registro formal dessas relações. Além disso, a professora chama atenção para a existência de um discurso, considerando a teoria da Análise do Discurso (FOUCAULT, 2013), vigente, que normatiza o “falar mal da Licenciatura” e que possibilita usar, na argumentação em favor da adesão da professora ao Programa Pró-Cálculo, uma possível melhora na reputação do curso.

Com relação aos discursos que permeiam a existência do curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS, a tese de Garcia (1999) preocupa-se em fazer emergir verdades institucionalizadas, totalizantes e amplamente divulgadas e reproduzidas pela sociedade e, a partir disso, declarar a ruptura com a reprodução de discursos e práticas anteriores ao período e à constituição de um “novo-professor de Matemática” (GARCIA,

1999, p. 16), na década de 1990, no âmbito da formação de professores de matemática pela UFRGS. Em particular, entendemos que sua tese procura romper com discursos que normatizam o “falar mal da Licenciatura”, como referido anteriormente.

As questões de valorização e reconhecimento do curso aparecem em outros momentos da fala da professora Elisabete. No trecho a seguir, expõe sobre o processo de consolidação das disciplinas de Laboratório.

Mas... uma coisa que nos aconteceu na mesma época, muito importante, foi a reforma do curso. Porque aí, aí as coisas começaram a caminhar na direção oposta. No sentido da valorização e do reconhecimento. Porque, desde 90 e alguns já existiam os Laboratórios. Nos anos 80 os Laboratórios eram mais informais, eu não me lembro quando eles foram registrados. [...] Em algum momento viraram disciplina. Então nos anos 90 já eram disciplina. Quando o curso noturno foi criado, então, eram disciplinas do noturno e do diurno. Muito bem. Ali em 99, a gente reorganizou... os Laboratórios – porque a gente tinha Ensino I, II, III, IV, Laboratório I e II. Então a gente reorganizou. [...] no currículo de 2004, que começou a vigorar em 2005, a gente reorganizou de novo, aí dando uma estrutura mais... definitiva. Então o Laboratório tinha que acontecer em escola ou, no mínimo, com alunos. Não podia ser uma coisa simulada. Porque, às vezes, até então se tinha dúvida se podia ser alguma coisa de aluno com aluno, se podia se fazer com colegas da graduação. Não, não podia, tinha que ser uma prática, envolvendo... vamos dizer assim, alunos de verdade. Eu me lembro que a xxxx insistia muito nisso. E... [pausa] então o fato é que: já vinha, dos anos 80, foi consolidado nos anos 90, foi mais consolidado em 2000 e mais ainda em 2004. E qual era a novidade de 2004? Tudo que se vinha fazendo agora estava

validado pelas diretrizes curriculares do Conselho Nacional de Educação. São as diretrizes de 2001. [...] E a maioria das licenciaturas da UFRGS teve um custo muito grande para se adaptar e nós, na Matemática, tivemos um custo pequeno, porque a gente já tinha essa experiência dos Laboratórios, mas, para nós, aquelas diretrizes foram muito importantes, porque a gente disse: “olha, isso aqui que a gente está fazendo não é algo que nós achamos importante. Está aqui o MEC dizendo que é importante”, então o MEC e o Conselho Nacional de Educação validando o que a gente vinha dizendo. [...] Então naquela época, daquela reforma, o curso de Licenciatura em Matemática foi uma das principais referências para a reforma das licenciaturas. Então, não tem como contar a história do curso sem falar disso. (Entrevista com a professora Elisabete Zardo Búrigo).

A incorporação da disciplina de Laboratório, em caráter experimental, e, depois, como disciplina obrigatória no currículo do curso, é corroborada pelo professor Marcus Basso em sua entrevista, inclusive referindo-se a mudanças ocorridas, passando a ser ofertados mais do que um Laboratório, sendo, atualmente, três disciplinas nesse formato, focadas em práticas de ensino e aprendizagem, com atuação de estudantes em escolas já antes das disciplinas de Estágio.

Apesar da progressiva consolidação das disciplinas de Laboratório dentro do curso de Licenciatura em Matemática, o marco que reconhece sua importância e que valida este processo é atribuído pela professora Elisabete ao momento em que passam a vigorar diretrizes curriculares do Conselho Nacional de Educação (CNE) e do Ministério da Educação do Brasil (MEC), de 2001. Essas diretrizes correspondem, especialmente, às quatrocentas horas de “[...] prática como componente

curricular, vivenciadas ao longo do curso [...]”, além das quatrocentas horas de “estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso” (BRASIL, 2002)<sup>29</sup>.

[...] então, como vinha uma política do Conselho Nacional de Educação e do MEC, a PROGRAD entendeu que era importante ter mais um professor da área de ensino. Aí tu vais dizer: “ah, isso não tem a ver com evasão, isso tem a ver com a reforma do curso”. Sim e não. Porque: todas as reformas das licenciaturas têm a ver com evasão. Provavelmente, se tu fores olhar nas diretrizes do MEC dessa época tu vais encontrar (Entrevista com a professora Elisabete Zardo Búrigo).

O destaque dado pela professora Elisabete e pelo professor Marcus às disciplinas de Laboratório relaciona-se à estruturação e valorização do curso. Este último aspecto teria se intensificado, também, segundo a professora Elisabete, dada a aprovação, em 2004, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática do IME, com a oferta do curso de Mestrado Profissional em Ensino de Matemática. Além disso, a fala da professora Elisabete estabelece uma relação intrínseca das reformas curriculares com a preocupação com a evasão de licenciandos, não apenas no âmbito do IME ou da UFRGS, mas também do Ministério da Educação. Ainda assim, como destaca o professor Marcus, a “[...] evasão no curso de Matemática sempre existiu e sempre foi uma preocupação das pessoas que coordenavam os cursos [...]”, o que indica que as reformas curriculares, embora sejam meios reconhecidos como influentes na minha incidência, podem não dar conta da sua complexidade.

Nesse sentido de valorizar o curso, com a preocupação quanto à formação profissional oferecida, o professor Marcus lembra do movimento da Educação Matemática

no Brasil, que teve influência na ação de algumas professoras do curso, preocupadas com a criação de disciplinas que fizessem “[...] uma vinculação entre uma prática reflexiva, uma prática dos estudantes acompanhada de reflexão, [...] preocupação de uma formação docente com esse olhar da educação matemática [...]”, em que se encaixam outras disciplinas como Psicogênese das Noções Matemáticas e Computador na Matemática Elementar, com destaque ao trabalho com a linguagem Logo. Ao referir-se às mudanças no curso, o professor Marcus destaca o papel das professoras mulheres:

[...] tem uma história bacana, assim, principalmente das mulheres, principalmente das mulheres, que faziam parte do corpo docente dos cursos de Licenciatura. É preocupação com evasão, preocupação com práticas reflexivas, de ensino e de aprendizagem de matemática, a evasão, enfim, permanência dos alunos no curso. Então é muito antiga essa trajetória dentro do Instituto de Matemática. E eu digo mulheres, porque principalmente foram as mulheres que fizeram isso (Entrevista com o professor Marcus Vinícius de Azevedo Basso).

Adiante, ao comentar sobre a reforma curricular mais recente do curso de Licenciatura em Matemática, a professora Elisabete menciona outro aspecto relacionado à reorganização curricular, que associa à preocupação em evitar a minha ocorrência.

Na reforma de 2015, aí o tema da evasão já estava muito forte. Nessa época o xxxxxx já era coordenador. Ele estava muito preocupado com isso. Então, quando a gente fez a reforma e desdobrou as disciplinas iniciais, por exemplo, em Racionais e Reais, ali tinha um intuito forte de, de evitar evasão. Isso era... bem notório (Entrevista com a professora Elisabete Zardo Búrigo).

Tratando de como as reformulações curriculares podem influenciar na permanência dos alunos no curso, o professor Marcus assim se manifesta:

É genial, se a gente olhar, se a gente pegar o currículo lá de 1980, olhar para o currículo de 1985, olhar para o currículo de 1993, 94 e, depois, olhar para o currículo de 2004 e colocar eles, assim, sabem, parear, seria genial fazer isso. A gente vai perceber claramente a mudança em termos percentuais, [...] uma mudança... chegando nesse equilíbrio, que eu acredito que é um equilíbrio que a gente tem hoje, entre disciplinas de uma formação para docência, então, com essa ideia mais recente da Educação Matemática e Docência e tal, que é [...] fortemente inspirada no trabalho do PIBID. Então, se a gente olha para o currículo de 1980 e olha para o de hoje, a gente vai ver nitidamente essa mudança, essa migração. Eu tinha quase que só matemática, e eu já vou pintar um pouco mais do de 80, eu tinha quase que só matemática, e hoje a gente tem uma coisa equilibrada. A gente tem uma formação matemática, a gente não descuidou da formação matemática do estudante, mas se valorizou muito a questão de disciplinas voltadas para educação matemática, para a docência de matemática, na formação inicial (Entrevista com o professor Marcus Vinícius de Azevedo Basso).

Sua fala contém referências de quando foi aluno do curso, nos anos 1980, e agora como professor, em que se posiciona com argumentos em defesa do currículo, destacando as diferenças em relação ao período anterior, quando não percebia essa valorização quanto à formação dos estudantes em disciplinas já relacionadas ao ensino no início do curso.

A “barreira do primeiro ano” é referida pelo professor Marcus associada a muitas razões, enfatizando uma

delas, a juventude, ou seja, o fato de os alunos entrarem muito jovens na Universidade e, assim, “[...] nem sempre aquela opção de curso é a opção que foi pensada, planejada”. E principalmente, destaca ele, quando a entrada para a Matemática era única, diferentemente do que é hoje em dia, com entradas exclusivas para o Bacharelado, para a Licenciatura e para a Licenciatura noturna.

Práticas no âmbito de atuação da Comissão de Graduação de Matemática foram destacadas pela professora Elisabete como tendo relação com a preocupação dos coordenadores com a minha incidência. A oferta de disciplinas em turnos alternados, para que um aluno que reprovasse pudesse realizar novamente a disciplina no semestre seguinte, em outro turno; as correções de matrículas como feitas manualmente pela COMGRAD-MAT; o aumento do número de vagas em disciplinas; e a avaliação caso a caso para concessão de quebra de pré-requisito, por exemplo, são destacadas pela professora como evidências de valorização de percursos alternativos dos alunos em suas trajetórias no curso. Nesse sentido, a professora ressalta sua percepção de que docentes que já exerceram a coordenação da COMGRAD-MAT muitas vezes têm sua atuação reconhecida pelos alunos na cerimônia de formatura.

Então eu acho que diferentes coordenações... e se tu fores perguntar para os alunos de cada época... E, aliás, eu até acho que é um sinal, viu? Tu vais encontrar muitos paraninfos, muitas vezes, o paraninfo e o professor homenageado eram os coordenadores da Comgrad. Por quê? Porque eram as pessoas que olhavam para esses percursos que destoavam do esperado... e tentavam resolver os problemas. Então essa era uma prática, será que isso está documentado? Não sei. Tem... é o tipo da coisa que tu só, só vais saber pela entrevista. Então as pessoas estavam preocupadas com evasão? Sim,

inclusive em processo de avaliação de validação de disciplinas que tinham sido feitas em outros cursos, na atenção que se dava aos processos de alunos, para revisão de conceitos e vários outros... (Entrevista com a professora Elisabete Zardo Búrigo).

Nesse trecho, a professora Elisabete menciona a possibilidade de haver práticas, especialmente no que diz respeito à atuação de parte da Comgrad, que vislumbram a permanência de alunos no curso, mas que não estariam formalmente registradas ou reconhecidas como meios para evitar a evasão de licenciandos em matemática, aspecto que evidencia possibilidade de investigação, para descobrir, como já dito antes, aquilo que está além dos registros formais das ações e que integra a história do curso.

As falas de alguns ex-alunos do curso<sup>30</sup> contribuem com a associação de outros aspectos à minha incidência, que não teriam sido contemplados nas publicações e nas falas trazidas até aqui.

[Em algum momento teve vontade de se desligar do curso de Licenciatura em Matemática? Por quê?] Sim, pois ser professor não é rentável (Cauan).

Não obtive êxito, pois tranquei o curso no primeiro semestre pois não consegui conciliar o trabalho com os estudos e o campus ficava muito longe da minha residência, na época eu morava em Eldorado do Sul tinha que acordar as 6h da manhã para trabalhar e do serviço ia direto pra faculdade voltando pra casa no ônibus da meia noite chegando em casa quase 1h da manhã (João).

[Em algum momento teve vontade de se desligar do curso de Licenciatura em Matemática? Por quê?] Não, mas desliguei devido ao ingresso ao Exército (Fabrício).

[Em algum momento teve vontade de se desligar do curso de Licenciatura em Matemática? Por quê?] Nunca tive vontade de desistir. [A que você atribui as dificuldades que teve no curso de Licenciatura em Matemática?] As dificuldades ficaram mais pelo pouco tempo em me dedicar (Adriana).

[Você não tem previsão de ano de conclusão do curso de Licenciatura em Matemática, pois] Era um sonho me formar pra poder trabalhar como docente em cursos de graduação! Mas, a família é mais importante que um sonho e ela estava sendo deixada em segundo plano! Lamento!! [Caso tenha tido alguma interrupção (trancamento de matrícula, afastamento) durante o curso, aponte qual(is) o(s) motivo(s) desta interrupção:] Questões de relacionamento com professores(as) do curso, Exigências absurdas! Desestimulador! Queria apenas aprimorar meus conhecimentos e cativar mais os meus alunos. Estudar eu gosto muito, mas tortura ninguém merece!!! [Em algum momento teve vontade de se desligar do curso de Licenciatura em Matemática? Por quê?] Decepção com a forma de desenvolver conteúdos! Ficar repetindo cadeiras como se eu tivesse 20 anos!!!! (Fernanda).

A partir dos trechos anteriormente escritos, é possível perceber que minha incidência pode ser associada a diferentes circunstâncias de realização da trajetória acadêmica. O caso de Cauan diz respeito ao aspecto do curso formar para uma profissão imersa num discurso de desvalorização e precarização – poderia citar, também, o termo proletarização, usado em Lima Jr. (2018) – capaz de levantar questionamentos acerca da decisão sobre qual curso de graduação realizar. Os casos de João, de Fabrício e de Adriana têm em comum a conciliação da realização do curso com outras atividades, mas diferem na forma como elas interferem na realização do curso por cada um. Esse aspecto, que fora observado

nas falas dos professores Elisabete e Marcus, também é recorrente em muitas pesquisas sobre o tema. Os fatores distância e deslocamento, que aparecem na fala de João, poderiam ser acrescidos a outros condicionantes para o aluno frequentar as aulas, como as condições financeiras para mobilidade e o acesso a materiais e equipamentos para estudo (como computador, por exemplo). Já o comentário de Fernanda atribui evasão não somente à conciliação do curso com outras atividades, mas à satisfação como aluna, sobre as exigências percebidas no curso e seu desempenho.

Em trabalhos sobre evasão universitária em outros contextos, podem ser encontradas categorias diversas para classificação da evasão quanto a suas “dimensões concretas”, como na publicação da Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras, de 1996, em que são apresentadas três dimensões para a evasão, quais sejam: “evasão de curso [...]”; “evasão da instituição [...]”; e “evasão do sistema [...]” (ANDIFES/ABRUEM/SESu/MEC, 1996, p. 16); como na elaboração de dimensões que englobam razões para a não permanência do aluno: “dimensão material”, “dimensão pedagógico-institucional” e “dimensão simbólico-subjetiva” (HOURI, 2016, p. 150-154); e até a existência de modelos de estudo, como as pesquisas de Tinto (1975, p. 2017). Não me detenho na avaliação sobre as causas que levaram à minha incidência nas trajetórias destes ex-alunos do curso, mas em expor sua variedade e o fato de serem indistintamente acumuladas na categoria de evadido. Se não consigo estabelecer no espaço desta Carta categorias ou um modelo sobre a minha incidência, espero, ao menos, mostrar o quão variado e ávido por estudo este assunto pode ser. Tendo tratado disso, volto-me agora para a problematização acerca de minha denominação.

Tão logo se acessa o Painel de Dados sobre graduação, pós-graduação, gestão de pessoas e assistência estudantil da UFRGS, encontra-se um Glossário<sup>31</sup> em que a evasão é conceituada como qualquer forma de desligamento de um aluno de um curso que não pela diplomação, similar àquele que consta no *App* sobre evasão no IME/UFRGS, no qual aluno evadido é o “Aluno não formado que saiu do curso”. Ou seja, o conceito de evasão adotado pela Universidade contempla casos de desligamento por iniciativa do aluno ou da Universidade: casos de abandono, de desistência de vaga, de falecimento, de jubramento<sup>32</sup> (de iniciativa da universidade, que ocorre quando o aluno atinge o prazo máximo concedido para realização do curso com o qual tem vínculo), de transferência interna (quando um aluno se transfere para outro curso da instituição), de transferência para outra universidade, dentre outros.

Em Houry (2016, p. 137) um questionamento sobre o uso do termo evasão consiste no seu possível entendimento, como aquele que confere ao indivíduo a iniciativa de uma decisão de saída. Em Barros (2016), que disserta sobre Evasão de licenciandos em Matemática de Institutos Federais do Rio Grande do Sul, fundamentado em Michel Foucault, surge o questionamento sobre o uso das palavras desistência e abandono como sinônimos para evasão, uma vez que é atribuído significado pejorativo ao termo, como se a saída precoce do curso estivesse sempre relacionada à iniciativa ou ao descaso daquele que sai.

Considerando isso, manifesto minha discordância com que minha denominação atual possa dar conta de tantos casos de saída de curso possíveis, uma vez que qualquer modalidade de saída é associada hoje em dia à evasão. Embora esse seja um dos motivos pelos quais me tornei conhecida, proponho uma revisão sobre o que compete a mim, Evasão, pois assumo a demanda

de todos os casos de não permanência no curso, quando, na verdade, tanto acredito que essa denominação seja mais apropriada a alguns casos de saída precoce do curso (e não todos), como acredito que a existência de outras denominações que auxiliem na compreensão das trajetórias de alunos do curso possa contribuir para o entendimento e para a proposição de ações voltadas para a permanência.

Encaminhando-me para o encerramento desta Carta, faço o enlace das evidências que pude mencionar aqui e que convocam a minha incidência. As menções a meu respeito não se valeram apenas de medidas e estatísticas, mas oportunizaram um vislumbre da imensidão de aspectos políticos, estruturais, institucionais, organizacionais e sociais em que este tema está imerso. Somado a isso, encontra-se tudo aquilo que constitui o processo de construção da trajetória acadêmica sob a ótica do aluno: a conciliação do curso com outras atividades, a atuação do docente universitário, a viabilidade e rentabilidade do investimento (em suas várias modalidades) de realização do curso, a formação, a profissão, o ensino, a aprendizagem, a educação, a matemática, entre outros tantos aspectos. Não surpreende, assim, a influência e a preocupação com relação aos discursos vigentes, dentro e fora da Universidade, sobre a profissão docente, o curso de Licenciatura em Matemática e a formação do licenciando em matemática pela UFRGS, sobre os quais referi tão brevemente. A menção a estes tópicos nesta Carta não é conclusiva, porém considero que seja útil para reforçar a importância e complexidade da minha incidência.

Finalmente, espero ter conseguido convencer sobre a minha importância e a relevância do estudo e da investigação sobre a minha incidência. Não me importo que surjam outros termos com os quais precisaria dividir os casos de saída do curso. Não me afetaria, nem mesmo,

ver minha incidência diminuída, ainda que isso me tirasse dos holofotes. Já me fiz atuante, agora careço de atenção, compreensão e, por que não?... popularidade. Só quero pedir por ter meus contornos definidos, já que percebo que poucos me compreendem ou conseguem me ver para além de um desfecho ruim de uma trajetória acadêmica. Quero ser lembrada e conhecida para que, quem sabe, isso venha a contribuir para se conhecer melhor o curso e seus alunos e para que eu possa, enfim, reduzir minha atuação ou guardá-la para casos de impermanência, casos em que a saída precoce do curso não se dê por um ônus, mas pelo bônus daqueles que se permitem mudar de ideia.

Certa de que receberei vossa atenção e grata desde então,

*Evasão A C de Licenciatura em Matemática da UFRJ*

33

Agradecemos às organizadoras Ana Lérica Gutierrez e Elisabete Zardo Búrigo pela acolhida para publicação desta Carta. Em especial, agradecemos à professora Elisabete Búrigo pelas sugestões quanto à composição da estrutura do texto.

## Referências

ANDIFES/ABRUEM/SESu/MEC. *Diplomação, Retenção e Evasão nos Cursos de Graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas*. Disponível em: [http://www.andifes.org.br/wp-content/files\\_flutter/Diplomacao\\_Retencao\\_Evasao\\_Graduacao\\_em\\_IES\\_Publicas-1996.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/Diplomacao_Retencao_Evasao_Graduacao_em_IES_Publicas-1996.pdf). Acesso em: 17 jul. 2019.

BARROS, André Matias Evaldt de. *Efeitos de Poder e Subjetivação dos Discursos de Evasão de Cursos de Licenciatura em Matemática do IFRS*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, UCS, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/1375#>. Acesso em: 23 maio 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. *Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 26 out. 2020.

CURRÍCULO LATTES. Vera Clotilde Vanzetto Garcia. CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8095104610010344>. Acesso em: 28 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GARCIA, Vera Clotilde Vanzetto. *Profissionalização do Professor de Matemática: limites e possibilidades para a formação inicial*. 1999. 328f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 1999. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87128>. Acesso em: 04 dez. 2018.

GARCIA, Vera Clotilde Vanzetto. Retrato Atual do Curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS e Plano de Ações Renovadoras. *Cadernos de Matemática e Estatística – Série F: trabalho de divulgação*. Porto Alegre, n. 06, jul. 1992.

HOURI, Mônica de Souza. *Evasão e Permanência na Educação Superior: uma perspectiva discursiva*. 2016. 358f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UFF, Rio de Janeiro, 2016.

KRAHE, Elizabeth Diefenthaler. *As reformas na estrutura curricular de licenciaturas na década de 90: um estudo de*

caso comparativo: UFRGS (Brasil) – UMCE (Chile). 2000. 221f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/108367>. Acesso em: 29 out. 2020.

LIMA JUNIOR, Paulo; BISINOTO, Cynthia; MELO, Nilce Santos de; RABELO, Mauro. Taxas longitudinais de retenção e evasão: uma metodologia para estudo da trajetória dos estudantes na educação superior. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 27, n. 102, p. 157-178, 2019.

LIMA JUNIOR, Paulo. Trajetórias de professores de ciências em tempo de proletarização. In: MASSI, Luciana; LIMA JUNIOR, Paulo; BAROLLI, Elisabeth (org.). *Retratos da docência: contextos, saberes e trajetórias*. Araraquara: Letraria, 2018. p. 435-472.

SILVA, Daniella Thiemy Sada; FISCHER; Maria Cecília Bueno. Criação e Implantação de um Curso de Licenciatura em Matemática Noturno: duas frentes de um mesmo lado. *Vidya*. Santa Maria, v. 39, n. 2, p. 565-584, jul./dez. 2019.

TINTO, Vincent. Dropout from Higher Education: a theoretical synthesis of recent research. *Review of Educational Research*, v. 45, n. 1, p. 89-125, jan. 1975.

TINTO, Vincent. Through the Eyes of Students. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, v. 19, n. 3, p. 254-269, dez. 2017.

UFRGS. Cursos. *Matemática*. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod\\_curso=335](http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=335). Acesso em: 25 jun. 2020.

UFRGS. IME. NAU. *Relatório Avaliação Interna: Licenciatura em Matemática*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1995.

UFRGS. *Painel de Dados*. Glossário. Disponível em: <https://www1.ufrgs.br/paineldedados/base/glossario>. Acesso em: 25 jun. 2020.

UFRGS. IME. *Projeto Pedagógico de Curso: Licenciatura em Matemática*. 2018.

UFRGS. RAAI. *13º Ciclo*: 2017. CPA. SAI. Porto Alegre: UFRGS, 2018a. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sai/raai-2017>. Acesso em: 19 ago. 2020. p. 190-197.

UFRGS. RAAI. *14º Ciclo*: 2018. CPA. SAI. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <https://ufrgs.br/sai/raai-2018>. Acesso em: 19 ago. 2020. p. 228-234.

UFRGS. RAAI: *15º Ciclo*: 2019. CPA. SAI. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sai/teste1/RAAI-2019Volume2finalsite.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020. p. 274-279.

UFRGS. *Resolução nº 11/2013*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucoes-normativas/resolucao-11-2013-1>. Acesso em: 01 jul. 2020.

UFRGS. SAI. 3º Ciclo: 2004/2005. IM. NAU. *Avaliação Interna 2005*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sai/avaliacao-interna/3o-ciclo/arquivos-3o-ciclo/MatematicaInstituto.de.doc>. Acesso em: 26 set. 2020.

UTPOTT, Gustavo Machado; BARBIAN, Márcia H. *App sobre evasão no IME/UFRGS*. Disponível em: [https://gustavo-utpott.shinyapps.io/Aplicativo\\_Evasao\\_por\\_semestre/](https://gustavo-utpott.shinyapps.io/Aplicativo_Evasao_por_semestre/). Acesso em: 15 jan. 2020.





NOTAS  
LISTA DE SIGLAS

## Notas

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Instituto de Matemática Pura e Aplicada.

<sup>3</sup>FRANTZ, Ricardo André. Instituto Parobé, um prédio histórico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2007. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Instituto\\_Parob%C3%A9\\_-\\_UFRGS.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Instituto_Parob%C3%A9_-_UFRGS.jpg). Licença Creative Commons: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt>. Acesso em: 15 out. 2020.

<sup>4</sup>Texto adaptado com autorização de PORTO DA SILVEIRA, José Francisco. *Antônio Rodrigues*. 2003. Disponível em: <http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/rodrig.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

<sup>5</sup> Comunicação pessoal de Elisabete Búrigo, em 24 de setembro de 2019, recebida por correio eletrônico.

<sup>6</sup> Comunicação pessoal de José Francisco Porto da Silveira, em 24 de outubro de 2020, recebida por correio eletrônico.

<sup>7</sup>Livro comemorativo dos 25 anos da Faculdade de Filosofia registra que, em 1947, Carlos Otto Daniel e Edgar Mário Wagner também integraram a terceira turma de licenciados em Matemática. O livro não traz registro sobre os alunos que concluíram o bacharelado em 1946 (HESEL; MOREIRA, 1967).

<sup>8</sup> Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

<sup>9</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>10</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>11</sup>POINCARÉ, Henri. *La science et l'hypothèse*. Paris: Flammarion, 1902.

<sup>12</sup> Bibliotecária do Instituto de Matemática entre 1967 e 1996.

<sup>13</sup> Sigla para *File Transfer Protocol*, utilizado em serviços de hospedagem e transferências de arquivos.

<sup>14</sup> Wilfred Kaplan e Donald J. Lewis.

<sup>15</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>16</sup> Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

<sup>17</sup> Companhia Estadual de Energia Elétrica.

<sup>18</sup> *Statistical Package for the Social Sciences*.

<sup>19</sup> Financiadora de Estudos e Projetos.

<sup>20</sup> Entrevista concedida à Rádio da Universidade em 2 de agosto de 2014 e transcrita por Dinara Fernandez, não publicada.

<sup>21</sup> Discurso proferido na cerimônia de Professora Emérita.

<sup>22</sup> Embora a docente tenha realizado publicações como Vera Clotilde Carneiro, opto por referir seus trabalhos com o nome que consta em seu Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8095104610010344>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

<sup>23</sup> Entenda-se currículo tal como apresentado no site institucional da UFRGS, um documento que informa: habilitação do curso; quantidade de créditos obrigatórios, eletivos, complementares e convertidos; e uma listagem de disciplinas por etapa do curso, com respectivos códigos, créditos, caráter (obrigatório, eletivo ou alternativo) e cargas horárias. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod\\_curso=335](http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=335). Acesso em: 29 jul. 2020.

<sup>24</sup> Em 2015, o Instituto de Matemática (IM) passa a assumir a denominação Instituto de Matemática e Estatística (IME).

<sup>25</sup> Os dados que constituem este retrato advêm da pesquisa de mestrado, sob autoria da primeira autora deste texto e orientação da segunda autora, defendida em setembro/2020. Na composição do retrato, foram considerados dados fornecidos pela COMGRAD-MAT e obtidos pelo App sobre evasão no IME/UFRGS, desenvolvido pela professora Márcia Barbian e pelo aluno Gustavo Utppott.

<sup>26</sup> As autoras comentam no artigo que a quantidade de diplomados mais próxima à mencionada pela professora no período contemplado em sua fala foi de 26, e não 27.

<sup>27</sup> Foram realizadas entrevistas individuais com ambos os professores, cuja transcrição conta com supressão declarada de trechos, indicação de ênfases na fala com sublinhado e de pausas curtas com "...". A entrevista com o professor Marcus foi realizada em duas partes, geralmente com ambas autoras presentes e transcrita com correções gramaticais e de marcas de oralidade. A entrevista com a professora Elisabete foi realizada em um único turno, sendo

conduzida pela primeira autora deste trabalho e transcrita com completamento de palavras, supressão de nomes próprios de terceiros citados, correções gramaticais e de marcas de oralidade. É importante mencionar como possíveis vieses de pesquisa, que, como participantes de entrevista como personagens do período abordado neste trabalho, o professor Marcus Vinícius de Azevedo Basso e a professora Elisabete Zardo Búrigo também acompanharam o desenvolvimento da pesquisa de mestrado sobre permanência e não permanência de alunos no curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS realizada pelas autoras deste Capítulo, desde sua constituição como projeto. A professora Elisabete, sendo membro titular das bancas de qualificação e defesa da pesquisa, e o professor Marcus, membro suplente da banca de defesa, estando ambos envolvidos com a pesquisa. A professora Elisabete ocupa, além disso, a posição de organizadora do livro a que se submete esta publicação e de pesquisadora da área.

<sup>28</sup> A COMGRAD-MAT também já foi conhecida como Comissão de Carreiras (COMCAR).

<sup>29</sup> Uma listagem de Pareceres do CNE com relação à carga horária de cursos de Licenciatura pode ser consultada em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12801-carga-horaria>. Acesso em: 26 out. 2020.

<sup>30</sup> As falas consistem em algumas respostas recebidas de ex-alunos do curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS, por meio do questionário online utilizado para construção de dados da pesquisa de dissertação de autoria da primeira autora deste artigo, com orientação da segunda autora. Os nomes associados a cada citação são fictícios e correspondem aos seguintes questionários: Cauan: questionário 65NPREV35; João: questionário 91NPREV26; Fabrício: questionário 101NPREV34; Adriana: questionário 105NPREV49; Fernanda: questionário 144NPREV65; Carlos: questionário 159NPREV40.

<sup>31</sup> Descrição obtida a partir do Glossário do Painel de Dados, disponível na página da UFRGS: <https://www1.ufrgs.br/paineldedados/base/glossario>. Acesso em: 25 jun. 2020.

<sup>32</sup> Resolução nº 11/2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucoes-normativas/resolucao-11-2013-1>. Acesso em: 01 jul. 2020.

<sup>33</sup> Assinatura da personagem Evasão de Alunos do Curso de Licenciatura em Matemática da UFRGS, criada pela relações públicas Andressa Ayako Sada da Silva, com uso de *software* de *design* gráfico, *Homemade Apple*, disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/](https://www.canva.com/pt_br/). Acesso em: 17 jul. 2019.

## Lista de Siglas

ADUFRGS	Sindicato Intermunicipal dos Professores de Instituições Federais de Ensino Superior do Rio Grande do Sul
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CEEE	Companhia Estadual de Energia Elétrica
CEPE	Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão
CIEAEM	Commission Internationale pour l'Etude et l'Amélioration de l'Enseignement des Mathématiques
CIENTEC	Fundação de Ciência e Tecnologia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COCEP	Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa
COMCAR	Comissão de Carreira
COMGRAD	Comissão de Graduação
CONRE	Conselho Regional de Estatística
CONSUN	Conselho Universitário
CPD	Centro de Processamento de Dados
CPOE	Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais
DAER	Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem
DEST	Departamento de Estatística

DMPA	Departamento de Matemática Pura e Aplicada
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENCE	Escola Nacional de Ciências Estatísticas
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
FCE	Faculdade de Ciências Econômicas
FDRH	Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos
FEDERASUL	Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul
FEPAM	Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
GEEM	Grupo de Estudos em Ensino de Matemática
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
IC-FUC	Instituto de Cardiologia – Fundação Universi- tária de Cardiologia
IEPE	Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
IM	Instituto de Matemática
IME	Instituto de Matemática e Estatística
IMPA	Instituto de Matemática Pura e Aplicada

<b>LEMAE</b>	Laboratório de Métodos Avançados em Estatística
<b>MAPEM</b>	Monitoramento Ambiental em Atividades de Perfuração Exploratória Marítima
<b>NAE</b>	Núcleo de Assessoria Estatística
<b>NGDoc</b>	Núcleo de Gestão Documental
<b>OMS</b>	Organização Mundial de Saúde
<b>PETROBRAS</b>	Petróleo Brasileiro S. A.
<b>PIBID</b>	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
<b>PRAE</b>	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
<b>PREMEM</b>	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio
<b>PREMEN</b>	Programa de Expansão e Melhoria do Ensino
<b>PROGRAD</b>	Pró-Reitoria de Graduação
<b>PUCRS</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<b>RAAI</b>	Relatório de Autoavaliação Institucional
<b>RBRAS</b>	Região Brasileira da Sociedade Internacional de Biometria
<b>RBS</b>	Rede Brasil Sul
<b>SBMAC</b>	Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional
<b>SEAGRO</b>	Simpósio de Estatística Aplicada à Experimentação Agronômica
<b>SEC</b>	Secretaria de Educação e Cultura
<b>SEITE</b>	Sistema Estadual de Informações Técnicas e Estatísticas do Estado do Rio Grande do Sul

SINAPE	Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCS	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo





ORGANIZADORAS  
AUTORES

## Sobre as Organizadoras

### Ana Lérica Pacheco Gutierrez

Técnica-administrativa do IME. Técnica em Biblioteconomia e licenciada em Letras pela UFRGS. Mestre e doutoranda em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE.

### Elisabete Zardo Búrigo

Professora titular do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Mestre em Educação e licenciada em Matemática pela UFRGS.

## Sobre os(as) Autores(as)

### Álvaro Krüger Ramos

Professor do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Doutor, Mestre e Bacharel em Matemática pela UFRGS.

### Artur Oscar Lopes

Professor titular do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Mestre e Doutor em Matemática pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada, bacharel em Matemática pela UFRJ.

### Daniella Thiemy Sada da Silva

Professora da rede municipal de ensino de Capão da Canoa, Rio Grande do Sul, Mestre em Ensino de Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### Dinara Westphalen Xavier Fernandez

Professora adjunta do Departamento de Estatística do IME. Doutora em Zootecnia pela UFRGS, Mestre em Estatística Aplicada à Experimentação Agrônômica pela Universidade de São Paulo, Bacharel em Estatística pela UFRGS.

### José Francisco Porto da Silveira

Professor aposentado no Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Depois da aposentadoria, atuou como docente convidado neste departamento até o final de 2020.

### Liane Werner

Professora titular do Departamento de Estatística do IME. Doutora e Mestre em Engenharia de Produção, Bacharel e Licenciada em Estatística pela UFRGS.

### Marcus Vinicius de Azevedo Basso

Professor titular do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Doutor em Informática na Educação, Mestre em Psicologia e licenciado em Matemática pela UFRGS.

### Maria Cecília Bueno Fischer

Professora do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mestre em Matemática e Computação Científica pela Universidade Federal de Santa Catarina.

### Miriam Telichevesky

Professora do Departamento de Matemática Pura e Aplicada do IME. Doutora, Mestre e Licenciada em Matemática pela UFRGS.

### Patrícia Kruse Klaser

Professora da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora, Mestre e Bacharel em Matemática pela UFRGS.

Este livro foi composto em Niveau Gothic para títulos  
e Arno Pro para textos sobre papel off-set 75 g/m<sup>2</sup>.



**Editoração e impressão:**

Gráfica da UFRGS  
Rua Ramiro Barcelos, 2 500  
Porto Alegre/RS  
(51) 3308-5083  
grafica@ufrgs.br  
[www.ufrgs.br/graficaufrgs](http://www.ufrgs.br/graficaufrgs)

As vivências cotidianas em uma instituição são fontes de memórias e histórias. As comemorações dos sessenta anos do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, em 2019, tornaram-se uma oportunidade para evocar lembranças sobre essa longa trajetória institucional. E o presente livro reflete e concretiza um encontro entre o desejo de lembrar e a oportunidade de captar, por meio dos textos, acontecimentos e protagonismos, em uma perspectiva local.

A coletânea de memórias do IME reuniu autores contemporâneos, com distintos olhares, que buscaram superar o esquecimento ao destacarem lugares, experiências e, principalmente, contribuições de personagens que representam o empenho coletivo, no sul do Brasil, para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão nas áreas da Matemática e da Estatística, bem como da gestão dessa unidade acadêmica. As camadas do tempo e da instituição assim reveladas convidam à leitura, trazendo ao presente o que foi reconstruído nos corações e nas mentes dos escritores.



**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL